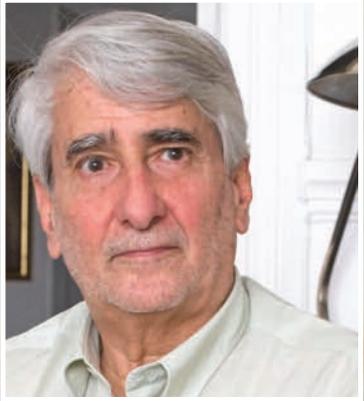


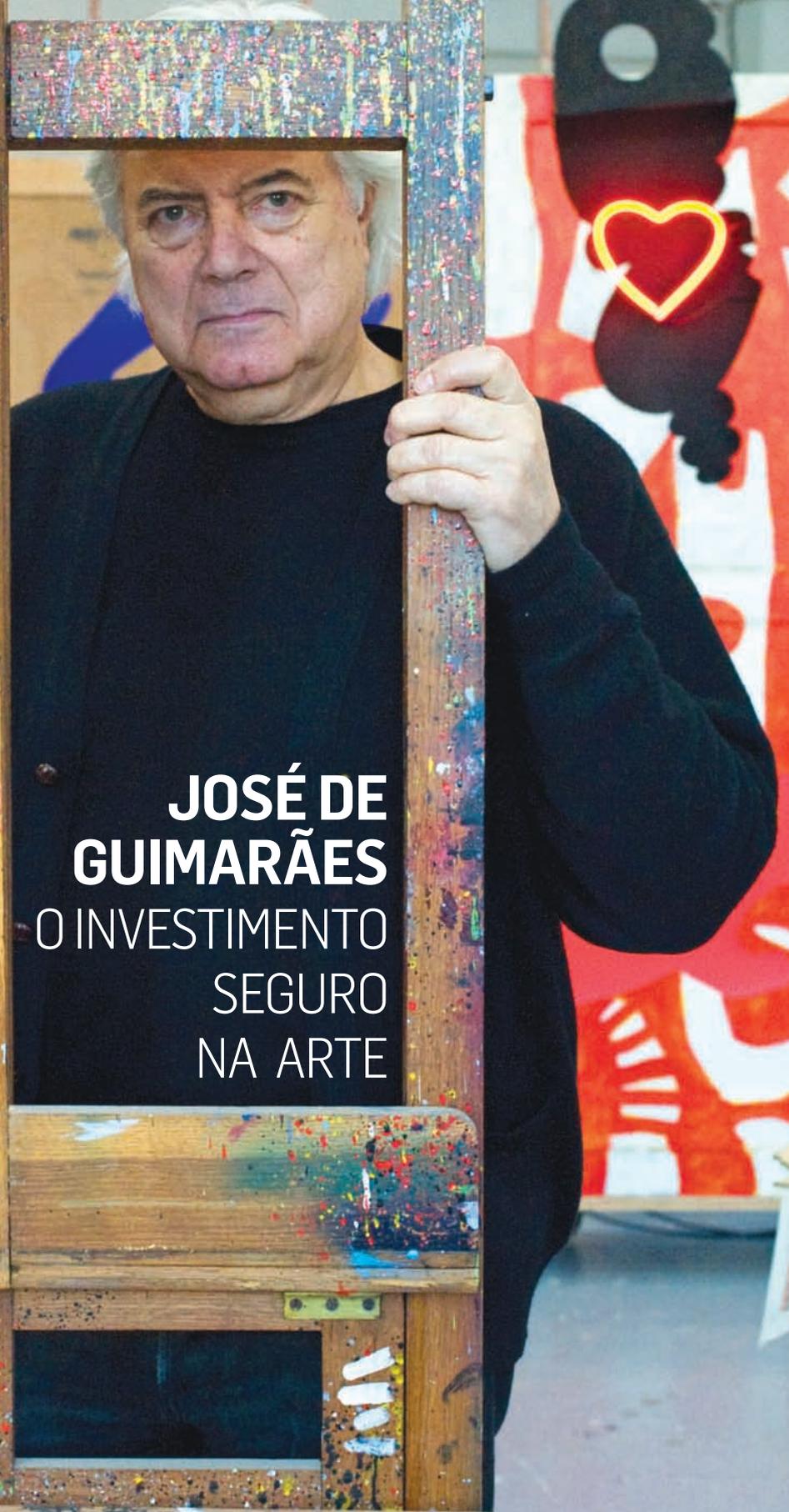


**SPAUTORES**

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES



**LUIS CÍLIA**  
Projecto de ópera  
com Mário de Carvalho



**JOSÉ DE  
GUIMARÃES**  
O INVESTIMENTO  
SEGURO  
NA ARTE

REVISTA DA SPA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES | Nº30 (ABRIL/JUNHO)2011



**SPA CONTINUA A LUTAR PELA LEI DA CÓPIA PRIVADA**



# SEM AUTORES NÃO HÁ CULTURA

**86 ANOS EM DEFESA DOS SEUS DIREITOS**





N.º: 30  
Abril/Junho 2011  
SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: José Jorge Letria

Direcção Executiva e Coordenação:  
José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: Administração e Direcção da SPA,  
Edite Esteves (EE), Francis Gurry, José Jorge  
Letria, José da Ponte, Maria João Seixas,  
M. Vinhas (MV), Urbano Tavares Rodrigues e  
Viriato Teles

Direcção de Arte e Design: José Maria  
Ribeirinho

Fotografia: Arquivo da CISAC, Arquivo da  
SPA, Arquivo do Teatro Aberto, Contraste e  
Lucília Monteiro, Direitos Reservados (D.R.),  
José Pedro Santa Bárbara e Luís Filipe  
Catarino/Presidência da República

Design e tratamento de imagem:  
JM Design&edições  
www.jm-designedicoes.com

Propriedade:  
Sociedade Portuguesa de Autores  
Av. Duque de Loulé, 31  
1069-153 Lisboa  
Tel: 21 359 44 00  
Fax: 21 353 02 57  
email: geral@spautores.pt  
site: www.spautores.pt

NIF.: 500257841  
ICS: 100206  
Tiragem: 3000  
Periodicidade: Trimestral  
Distribuição: Gratuita

Impressão e Expedição:  
António Coelho Dias, S.A.

Depósito Legal: 224 872/200

**SPA 86 anos**

A nossa casa  
A nossa causa

## Sumário

A celebração do 86.º aniversário da SPA e, simultaneamente, do Dia do Autor Português é um dos momentos altos deste período. Como sempre acontece, a homenagem prestada pela cooperativa a autores e entidades que difundem a obra dos autores e os seus direitos constitui um marco, no dia 22 de Maio, data da fundação desta casa. Contudo, por razões de calendário, este ano, a sessão solene decorrerá na sexta-feira anterior, dia 20. O programa da festa, que culmina com a atribuição do Prémio Consagração de Carreira 2011 ao realizador, guionista e jornalista Luís Filipe Costa, encontra-se delineado nas páginas centrais desta edição.



Para a história da SPA fica aqui registada a reportagem da sessão de esclarecimento sobre a nova lei da Cópia Privada, que decorreu na “catedral dos autores”, como lhe chamou a ministra da Cultura, e que trouxe luz acerca do conteúdo e do futuro andamento do diploma ora congelado por causa da demissão do governo. O debate reuniu mais de duas centenas de autores e convidados para ouvirem os esclarecimentos pormenorizados de Gabriela Canavilhas e da sua equipa. Em destaque neste número figura o julgamento, a decorrer desde 3 de Maio, da autora Margarida Fonseca Santos e dos ex-Directores do Teatro Nacional D. Maria II, Carlos



Fragateiro e José Manuel Castanheira, acusados pelos sobrinhos do ex-director da PIDE, Silva Pais, de “difamação e ofensa à pessoa falecida”, a propósito da adaptação a teatro do livro “A Filha Rebelde”, de José Pedro Castanheira e Valdemar Cruz, em cena naquela sala de espectáculos em 2007. Aqui podem ler-se depoimentos de todos os arguidos. Os dois primeiros visados neste processo-crime sem igual após o 25 de Abril estão a ser defendidos pelo director do Departamento Jurídico da SPA, Lucas Serra, e o terceiro, pelo então advogado do Teatro Nacional, Vítor Ferreira, que acompanhou

todo o projecto. Três grandes entrevistas preenchem 20 páginas desta “Autores”: uma ao pintor, escultor, engenheiro, arquitecto, antropólogo, etnólogo e grande colecionador de arte José de Guimarães, outra a Luís Cília, cuja obra é uma referência na história da canção política portuguesa e que continua a compor para teatro, cinema e bailado, e uma terceira a Francisco José Viegas, escritor e jornalista, que nasceu numa aldeia, onde aprendeu a ler no jornal, à lareira, depois da neve e cresceu numa

cidade interior, onde leu tudo o que havia para ler. Em foco, uma exposição de Carlos Gil – O Abril das Chegadas, o Abril dos Artistas, com que a SPA assinalou o 25 de Abril. Três Mensagens, aqui divulgadas, levam assinatura: Maria João Seixas escreve a Mensagem da SPA para o Dia do Autor Português, Urbano Tavares Rodrigues assina a Mensagem da SPA para o Dia Mundial do Livro, e Francis Gurry apõe o seu nome na Mensagem do Dia Mundial da Propriedade Intelectual. Como artigo de fundo, publica-se nesta “Autores” um texto do administrador José da Ponte, que pormenoriza “O Papel da SPA no Audiovisual”, apresentando “Esclarecimentos e Reflexões pensando no futuro”. Entre os autores e cooperadores da SPA distinguidos fora da cooperativa, menção para os quatro autores laureados com a Ordem da Liberdade: Isabel da Nóbrega, Maria Velho da Costa, Luís Filipe Costa e Pedro Osório. Destaque também para o membro da Direcção da SPA Carlos Alberto Moniz, cujo programa televisivo na RTP “Portugal sem Fronteiras” recebeu em Londres o Prémio para o Melhor Programa de Televisão do Ano para as Comunidades Portuguesas, e ainda para a escritora Lídia Jorge, galardoada com o Prémio da Latinidade 2011 e para o poeta e autor de livros para crianças Manuel António Pina, ambos cooperadores da SPA. De entre as diferenciadas actividades culturais promovidas pela SPA nas suas instalações, esta “Autores” realça as duas Tertúlias em torno das Artes do Espectáculo, organizadas por Isabel Medina – a primeira com Vitorino e Carlos Mendes, que falaram sobre os bastidores da composição de canções, e a segunda com Luís Castro e alguns membros do Karnart, para introduzirem o conceito de Perfinst, que defendem e utilizam. Finalmente, espaço para o retorno à TVI24 do programa “Autores” da SPA.



A SPA CUMPRE O SEU 86º ANIVERSÁRIO num quadro de aguda e preocupante crise económica, financeira e social. É sabido que, em tempo de crise, a cultura e os seus agentes se encontram sempre entre os mais afectados, dado que os consumos culturais se reduzem e os assuntos deste sector deixam de ter relevância no quadro das chamadas prioridades nacionais.

Exactamente por isso, a SPA tudo tem feito e continuará a fazer para estar apta a responder aos múltiplos problemas que a presente crise agrava e agudiza. No plano interno, a prioridade absoluta é o aumento das cobranças e a redução das despesas, objectivos centrais para quem pretende manter as contas da cooperativa equilibradas e assegurar a manutenção dos postos de trabalho. No plano externo, a SPA continuará a apostar numa presença regular e prestigiante da sua imagem e do seu património de cultura no espaço mediático, com destaque para a televisão e rádio, onde tem obtido largo reconhecimento nos últimos dois anos.

Ainda no plano externo, destaque-se o reforço da presença

**MAIS DO QUE NUNCA, OS AUTORES PORTUGUESES DEVERÃO ESTAR UNIDOS E CONCENTRAR AS SUAS ENERGIAS NO ESSENCIAL E NÃO NO ACESSÓRIO, SOB PENA DE ENFRAQUECEREM A ESTRUTURA QUE OS REPRESENTA E DEFENDE. NO FUNDO, TRATA-SE, HOJE E SEMPRE, DE UNIR OS AUTORES E GARANTIR O FUTURO**

sulte ele de que maioria resultar, que faça entrar em vigor a nova Lei da Cópia Privada e a Lei Anti-Pirataria, bem como a criação de condições para que o Gabinete de Exportação de Música Portuguesa, em fase de instalação, se transforme numa realidade palpável, num tempo em que

é imperioso exportar mais do que importar, disso dependendo a capacidade de recuperação económica do País.

Num momento em que homenageia, como sempre acontece no mês de Maio, autores e entidades que difundem a obra dos autores, a SPA encara o futuro com natural preocupação e apela, como tem vindo a fazer, ao reforço da unidade dos

criadores portugueses, condição indispensável para que a nossa cooperativa não perca a sua capacidade negocial, a sua presença respeitada em vários sectores da sociedade e sobretudo a capacidade de garantir o amanhã de todos os que nela acreditam e nela buscam apoio e a protecção dos seus direitos. Mais do que nunca, os autores portugueses deverão estar unidos e concentrar as suas energias no essencial e não no acessório, sob pena de enfraquecerem a estrutura que os representa e defende. No fundo, trata-se, hoje e sempre, de unir os autores e garantir o futuro.

# SPA atenta e combativa num Portugal em crise profunda

da SPA nos fóruns internacionais de direito de autor, sendo de realçar o facto de, na Primavera de 2012, realizar-se em Lisboa, com a cooperativa como anfitriã, a assembleia anual do Comité Europeu da CISAC, a segunda maior reunião anual daquela confederação mundial.

Entretanto, a SPA encara com preocupação e expectativa o modo como o governo saído das eleições de 5 de Junho irá lidar com os assuntos da área da cultura. Publicamente, a SPA já deixou clara a sua posição de condenação da ideia propalada por pelo menos uma força política de que a cultura deve deixar de ter estatuto de Ministério no Governo e passar a ser tratada ao nível de Secretaria de Estado. Tal hipótese, a concretizar-se, representaria uma grave despromoção da cultura e dos seus agentes, com todas as consequências daí decorrentes, a nível orçamental e da decisão política.

Por outro lado, a SPA irá exigir ao próximo governo, re-

*Maio de 2011  
A Direcção e a Administração*

## A SPA NÃO CRUZARÁ OS BRAÇOS PERANTE A CRISE

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA SPA considera que o notório agravamento da crise política, económico-financeira e social se irá reflectir de forma ainda mais negativa nas condições de vida dos autores portugueses, já de si tão degradadas. As consequências deste agravamento estão a ser objecto de análise e reflexão por parte da estrutura responsável pela gestão da cooperativa.

Nos próximos tempos, com o país dependente da ajuda externa, irão diminuir significativamente os consumos culturais, fonte de receita regular para os autores de várias disciplinas, bem como a capacidade de pagamento atempado por parte de um grande número de usuários por todo o país. Tanto uma situação como a outra serão altamente penalizadoras para a SPA e para os autores que representa.

Para além disso, a crise política em curso inviabilizou o processo de entrada em vigor de importantes diplomas como a nova Lei da Cópia Privada e a Lei Anti-Pirataria, ambas essenciais para a defesa dos direitos dos autores e para a criação das receitas a que legitimamente têm direito. A SPA continuará a envidar todos os esforços no sentido de que os titulares do poder político, no presente e no futuro próximo, não deixem de assumir as responsabilidades que têm em relação aos criadores culturais. Não é justo nem tolerável que, por um lado, lhes peçam para criarem riqueza e ajudarem a desenvolver a economia e, por outro lado, lhes retirem o apoio de que necessitam para fazerem prevalecer os seus direitos.

A SPA, em fase de modernização dos seus serviços e de recuperação da sua situação financeira, está consciente de que o seu contributo para a resolução da presente situação é bastante limitado, mas nem por isso pactuará com qualquer forma de passividade ou de resignação. É ainda cedo para se poder prever a dimensão dos danos causados pela actual situação do país na vida dos autores e da instituição que

os representa. Mas nada de bom se deverá antever. As sombras que pairam no horizonte são de tempestade e não de bonança.

Naquilo que depender dos seus recursos humanos e materiais, da sua competência técnica e do seu modelo de gestão, a SPA tudo continuará a fazer no sentido de assegurar aos cooperadores, e aos associados em geral, as condições de apoio, de assistência e de esclarecimento que fazem parte da sua obrigação institucional e orgânica. No entanto, a Direcção e a Administração da cooperativa apelam à sensibilidade dos cooperadores no sentido de que compreendam a dimensão das dificuldades que a todos se irão deparar, de que se mantenham unidos em torno desta instituição que os representa e defende e de que assumam os deveres de solidariedade consagrados nos Estatutos, designadamente no que se refere à obrigatoriedade de fazerem passar pela SPA a totalidade dos seus contratos.

Oportunamente, serão anunciadas algumas medidas destinadas ao reforço da capacidade de intervenção da SPA no mercado, ao aumento da sua capacidade de negociação com os operadores, ao aumento das cobranças e à redução das despesas a ainda ao fortalecimento do apoio aos mais carenciados.

A SPA já viveu e superou, ao longo da sua história, outros momentos de crise, mas, seguramente, nenhum com esta dimensão e gravidade. Unidos, seremos capazes de assegurar o futuro desta instituição que completa 86 anos de vida no próximo dia 22 de Maio, recordando aos autores e à sociedade em geral que não pode existir cultura sem autores e que a saída desta crise profunda também tem de passar por eles, pela sua unidade efectiva e pela sua esperança no futuro.

Lisboa, 12 de Abril de 2011  
O Conselho de Administração

### RELATÓRIO E CONTAS DE 2010 APROVADO COM EXPRESSIVA VOTAÇÃO

O Relatório e Contas da gerência de 2010 da SPA foi aprovado, em assembleia-geral ordinária realizada no passado dia 29 de Março, com 141 votos a favor, 5 abstenções e 2 votos contra. Recorde-se que as contas de 2010 apresentaram um resultado líquido positivo de 747.235€ e um aumento nas cobranças efectuadas na ordem dos 2.209.094€, o que representa um crescimento de 6,21% relativamente ao ano de 2009. Numa assembleia-geral extraordinária

realizada na mesma data foi aprovada a adesão da SPA à SAA (Society of Audiovisual Authors), com sede em Bruxelas, à Plataforma Portuguesa para a Diversidade Cultural, de que a nossa cooperativa tem sido uma das principais dinamizadoras, e à Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES), estrutura cooperativa de âmbito nacional que vai congrega todas as organizações deste sector, numa perspectiva dinâmica de cooperação e entajuda no quadro de um conceito moderno de economia social.

Lisboa, 30 de Março de 2011  
O Conselho de Administração

### REGISTO SIGNIFICATIVO DE AUMENTO NAS DISTRIBUIÇÕES

Na sequência do esforço de modernização tecnológica e de melhoria dos serviços prestados aos sócios, a SPA alcançou um significativo aumento das distribuições de direitos aos autores em 2010. Desta forma, a Administração congratula-se com o facto de no ano anterior terem sido distribuídos mais 5.044.348 euros de direitos do que em 2009, tendo o total de direitos de autor distribuídos aos sócios da SPA atingido os 28.806.362 euros.

O aumento, que contraria a tendência actual de quebra verificada ao nível dos consumos culturais, ficou a dever-se, entre outros aspectos, a uma melhoria da eficiência, da celeridade e da qualidade dos processos e mecanismos relativos à documentação e à distribuição, por via da informatização, bem como à regularização das contas de direitos pendentes de distribuição.

Lisboa, 25 de Março de 2011  
O Conselho de Administração

### ACÇÕES DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO SOBRE DIREITOS DE AUTOR

## SPA VAI JUNTO DAS ESCOLAS E DAS AUTORIDADES POLICIAIS

Um pouco por todo o país, a SPA tem procurado esclarecer os portugueses sobre o que são os Direitos de Autor e as consequências que acarreta a falta de pagamento desse "salário" dos criadores, privilegiando, mormente, os jovens estudantes e os professores de várias escolas, por um lado, e as autoridades policiais, por outro.

As acções de informação junto das escolas têm como objectivo educar desde cedo a população para um direito que assiste aos autores, como fazedores de uma obra ou de uma prestação de serviço criativo, fazendo compreender porque é que não se deve utilizar simplesmente qualquer produto cultural, seja música, desenho ou texto, retirado de uma das plataformas existentes, analógicas ou digitais, sem ter de pagar uma percentagem ao seu autor.

Quanto às acções de informação e formação junto das autoridades policiais, o porquê é fácil de deduzir: são elas que se confrontam diariamente com esse crime de "pirataria", sem saberem, às vezes, como actuar em conformidade, de acordo com a lei.

Neste sentido, o advogado Lucas Serra, assessor da Administração e Director dos Serviços Jurídicos da SPA, esteve, no passado dia 19 de Abril, em reunião no Comando da Maia da PSP, e a 29, na Escola Secundária de Cantanhede.

No dia 6 de Maio, Lucas Serra orientou, em representação da SPA, uma sessão de formação junto do Agrupamento de Escolas da Carapinheira, sob o tema "Navegar na Internet...100 Riscos", que contou também com a presença da Polícia Judiciária e da GNR.

O Destacamento da GNR de Torre de Moncorvo recebeu o representante da SPA no dia 19 de Maio e, no dia seguinte, 20, foi a vez da Escola E.B. 2/3 de Febres ouvir os esclarecimentos sobre Direitos de Autor.

Lucas Serra identifica três sectores prejudicados pela usurpação dos direitos de autor: a música, o cinema e a literatura, que "começa a ter bastantes prejuízos", devido aos e-books.

"A digitalização das obras em conjugação com a Internet, os downloads e uploads que desrespeitam os direitos de autor e a pirataria nas feiras são preocupações da cooperativa", referiu Lucas Serra, sublinhando que a Sociedade Portuguesa de Autores aposta na "prevenção" e no "esclarecimento" da sociedade para superar estes obstáculos que, cada vez mais, ameaçam os autores. *EE*

ACORDO GOOGLE REJEITADO

# O Direito de Autor está de parabéns

FOI FINALMENTE PUBLICADA, no passado dia 22 de Março, a tão aguardada decisão do Tribunal de Nova Iorque, rejeitando a moção para aprovação final do chamado Acordo Google entre a Google e as associações americanas de autores e editores.

O acordo proposto foi fortemente criticado por vários sectores. Cerca de 6800 titulares de direitos apresentaram notificações de renúncia (“opt-out”), e o tribunal recebeu mais de 500 objecções.

O juiz designado, Denny Chin, decidiu que o acordo proposto não era “justo, adequado nem razoável”. A decisão do juiz baseou-se, entre outras coisas, no argumento de que as questões relevantes em matéria de Direito de Autor não deveriam ser definidas no contexto de um acordo, mas sim pelo legislador. O juiz Chin também se demonstrou bastante preocupado com o facto de o acordo proposto permitir utilizações, por parte da Google, sem necessidade de obter o consentimento prévio dos titulares de direitos. Além disso, o facto de o acordo – inclusivamente na sua versão alterada – abranger obras estrangeiras também foi considerado um factor problemático. Chin teve expressamente em consideração as objecções apresentadas pelo Governo Federal e por titulares de direitos europeus. Em conclusão, o juiz Chin salientou que um acordo ao abrigo do qual autores e editores pudessem participar através de uma opção de

adesão (“opt-in”) em vez de, como se verificava anteriormente, estarem automaticamente abrangidos pelo acordo a não ser que ao mesmo se opusessem expressamente, teria muitas mais hipóteses de ser aprovado pelo tribunal. Mais especificamente, o juiz Chin sugeriu que muitas das preocupações formuladas nas objecções poderiam ser atenuadas com uma simples alteração, nomeadamente “se o Acordo Alterado (ASA - Amended Settlement Agreement) fosse convertido num acordo “opt in”, em vez de permanecer um acordo “opt-out” (...)”, tendo apelado às partes que ponderassem “rever o ASA em conformidade”. Chin afirmou ainda que “enquanto a digitalização de livros e a criação de uma biblioteca digital universal beneficiariam muitas pessoas, o ASA iria, simplesmente, demasiado longe. De facto, o ASA asseguraria à Google uma vantagem significativa sobre os concorrentes, recompensando-a pela reprodução massiva de obras protegidas pelo Direito de Autor, sem autorização, ao mesmo tempo que daria origem a reivindicações largamente superiores às apresentadas no presente processo”.

Simultaneamente, Chin fixou a data de 25 de Abril de 2011 para a realização de uma audiência preliminar com as partes, que provavelmente fornecerá informações sobre a evolução futura do processo.

A decisão representa uma grande vitória para o Direito de Autor. Tal não significa, contudo, que o Direito de Autor constitua um obstáculo aos planos de digitalização das bibliotecas que, no entanto, devem basear-se no respeito pela legislação existente. Isto também se aplica à utilização de obras órfãs, cujos titulares de direitos não são conhecidos, ou às obras esgotadas, que já não se encontram disponíveis comercialmente. Cabe ao legislador decidir sobre as condições em que tais obras podem ser disponibilizadas.

Recordamos que, em 2005, a empresa norte-americana Google foi processada por associações de autores e editores, na sequência da digitalização massiva de colecções de livros de bibliotecas americanas. No Outono de 2008,



as partes chegaram a acordo, acordo esse que foi apresentado ao Tribunal de Nova Iorque, o órgão jurisdicional competente para apreciar o caso, para aprovação. Face às críticas constantes de que a proposta de acordo original foi alvo, as partes apresentaram ao tribunal, em Novembro de 2009, um acordo alterado, cuja equidade constitui o objecto do presente julgamento.

## ABERTOS NOVOS HORIZONTES DE COOPERAÇÃO E TRABALHO EM PARCERIA

### SPA ADERE À COOPERATIVA ANTÓNIO SÉRGIO PARA A ECONOMIA SOCIAL (CASES)

A SPA passou a integrar a recém-criada Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES), que surgiu na sequência da extinção do Instituto António Sérgio, em finais do ano passado. A criação desta nova estrutura cooperativa tem em vista um conjunto de acções prioritárias destinadas, nomeadamente, ao reforço das parcerias entre o Estado e o sector social. A adesão da SPA à CASES foi decidida em assembleia-geral extraordinária realizada no passado dia 29 de Março. Ao integrar esta super-cooperativa, a SPA passa a ter possibilidade de utilizar linhas de crédito bonificado para o desenvolvimento da

sua actividade com valores que poderão atingir os 100 mil euros. Por outro lado, integrando a CASES, poderá a SPA trabalhar em parceria com cooperativas de outros sectores, possibilidade que lhe assegurará o acesso regular a bens e serviços em condições mais vantajosas.

A Administração da SPA está convicta de que os tempos que se estão a viver poderão ser encarados de forma mais positiva e prática no quadro dos horizontes abertos para a economia social. Recorde-se que a Sociedade Portuguesa de Autores nasceu em 22 de Maio de 1925, com o estatuto de cooperativa, o qual se manteve até à actualidade e se manterá no futuro, designadamente para acentuar e aprofundar as vertentes assistencial e mutualista do trabalho desta instituição.

Lisboa, 8 de Abril de 2011  
O Conselho de Administração

## PROVIDÊNCIAS CAUTELARES CONTRA WEBTVS

A Sociedade Portuguesa de Autores tem vindo, desde Janeiro de 2010, a promover junto das webtv's nacionais, e de uma forma individualizada, uma campanha informativa sobre a necessidade de obterem o licenciamento necessário à utilização de obras protegidas pelo Direito de Autor. Na maioria dos casos, a SPA deparou-se com um total desconhecimento, por parte destes operadores, sobre a necessidade de obterem as autorizações previstas no Código de Direito Autor e dos Direitos Conexos (Artº68, ponto 2, alíneas e) e j), e Artº149 a 156). Dado o facto de, apesar da prestação de toda a informação relevante,

se terem continuado a verificar utilizações não autorizadas de obras do nosso repertório de gestão, a SPA viu-se obrigada a intentar um conjunto de acções judiciais (providências cautelares) contra algumas das referidas webtv's. A SPA continuará a desenvolver acções de sensibilização junto das diversas plataformas on-line, mas nunca poderá deixar de acautelar, sempre que necessário, e da forma entendida como mais adequada, o licenciamento e a respectiva cobrança de Direitos, no que diz respeito à utilização das obras cuja gestão lhe foi confiada. O objectivo da SPA não é inviabilizar negócios ou projectos, mas sim que seja pago um valor justo pela mais-valia que representa para os mesmos a utilização das obras pertencentes aos autores nossos representados.

## Programa MEDIA está ameaçado



Numa altura em que a Comissão Europeia está a preparar a sua proposta para o próximo quadro financeiro que entrará em vigor depois de 2013, a independência e o orçamento do Programa MEDIA, que apoia a indústria audiovisual europeia, vê-se ameaçada.

Com o objectivo de preservar a independência do Programa MEDIA e o orçamento para o período após 2013, os cineastas europeus apelam à adesão de uma petição, cujo texto publicamos na íntegra em anexo, a qual foi lançada pela ARP - Sociedade Civil de Autores, Realizadores e Produtores (<http://www.larp.pr/home/?p=2257>) e que está online também no Portal da SPautores.

### PETIÇÃO DOS CINEASTAS PARA SALVAGUARDAR A INDEPENDÊNCIA DO PROGRAMA MEDIA

A Comissão Europeia decidiu suprimir a independência do Programa MEDIA.

A preocupação quanto a esta supressão estende-se para lá das paredes do Berlaymont, a torre de vidro em Bruxelas onde está situada a sede da Comissão Europeia.

Nós, realizadores e produtores europeus, estamos extremamente preocupados com a forma como o Programa MEDIA está a ser posto em causa.

Este Programa, criado há 20 anos, contribuiu para a construção de uma verdadeira indústria cinematográfica europeia e para a criação de obras maiores que fazem, actualmente, parte integrante do património europeu e que, sem ele, nunca teriam sido criadas. Dois terços do seu orçamento destinam-se a melhorar o processo de distribuição dos filmes europeus, através da concessão de apoios a operadores (rede Europa Cinemas) e distribuidores independentes. A distribuição de filmes europeus torna-se ainda mais necessária à educação do público mais jovem e à criação de gostos culturais diversificados, num contexto que se está a tornar cada vez mais estereotipado e num ambiente audiovisual altamente competitivo, que envolve os principais intervenientes de outros continentes.

Mais recentemente, o Programa MEDIA demonstrou uma grande capacidade de resposta, ao encontrar recursos financeiros que permitiram a aquisição de equipamento digital por parte dos cinemas de países europeus em que os auxílios estatais são mais baixos, o que constitui uma vantagem fundamental para a distribuição cinematográfica.

O Programa MEDIA, através dos seus apoios ao desenvolvimento de projectos e acções de formação, tem contribuído para a criação de verdadeiras redes de produtores europeus geradoras de co-produções, graças às quais os filmes têm visto a sua distribuição garantida nos países de origem dos co-produtores. Recentemente, o Programa criou, aliás, um fundo que permitirá a mobilização dos bancos, pelos produtores cinematográficos europeus.

Nós, cineastas europeus, respondemos recentemente a um questionário com o objectivo de manter e desenvolver este Programa.

Lamentamos o facto de a Comissão Europeia se ter limitado a suprimir os benefícios, reduzindo o crédito e pondo fim à especificidade do Programa MEDIA, em vez de conceder os meios necessários à renovação do Programa e ponderar, juntamente com os Estados-membros, sobre outras formas de financiar o Programa para além das contribuições dos Estados-membros (através de um sistema fiscal europeu adicional). Recusamo-nos, pura e simplesmente, a permitir a supressão do Programa MEDIA, ou mesmo a vê-lo fundido com outro programa mais abrangente.

Apelamos ao Presidente da Comissão Europeia para que aceite receber uma delegação de cineastas europeus, e a fazê-lo com a maior brevidade possível.

Naturalmente, esta ameaça ao Programa prejudica gravemente a criatividade e a cultura, pilares da nossa identidade e dos nossos valores europeus.

Conformarmo-nos com ela seria dar-mo-nos já por vencidos nesta grande luta pela promoção da diversidade e riqueza das produções audiovisuais europeias, pela nossa cultura, pela nossa forma de viver e de pensar, bem como pela defesa dos postos de trabalho e das várias indústrias europeias que são defendidas através das nossas imagens.

Esta é uma convicção que desejamos partilhar com os construtores desta Europa.

### APELO AOS OPERADORES PARA DIFUNDIREM E RESPEITAREM OS TÍTULOS DAS OBRAS E O NOME DOS AUTORES

Exmos. Senhores,

À semelhança do que aconteceu em 2010, voltamos a dirigir-vos um apelo em nome de milhares de autores que a SPA representa, no sentido de que seja dignificada na vossa programação a autoria das obras difundidas.

Além de terem direito a auferir os direitos correspondentes à utilização das suas obras, os autores têm o direito moral de ver mencionada a sua autoria sempre que obras suas são utilizadas.

Porém, tem-se agravado a tendência, por parte dos operadores de rádio e televisão, salvaguardadas algumas honrosas excepções, para omitirem essa referência básica e irrenunciável, até à luz do que a Lei determina.

Com efeito, raramente nas emissões de rádio e televisão surge qualquer menção aos autores das obras difundidas, sejam elas musicais ou audiovisuais, consoante o meio de difusão. De tal modo assim é, que o público tende a confundir, em regra, os intérpretes com os autores, o que, para além de desvirtuar a realidade, é lesivo dos interesses e dos direitos dos segundos. Assim, em conformidade com o que a Lei determina e o direito moral impõe, a SPA apela aos operadores de televisão e rádio em geral para que atribuam, de facto, à autoria o destaque que, em circunstância alguma, pode ser negado. Sempre que uma canção é difundida na rádio ou na televisão, que um poema ou o fragmento de um texto teatral ou de qualquer outro texto literário é lido, ou representado, sempre que o genérico final de um filme deve ser apresentado, não é admissível a omissão do nome do autor, ou autores.

Consciente da importância dos autores na vida cultural, a SPA proclama o direito dos autores de, em geral, verem os seus nomes e o das suas obras convenientemente difundidos e salvaguardados, também por ser esta uma das formas de combate à tendência para a usurpação de direitos e para a desvalorização da actividade criadora.

Cabe aos operadores que difundem as obras dos autores e delas em larga medida dependem, proceder de forma correcta neste domínio, do mesmo modo que protegem a cada passo os seus conteúdos. A SPA está convicta de que este apelo será levado em conta pelos operadores que utilizam as obras dos autores, até por essa ser uma forma de reconhecimento de que sem autores não pode haver cultura.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 2011  
O Conselho de Administração da SPA



MINISTRA DA CULTURA ESCOLHE “CATEDRAL DOS AUTORES” PARA DEBATER NOVA LEGISLAÇÃO

### “A SPA foi um interlocutor indispensável de modo a que a lei fosse abrangente”

A TÃO ESPERADA REVISÃO da Lei da Cópia Privada, anunciada como pronta pelo Ministério da Cultura, mas que acabou por não ser agendada para aprovação na Assembleia da República, dada a situação de demissão do governo, teve um avanço considerável no caminho da luta para a sua entrada em vigor, no passado dia 2 de Maio, com a apresentação e discussão na sede da Sociedade Portuguesa de Autores, da proposta debatida em 14 de Março na secção especializada dos Direitos de Autor e Direitos Conexos do Conselho Nacional de Cultura.

Esta sessão, muito concorrida em quantidade e qualidade das personalidades e entidades ligadas ao sector, incluindo a própria ministra da Cultura e muitos elementos do governo demissionário, num total de mais de 200 pessoas, foi altamente participada com intervenções muito oportunas e com os esclarecimentos devidos sobre todas as medidas indicadas pelos legisladores numa brochura distribuída pelos convidados.

Tudo começou quando a ministra Gabriela Canavilhas, ainda em funções efectivas, teve uma reunião com o Presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, José Jorge Letria, em que disse que gostaria de fazer uma sessão de esclarecimento sobre a Proposta de Lei da Cópia Privada, já pronta, e tomou a iniciativa de ser na SPA.

Depois da demissão do governo, segundo referiu à “Autores” José Jorge Letria, a SPA mandou-lhe uma carta, lamentando o facto da tomada de posição governamental ir obstaculizar o processo em curso adiantado de aprovação da renovada Lei da Cópia Privada. E a resposta não se fez esperar: Canavilhas disse que estava disponível para esclarecer os autores sobre o que foi vertido no papel acerca da respectiva lei e que fora congelado por não haver governo. Em sua opinião, isso seria muito importante para que se chegasse a “um consenso, no sentido de que o próximo Executivo eleito ficasse vinculado à promulgação desta lei”.

#### “NÃO É UMA TOMADA DE POSIÇÃO PARTIDÁRIA, MAS POLÍTICA”

E assim a sessão de informação e esclarecimento efectuada na Sala Carlos Paredes, na SPA, no dia 2 de Maio – o primeiro grande momento público que a ministra e a sua equipa protagonizaram depois da demissão do governo -, constituiu para a SPA “não uma tomada de posição de carácter partidário, mas político, em defesa dos interesses dos autores que a cooperativa representa e, neste caso específico, em defesa da luta pela promulgação da renovada Lei da Cópia Privada.”

“Foi um acto, no qual a ministra deixou bem vincado

o papel que a SPA tem na vida cívica e cultural do País, resumido na expressão que empregou ao referir esta casa anfitriã do debate como ‘a catedral dos direitos de autor e dos autores’, a instituição cultural mais antiga, isenta e equidistante para esclarecer os autores”, considerou José Jorge Letria.

Ao salientar pormenorizadamente os critérios, os objectivos e os horizontes que esta proposta de lei pretende atingir e cujas principais inovações poderão ser consultadas na caixa aqui junto, a ministra Canavilhas e o seu staff especializado constituíram, na opinião de José Jorge Letria, um precedente que deve ser seguido entre a SPA e os ministérios da Cultura que surgirão posteriormente.

Aliás, a própria ministra foi peremptória:

“Nós somos mediadores entre a sociedade e a SPA, temos que criar um diploma que seja aprovado por todos os outros grupos parlamentares e é aqui na ‘catedral dos direitos de autor e dos autores’ que devemos esclarecer e assumir as medidas necessárias para essa aprovação.”

Mostrando-se optimista, já que, mesmo que o PS não ganhe vai estar sempre a lutar por esta lei como deputada na Assembleia da República, garantiu, Gabriela Canavilhas dirigiu-se especialmente ao anfitrião para declarar solenemente:

“Conto com a SPA e a AGECOP, como os melhores representantes dos autores, para continuarem a builar esta lei, que tem revisão prevista de dois em dois anos, com vista à actualização devida pelo aparecimento de novos equipamentos. A SPA foi um interlocutor e um parceiro indispensável e com lucidez, de modo que a lei fosse abrangente.”

#### “O PODER SABE RECONHECER QUEM É O INTERLOCUTOR CERTO”

“O poder sabe reconhecer quem é o interlocutor certo e o assumir da nossa representatividade é muito importante, sobretudo para aqueles autores que podem vir a integrar a SPA, aumentando o número total dos seus associados para além dos 24 mil que a cooperativa já defende a nível nacional”, respondeu, de pronto, José Jorge Letria.

O Presidente da Direcção da SPA aproveitou para deixar claro que a cooperativa de gestão colectiva dos direitos dos autores não quer fazer nenhum favor ao PS, porque, acentuou, “o nosso partido aqui é o direito dos autores”. No entanto, adiantou: “Recebemos de braços abertos quem se aproximar dos nossos anseios e dos valores e princípios que defendemos.”

“Seja qual for o próximo governo e o próximo tutelar da pasta, a SPA, desde já, anuncia que tudo irá fazer para que esta e outras leis, que são justas e importantes para os autores, entrem em vigor, fazendo, ao



mesmo tempo, votos para que esta atitude de diálogo representada pela ministra Gabriela Canavilhas possa ser a regra de relacionamento futuro com a tutela da Cultura.”

Para demonstrar a sua asserção, José Jorge Letria lembrou à “Autores” que a SPA “teve um excelente diálogo com o Dr. Pedro Roseta, do PSD”, que, “infelizmente, não teve meios nem apoio político do seu partido para levar por diante algumas coisas que nos prometeu”, mas, por outro lado, teve “uma relação bastante insatisfatória e frustrante, com o ministro do PS que precedeu Gabriela Canavilhas, José António Pinto Ribeiro”.

“Não escolhemos por cor partidária com quem mantemos diálogo, mas sim por competência e disponibilidade para esse diálogo”, realçou, para afirmar que Gabriela Canavilhas, mais ainda que Isabel Pires de Lima, com quem a SPA também teve oportunidade de dialogar, foi aquela que mais avançou e mais passos significativos, corajosos e consistentes deu no sentido da criação de uma moldura legal que protege os autores e os seus interesses básicos e irrenunciáveis”.

#### “ESTA MINISTRA DEU UM CONTRIBUTO EXEMPLAR PARA A MOLDURA LEGAL”

“De facto – admitiu – nenhum outro titular da pasta deu passos como esta ministra (talvez por também ela ser autora no campo da música) em relação à lei da Cópia Privada e também à preparação do diploma de combate à pirataria. O seu contributo foi exemplar.”

“Esta lei só depende do contributo da sociedade civil e do intercâmbio ministerial. Não depende do Orçamento de Estado. É apenas a reorganização do tecido contributivo para a cultura da nossa sociedade.



Com ela quisemos onerar quem beneficia dos autores”, esclareceu, a propósito, Gabriela Canavilhas. “Se tudo ficar como deve ser e como propomos nesta lei, a SPA vai triplicar as receitas para distribuir pelos autores”, anunciou, com a esperança reflectida nos seus olhos brilhantes.

Um dos assuntos que centralizou a atenção dos presentes foi “a necessidade de lutar para que o próximo Executivo, seja ele qual for, fique vinculado à promulgação desta e de outras leis em preparação, designadamente a Lei Anti-Pirataria, bem como a concretização do projecto aprovado do Gabinete de Exportação de Música Portuguesa, que pode ser decisivo para colmatar a crise económica do País”.

“Só a não entrada em vigor da Lei da Cópia Privada custará aos autores portugueses mais de seis milhões de euros por ano e o combate à pirataria nem pode ser quantificado”, alertou o Presidente do Conselho de Administração da SPA.

Por último, a matéria com que José Jorge Letria abriu e fechou a sessão, assentou na “preocupação de que, eventualmente, a Cultura pudesse ser despromovida no próximo Executivo, passando de Ministério a Secretaria de Estado”, o que, em seu entender, “seria inaceitável e altamente lesivo”, preocupação que a ministra declinou por saber que “o governo não pouparia nada com isso”.

Mas, insistindo, José Jorge Letria fez questão de notar que “isso era um verdadeiro desastre, pois a cultura perderia poder negocial e de decisão política e expressão orçamental”. Por isso mesmo, dali mesmo saiu um manifesto sob a designação de “A Cultura não pode deixar de ter Ministério no próximo governo”, cujo texto reproduzimos aqui na íntegra, e que foi assinado por muitos presentes, encontrando-se a correr online.

*Edite Esteves*

## PRINCIPAIS INOVAÇÕES DA PROPOSTA DE LEI DA CÓPIA PRIVADA PRONTA PARA AGENDAR NA AR

- Alargamento da aplicação das taxas aos aparelhos e suportes digitais, para além dos aparelhos e suportes analógicos. Com esta medida, pretende-se acompanhar a realidade do mercado tecnológico, para além de se adoptar uma redacção que garante uma melhor adaptação a futuras evoluções tecnológicas.
- Estabelece-se que se aplica às penhoras que incidam sobre direitos dos autores o regime aplicável aos rendimentos auferidos no âmbito de contratos de trabalho. Ou seja, aplicam-se aos rendimentos resultantes de direitos de autor as limitações à penhora que hoje já existem para os salários, impedindo assim que esses rendimentos sejam penhorados a 100%. Trata-se de clarificar uma situação que até agora suscitava dificuldades interpretativas nos tribunais, geradoras, nalguns casos, de decisões lesivas de justas expectativas dos criadores intelectuais. É uma medida justa, particularmente no actual contexto de crise económica, reclamada pelos autores e inclusivamente já recomendada pelo Provedor de Justiça.
- Estabelecimento do carácter irrenunciável e inalienável das compensações de autores e de artistas. Com esta medida, contribui-se para uma maior e mais efectiva protecção para os criadores e para a criação cultural.
- Alteração dos critérios de determinação das taxas aplicáveis, adoptando-se critério que procede à indicação do montante pecuniário concreto aplicável a cada equipamento, em função das respectivas características e preço, em vez de uma taxa sobre o respectivo preço. Para os intervenientes na elaboração deste documento, esta é uma solução que se adapta melhor ao funcionamento do mercado.
- Novo regime de celebração de acordos entre os estabelecimentos que se dedicam à reprografia e a entidade gestora das compensações. Julga que esta medida é mais simples e adequada para todos os intervenientes e que contribuirá significativamente, segundo se crê, para superar uma das grandes dificuldades de aplicação da legislação actual.
- Estabelecimento de novas obrigações à entidade gestora das compensações. Esta medida visa, nomeadamente, a aplicação de um regime de rigor e de maior transparência no exercício da gestão colectiva.

### ABAIXO-ASSINADO

## A CULTURA NÃO PODE DEIXAR DE TER MINISTÉRIO NO PRÓXIMO GOVERNO

Os autores abaixo-assinados manifestam a sua preocupação relativamente à possibilidade de, no governo resultante do acto eleitoral de 5 de Junho, deixar de existir Ministério da Cultura, transitando as competências, responsabilidades e obrigações da tutela para uma Secretaria de Estado, como durante anos aconteceu, com todas as desvantagens daí decorrentes.

Sendo sabido que uma Secretaria de Estado não dispõe do poder de decisão e da dotação orçamental que costumam estar atribuídos a um Ministério, os autores abaixo-assinados temem que, a confirmar-se essa sombria possibilidade, as suas condições de vida e de trabalho e também de difusão a nível nacional e internacional das suas obras venham a ficar ainda mais afectadas do que neste momento já se encontram.

Foi longo e complexo o caminho que conduziu à criação de um Ministério da Cultura em Portugal, o qual, devido ao facto de os governos não costumarem atribuir à Cultura importância estratégica, nunca dispôs da dotação orçamental que os criadores merecem e os titulares da pasta consideram indispensável para levarem à prática políticas que acham adequadas e inadiáveis no quadro da vida portuguesa.

No quadro da crise que Portugal está a atravessar, poderá ter falhado tudo ou quase tudo, excepto a capacidade de os criadores e os artistas se manterem criativos e capazes de engrandecer a nossa cultura e, através dela, criarem mais riqueza, mais emprego, mais coesão nacional e mais visibilidade e prestígio para o país em termos internacionais.

Também por isso se torna inaceitável uma eventual despromoção da Cultura e dos seus criadores na estrutura orgânica do próximo governo. Os autores abaixo-assinados responsabilizarão o próximo governo pelas consequências nefastas que esse acto poderá ter, caso venha a ser considerado que os valores atribuídos à Cultura são despesa e não investimento e que uma Secretaria de Estado pode substituir com vantagem um Ministério com as suas competências específicas e irrenunciáveis.

Lisboa, 2 de Maio de 2011

Seguem-se as primeiras assinaturas recolhidas no final da sessão de esclarecimento na SPA com a ministra da Cultura, continuando o abaixo-assinado a circular na net, onde tem vindo a receber inúmeros apoios.

# “É UMA TENTATIVA DE APAGAR

## “A FILHA REBELDE”

Annie, a filha rebelde, é a jovem mulher de um diplomata suíço destacado em Havana, filha do Major Silva Pais, o mais alto responsável da polícia política de Salazar. Estamos a meio da década de sessenta. O primeiro contacto com a revolução cubana deslumbra-a. Sente que naquele país se constrói algo novo a cada dia. Longe de ser uma mulher politicamente formada, Annie é, sobretudo, alguém que se emociona com o projecto que Fidel Castro lidera. Os seus olhos cruzam-se, um dia, com os de Che Guevara. Algo explode dentro dela. Abandona tudo e todos, abraçando sem hesitações as convicções que o pai se esforça por silenciar em Portugal.

PERPLEXIDADE É A EXPRESSÃO mais conforme face ao julgamento que está a decorrer, desde o passado dia 3 de Maio, no Portugal Democrático de hoje, o qual pôs no banco dos réus “por difamação e ofensa à memória de pessoa falecida” a autora Margarida Fonseca Santos, responsável pela adaptação a peça teatral do livro “A Filha Rebelde”, de José Pedro Castanheira e Valdemar Cruz, uma obra de investigação feita por aqueles jornalistas sobre a vida da filha do último director da PIDE, major Silva Pais, a qual, por estranho que pareça, nunca foi posta em causa. Levada à cena no Teatro Nacional D. Maria II, em 2007, com um texto dramático fiel a tudo o que fora mencionado no livro, conforme a “Autores” pôde confirmar com provas juntas impossíveis de publicar aqui dada a sua extensão, o processo envolve ainda na sua acusação Carlos Fragateiro e José Manuel Castanheira, ex-directores daquele teatro.

No entender dos sobrinhos de Silva Pais, que intentaram a acusação dos “crimes de difamação e ofensa à memória de pessoa falecida”, os arguidos, cujas audiências decorreram nos dias 3 e 12 Maio, prosseguindo agora a 27, “denegriram a imagem do último director da PIDE com a adaptação para teatro do livro ‘A Filha Rebelde’, feita para o TNDM em 2007, com encenação de Helena Pimenta”.

“Conquistámos, no 25 de Abril, a liberdade de expressão, que está agora posta em causa. Mas, mais grave ainda, esta é uma tentativa de branquear a imagem daquele que foi o responsável máximo da PIDE – a polícia política que perseguiu, torturou e matou muitos opositores ao regime, entre eles o General Humberto Delgado”, argumenta Margarida Fonseca Santos, numa nota que escreveu no Facebook, donde nasceu uma campanha de solidariedade, lançada por outras pessoas, que estão a expressar-se das mais variadas maneiras e plataformas, além da sua esperada presença em tribunal, como forma de apoio directo a este processo já considerado uma “nova censura” a tentar nascer no seio da democracia vigente.

Essa mesma solidariedade tem vindo a ser manifestada por um grande número de cooperadores da SPA, desde que o Conselho de Administração divulgou em comunicado ir assegurar a defesa de Margarida Fonseca Santos (ver caixa), através do director do seu Departamento Jurídico, dr. Lucas Serra, o qual tem também a seu cargo a defesa de Carlos Fragateiro, ouvido logo na primeira audiência, a 3 de Maio.

Logo que correu a notícia de que a SPA iria defender a sua cooperadora “muitas dezenas de autores disponibilizaram-se, desde logo, a testemunhar, embora o prazo de arrolamento tivesse já terminado”. Sensibilizado pela adesão demonstrada, o Presidente da Direcção da cooperativa, José Jorge Letria, sublinhou à “Autores” que “a SPA, com esta posição, vai ao

encontro da sua tradição democrática, em defesa dos direitos cívicos e de liberdade de expressão”.

## “O TEATRO SERVE PARA RELEMBRAR O QUE FOI O FASCISMO”

Perplexa com o processo e, sobretudo, com tudo aquilo que ele pressupõe, num Portugal onde a democracia ainda não é uma palavra vã, mas que parece ameaçada, Margarida Fonseca Santos faz questão de esclarecer à “Autores” sobretudo os três pontos que considera imprescindíveis na sua argumentação contra aquilo de que é acusada.

“O livro de onde fiz a adaptação (“A Filha Rebelde”) não foi posto em causa. Porquê a peça?”, interroga-se, para explicar: “Todas as cenas tiveram obviamente de ser ficcionadas, pois é isso que acontece numa adaptação para teatro. De qualquer forma, e por respeito aos jornalistas que escreveram o livro, tentei ser o mais fiel possível ao que se encontrava escrito na obra.”

Em segundo lugar, realçando que “a PIDE era uma organização hierárquica e o major Silva Pais o seu director” afirma, peremptória, que “não é possível argumentar que este homem não teve responsabilidade na ‘Operação Outono’, onde morreu Humberto Delgado.” E acrescenta: “A história de todos aqueles que lutaram pela liberdade não pode ser esquecida. Compreendo como deve ser pesada a herança da família, mas o teatro serve para lembrar o que foi o fascismo.”

Por último, salienta que “o principal assunto desta peça é a vida de Annie” e que “a relação que sempre manteve com o pai é aqui abordada por ter sido sempre fortíssima.” Por outro lado, lembra que “Silva Pais morreu antes de ser julgado pelo assassinato do General Humberto Delgado, o que não é o mesmo que dizer que foi absolvido”. “Em nenhum momento da peça se diz que foi condenado”, alega a autora-adaptadora, asseverando que o assunto mais forte da acusação é mesmo a questão da “Operação Outono” e

## PEÇA DE TEATRO SOBRE ANNIE SILVA PAIS SUSCITA UM PROCESSO DE DIFAMAÇÃO

da consequente morte de Humberto Delgado, como se pode ler no texto do livro.

Outro assunto em foco neste processo, segundo Margarida, é que “a família quis que o texto fosse alterado”. “Isso só seria admissível para mim vindo dos jornalistas (e aconteceu, algumas cenas foram reescritas para ficarem mais próximas da realidade) ou da encenadora, Helena Pimenta”, declara.

## “FUI FIEL AO TEXTO QUE ADAPTEI”

Interessa explicitar que a peça é sobre Annie Silva Pais e que o pai entra no contexto porque é director da PIDE, com a responsabilidade que é própria de um director. E também que, de acordo com a adaptadora, “pretendia mostrar como estas duas pessoas, apesar de terem ideologias tão diferentes, continuavam a amar-se e respeitar-se acima de tudo.” “Esta foi, para mim, a maior surpresa ao trabalhar esta obra”, admitiu.

Para Margarida Fonseca Santos não há dúvidas: “Em termos de país, cultura e história da luta anti-fascista esta peça foi muito importante. Temos de manter na memória dos jovens que não viveram a ditadura nem passaram pelas consequências da mesma como se vivia no país e os sacrifícios que muitos fizeram para trazer a liberdade a Portugal.”

“O que fiz foi a adaptação de um livro existente. Considero um dever cívico não desonrar ninguém – fui fiel ao texto que adaptei.”, garante, para, logo, deixar um alerta, que é uma convicção firme:

“Não há forma de apagar a memória do que foi esta polícia, nem de esquecer todos aqueles que lutaram contra o fascismo – a PIDE existiu, torturou e fez desaparecer muitos opositores ao regime. Silva Pais era o director desta polícia política – estará sempre ligado aos crimes por ela cometidos.”

E a autora assegura, sem peias:

“A utilização na peça dos factos verídicos mencionados no livro são uma forma de manter viva a consciência do que foi a PIDE e o fascismo.”

# A MEMÓRIA DO QUE FOI A PIDE”

## “UM POVO SEM MEMÓRIA NÃO TEM FUTURO”

“Em primeiro lugar, porque é que, desde o Trindade, eu tenho programado espectáculos sobre a memória recente portuguesa? Porque um povo sem memória não tem futuro e em Portugal há uma tendência muito enraizada para o esquecimento. E então com a memória dos anos 60, da campanha eleitoral do General Humberto Delgado até ao 25 de Abril,



há uma imensidade de histórias e de figuras que poderiam e deveriam ser levadas à cena”. Foi com este esclarecimento que Carlos Fragateiro respondeu, de imediato, à solicitação da “Autores” para que comentasse os factos em julgamento, em que o ex-director do Teatro Nacional D. Maria II foi ouvido na primeira audiência, a 3 de Maio.

Segundo referiu, a sua primeira aventura para a prossecução daquilo que considerou desde sempre um projecto inadiável e da máxima importância aconteceu com o “Magnífico Reitor”, do Prof. Freitas do Amaral, que deu uma polémica enorme, tendo posteriormente avançado com a produção de outras peças memorialistas.

“Neste quadro – salienta - a história da Annie Silva Pais é de uma força incrível: a filha do director da PIDE

que abandona o marido, diplomata suíço em Cuba, para abraçar a revolução. E ainda mais forte é, quando entre pai e filha continuou a existir uma amizade e um afecto profundos.” “Que ideias e sentimentos contraditórios não se passariam naquelas cabeças e naqueles corpos?”, interroga-se Carlos Fragateiro, para justificar a base de conflito psico-sociológico que constituiu a raiz desta produção.

“Foi esse o eixo da nossa peça – prosseguiu -, mas quando se tornou público que estávamos a adaptar o livro, recebemos uma carta de uma advogada, a dr<sup>a</sup> Isabel Catalão, a pedir o texto. Apesar de acharmos exagerada a aparição da advogada, enviámos o texto, pois tenho para mim que os familiares têm direito a saberem de que forma a vida dos seus está a ser transportada para a cena. O pior é quando tentam e exigem que retiremos falas da peça, falas que, segundo eles, afirmavam que o Major Silva Pais era o responsável da “Operação Outono” e, por consequência, da morte do General Humberto Delgado.”

Para Carlos Fragateiro, tudo é muito claro:

“Na verdade, o texto põe na boca de um personagem que é necessário silenciar e abafar o General, mas a PIDE silenciou e abafou Álvaro Cunhal e Mário Soares, entre muitos outros, e para o fazer não necessitou de os assassinar. E isto, independentemente do que possamos pensar do acórdão do Tribunal Militar que julgou o assassinato do General que não acusa Silva Pais. Pudera, se ele morreu antes do julgamento terminar...”

O então responsável pelo Teatro Nacional D. Maria II, onde a peça foi levada à cena em 2007, acrescentou que “quando eles exigiram que se tirasse esse diálogo, depois de lerem o texto e terem assistido ao ensaio geral, os nossos contactos terminaram”.

E concluiu, veemente: “Em nenhuma circunstância, deixaríamos que alguém pudesse retomar o lugar do lápis azul da censura neste Portugal Democrático.”

## “E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO? A QUEM INTERESSA?”

José Manuel Castanheira, arquitecto e cenógrafo, que se senta no banco dos réus igualmente na qualidade de ex-director do Teatro Nacional D. Maria

II, é defendido no processo pelo dr. Vítor Ferreira, que era na altura o advogado do TNDM e, como tal, acompanhou todo o projecto de “A Filha Rebelde”. Deixamos aqui a seguir, *ipsis verbis*, o seu sentido depoimento:

“Helena Pimenta, hoje directora da Companhia Nacional de Teatro de Espanha, brilhou de excitação quando, em Madrid, a convidei para, num olhar distanciado, encenar ‘A Filha Rebelde’. Recordo o seu entusiasmo em abordar atmosferas de Cuba, do Portugal Salazarista e do 25 de Abril pacífico e tolerante.

“Encontrámos rápido, como metáfora para o espectáculo, a ideia de um velho salão de baile, ideia de um outro baile, em que Annie Silva Pais se encontrou com Che Guevara.

“As 33 cenas eram feitas e desfeitas numa coreografia permanente acompanhada ao vivo pela orquestra cubana onde actores como Vitor Norte-Silva Pais, Lidia Franco-Armanda SP, Ana Brandão-Annie SP ou Rui Quintas-Che Guevara dançavam.

“Pensei que era delírio quando surgiu a notícia de um processo-crime. Liguei ao José Pedro Castanheira e ele confirmou. No passado dia 3 lá estivemos no tribunal. O teatro sentado no banco dos réus!

“A queixa assenta em palavras e frases sobre Silva Pais (director da PIDE) que deveriam ter sido censuradas.

“Ainda não percebi se estão a querer julgar a obra, o espectáculo ou a História.

“Nessa manhã, sonhara que ia encontrar à porta do tribunal alguma agitação.

“Mas não. Alguns colegas e amigos. Dois jornalistas. Um dia normal! E o interrogatório foi feito horas a fio.

“A censura e o medo são algumas das raízes da longa ditadura em Portugal. Passaram tantos anos. E, foi assim, como um vírus contaminando gerações sucessivas, ainda hoje se sente a sua presença.

“Dia 27 prossegue o julgamento. Mas muito provavelmente nada disto terá interesse. Estão quase todos entretidos com televisões, eleições, FMI...

“Tudo coisas importantes... claro.

“E a liberdade de expressão?! A quem interessa?”

*Edite Esteves*

## SPA ASSEGURA DEFESA DE MARGARIDA FONSECA SANTOS

Por decisão do Conselho de Administração, a SPA está a dar apoio jurídico à cooperadora Margarida Fonseca Santos no processo que lhe foi movido por familiares do director da PIDE/DGS, Silva Pais, pelo facto de terem considerado difamatória uma passagem da peça “A Filha Rebelde”, daquela autora, na qual se responsabiliza o chefe da polícia política da ditadura pelo assassinato do general Humberto Delgado, em 1965.

A defesa de Margarida Fonseca Santos está a ser assegurada pelo Dr. Lucas Serra, director do Departamento Jurídico da SPA.

Depõem a favor daquela autora vários cooperadores que com ela se solidarizaram, em nome da defesa da liberdade de expressão em democracia.

A SPA tomou esta posição e tomará posições análogas, em defesa dos seus cooperadores, sempre que considerar que se está a proceder a uma tentativa de branqueamento da memória dos anos de ditadura e de alguma forma de cerceamento das liberdades fundamentais conquistadas com o 25 de Abril de 1974.

Lisboa, 9 de Maio de 2011  
O Conselho de Administração

**“PARA DAR VISIBILIDADE A QUEM FAZ CULTURA EM PORTUGAL”**



## Programa “Autores” na TVI24 voltou às sextas com produções temáticas e muita música

O PROGRAMA “AUTORES” DA SPA voltou ao contacto com os espectadores da TVI24, no passado dia 15 de Abril, com a apresentação, de novo, a cargo do comunicador e músico Paulo Sérgio dos Santos, terminadas que foram as duas séries de “A de Autor” na RTP2.

Com periodicidade semanal, o programa, que tem a duração de 55 minutos, é transmitido na TVI24 todas as sextas-feiras às 20 horas, e retransmitido na madrugada seguinte, às 2 horas de sábado. Mas quem não tiver oportunidade de o ver naqueles horários, poderá assistir ao mesmo programa no sábado a seguir, pelas 15 horas na mesma estação.

Deste modo, a SPA retoma a sua presença naquele canal de televisão, no qual iniciou em 2010 um novo ciclo da sua intervenção no espaço mediático, exactamente com o mesmo nome do actual programa – “Autores” –, ao qual se seguiu uma série de 26 programas na RTP2, com o título “A de Autor”.

Com o propósito de garantir uma presença contínua nos meios de rádio e televisão o mais diversificada possível no espaço, sempre com qualidade, inovação e espírito de criatividade, o Presidente da SPA, José Jorge Letria admitiu à “Autores” que, nesse sentido, a cooperativa está aberta a todas as propostas, pois, segundo garantiu, “é altamente positiva a visibilidade que temos obtido”. E explicitou: “A nossa presença regular,

especialmente na televisão, tem contribuído para dar uma imagem nova da SPA, mais credível e inovadora, demonstrando que a cooperativa não é só uma sociedade que cobra e gere direitos de autor, mas que é um importante pólo gerador de conteúdos.”

Aliás, Paulo Sérgio dos Santos, na abertura das novas emissões de “Autores” – com um share considerável especialmente na repetição às 2 horas da madrugada de sábado – tem sempre por lema esclarecer que esta nova série de emissões, numa parceria SPA/TVI, no campo da produção cultural, “pretende celebrar a cultura portuguesa, dando visibilidade a quem a faz”, porque “sem autores não há cultura”.

### **HUMORISTA NILTON E OS DIREITOS DE AUTOR**

“O humor”, nas suas várias vertentes, abriu as emissões, no passado dia 15 de Abril, deste novo “Autores” na TVI24, cujo objectivo principal assenta em programas temáticos.

Com um cenário sóbrio, mas muito metafórico e luminoso, da autoria da cenógrafa Catarina Amaro, à semelhança da primeira série nesta estação, alguns dos nossos autores humorísticos espraíram-se no tema, chegando à conclusão que “o autor do humor ainda não é respeitado”. “Somos uma profissão

recente e vai-se ganhando o respeito das pessoas aos poucos”, disseram.

O conjunto Maria Amélia actuou a encerrar o programa com Nilton e Martim numa composição musical com uma crítica social e política acutilante e altamente oportuna, como é seu costume e, no fundo, do humor em geral.

No final, a “Autores”, presente na gravação da estreia do programa da SPA, pôde recolher as impressões do conhecido autor e intérprete Nilton, que também é o apresentador às quartas-feiras do “5 para a meia noite” na RTP2.

“Fico muito feliz de se dar destaque a essa entidade que é o autor, porque as pessoas, às vezes, não têm noção de que foi alguém que fez os textos ou as músicas que lhes são apresentadas”, declarou, para expressar a sua opinião de forma mais contundente:

“Com a propagação da internet, do You Tube, de todas essas coisas, há uma falta de noção de que há um autor e uma falta de respeito gravíssimos, hoje em dia, de que, quando estão a descarregar uma música da internet, quando estão a descarregar um vídeo, houve alguém que esteve a fazer aquilo tudo, muitas vezes, uma equipa enorme...”

“E lembrar as pessoas disso nunca é demais”, sublinhou, referindo-se aos objectivos intrínsecos do programa da SPA. “Podemos estar a vida toda, que nunca é demais recordar



que há um autor por detrás de tudo o que se faz, até a folha branca tem um autor”.

Segundo Nilton, ele, como muitos outros autores, já foi vítima de pirataria: “Tenho DVDs, tenho livros e em relação ao segundo DVD, deram-me para assinar mais cópias que originais!”

Claro que ele não os assinou, conforme nos disse. “Até nem é por uma questão de dinheiro somente, mas uma questão de lógica. Eu quando vou ao supermercado, também não roubo coisas.”

E opinou: “Há toda uma geração mal habituada, que tem de ser reeducada. Eu espero a um filho meu não o deixar fazer isso e conseguir inculcar-lhe essa noção de que alguém é dono da obra.”

É então na internet, a questão ainda é mais incontrolável, em especial nas redes sociais, com que se confronta diariamente.

“Pior ainda do que difundir, o autor muitas vezes acaba por ser considerado o responsável por ter roubado à internet, já não é mais dono da sua obra. Eu já fui vítima da internet: a gente atira para lá e as coisas deixam de ser nossas, autores. O que é gravíssimo”, salientou.

## TEMAS E EFEMÉRIDES

Desde a sua estreia, o programa “Autores” da TVI24, já tratou, para além de “O Humor”,

as temáticas de “A Música e as Novas Tecnologias”, “Os Autores e a Publicidade”, “A Arte como Forma de Contestação” e “A Economia da Cultura”.

Por outro lado, este novo programa televisivo, de cujos conteúdos é responsável a SPA, vai assinalar, igualmente, algumas efemérides, entre elas, os “50 anos da guerra colonial”, “50 anos de poesia”, “100 anos do nascimento de Alves Redol” e “100 anos do nascimento de Manuel da Fonseca”, dando forma, assim, a um dos princípios desta casa, que se expressa pela preservação da memória dos autores que a enriqueceram e que contribuíram para o desenvolvimento da cultura e do progresso do nosso país.

## CENÁRIO FAZ JUS À CRIATIVIDADE

O cenário do novo programa televisivo da SPA transmitido na TVI24, da autoria da cenógrafa Catarina Amaro, que também é membro da direcção desta cooperativa, faz jus à criatividade.

Muito sóbrio, apresenta uma dignidade que fica bem aos objectivos que se pretendem alcançar com esta produção e vai ao encontro das cores dominantes do logótipo da cooperativa, predominando o vermelho e o bege e/ou branco e prateado luminosos.

Num fundo semicircular, destacam-se nove painéis em acrílico leitoso colocados lado

lado com pequenos intervalos, ao alto, onde se podem ver imagens recortadas de autores e criadores determinantes para as disciplinas que a SPA cobre e gere.

A saber, da esquerda para a direita: Carlos Paredes para a Melodia; Fernando Pessoa para as Palavras; Almeida Garrett para o Drama; Florbela Espanca para as Letras; Vasco da Gama para a Imagem/Criatividade; Camões para a Poesia; Amália Rodrigues para o Fado; Almada Negreiros para a Cor/Pintura; e Zeca Afonso para os Sons.

Como rodapé, assente no chão atrás do apresentador destacam-se a vermelho as letras da palavra que dá nome e conteúdo ao programa “Autores” e a própria mesa onde se sentam Paulo Sérgio Santos e os seus convidados semanais é constituída por um “pé” amplo vermelho reproduzindo o “A” do logótipo da SPA com vértice no apresentador e por um tampo em acrílico transparente.

O piano de cauda preto, elemento indispensável do cenário, onde muitas vezes o próprio apresentador que também é músico, se senta para acompanhar ou dar mote a outros artistas convidados, situa-se no plano à esquerda de quem vê no ecrã, local onde também actua os autores e intérpretes presentes em cada abordagem temática.

*Edite Esteves*



# “A arte para mim é uma **metáfora** e os alfabetos o meu processo”

Um dos mais internacionais artistas plásticos portugueses – só no Japão existem 410 obras públicas de sua autoria e o Museu Würth, na Alemanha, é o maior colecionador das suas criações, com mais de 200 peças -, o cooperador da SPA José de Guimarães, que completa 50 anos de uma carreira riquíssima, numa vivência repartida entre a sua casa em Les Halles, em Paris, frente ao Centro Pompidou, e o seu ateliê na Costa do Castelo, em Lisboa, vai a caminho de ver concretizado um projecto que lhe é muito querido: a construção do Centro Internacional de Arte Contemporânea José de Guimarães, a inaugurar em 2012, para assinalar a classificação da sua cidade natal – o berço de Portugal, no Minho – como Capital Europeia da Cultura.

Entretanto, não pára na sua liberdade intrínseca de criar as mais diversificadas obras, entre pinturas, esculturas, livros, gravuras, desenhos, estruturas e fotografias, de acordo com os seus marcantes conceitos estéticos e antropo-

lógicos – as tábuas-mestras do seu trabalho – agarrando-se, como sempre, à necessidade de impor as suas ferramentas, os seus tão conhecidos alfabetos plásticos, os seus códigos. Porque, conforme sustenta, a arte para ele é uma metáfora e os alfabetos (ou códigos) o seu processo de criação.

“Uma obra de arte tem de ser uma espécie de um código e cada um deve decifrá-lo à sua maneira. Se a gente decifra tudo, não dá liberdade nenhuma a quem vê”, observa à “Autores” nesta entrevista, que se desdobrou por uma tarde inteira de encantamento e magia entre o seu amplo ateliê sobre o Tejo no meio das obras que está a “levantar” e o seu escritório, recheado de peças valiosíssimas da sua vasta coleção de arte africana, de livros de arte e etnologia/antropologia, e de fotografias de sua autoria referentes às suas obras, especialmente às de cariz público, como as que se encontram concentradas no Japão, o seu maior “cliente”.

## POLÉMICA EM TORNO DAS SIMBOLOGIAS

Em Portugal, pouco tem de seu exposto ao público. Mas o que tem, já fez correr muita tinta, dada a polémica instalada em torno das suas tendências artísticas, voltadas para a arte con-



UMA OBRA DE ARTE TEM DE SER UMA ESPÉCIE DE UM CÓDIGO E CADA UM DEVE DECIFRÁ-LO À SUA MANEIRA. SE A GENTE DECIFRA TUDO, NÃO DÁ LIBERDADE NENHUMA A QUEM VÊ



**Email:** [finearts@rntrans.pt](mailto:finearts@rntrans.pt)

LISBOA

PORTUGAL

ERE





temporânea e incorporadas pelos seus códigos, que muita gente não compreende. Exemplo disso é a estátua colorida com 26 metros de altura (a mesma do Marquês de Pombal na praça com o mesmo nome) que se encontra debruçada sobre o rio Tejo, na rotunda do Poço do Bispo, e que representa Lisboa.

Segundo nos confidenciou, foi uma oferta sua ao município da cidade onde vive metade do ano e que adoptou em parte como uma das suas musas inspiradoras. Por ser do género feminino é representada por um corpo de mulher de forte constituição – e aqui sobressai a influência que herdou de Rubens – e construída a partir dos tais alfabetos que criou para “escrever” as suas peças (leia-se, conjunto de úteros contendo fragmentações de corpos), em tons vivos e quentes, característicos do clima desta cidade e também da sua própria pintura.

Os tons de vermelho, verde, azul e amarelo dispõem-se com grande volume na sua paleta, porque são essenciais nas suas obras. Cores que lhe estão coladas à pele desde a nascença em terras minhotas, onde as feiras e romarias o contaminaram para sempre. O mesmo acontecendo com os reflexos constantes nas suas peças, projectados por espelhos, vidros e por luzes de néons e leds, que traduzem o pulsar das emoções a transmitir e as profundidades infinitas dos cenários que pretende organizar e mostrar às pessoas que as visitam e admiram.

Os mesmos códigos e tons, aliás, que transpôs para outra obra de sua autoria que figurou, igualmente, na galeria de muitos contestatários, a maioria gratuitos: o logótipo encomendado pelo Instituto de Turismo de Portugal para difundir o nosso país cá dentro e no estrangeiro. “É simplesmente mais uma metáfora”, argumenta José de Guimarães, encolhendo os ombros na estranheza pela incompreensão de que foi alvo mais uma vez.

E explica para quem ainda possa ter dúvidas: “Trata-se de um corpo de um homem (Portugal é masculino), com os contornos das fronteiras do País, dividido ao meio, em que um dos la-

dos é pintado de verde e o outro de vermelho, símbolos da bandeira portuguesa, elevando os braços em cálice, onde assenta uma cabeça redonda amarela, como o sol que banha Portugal, e com umas silhuetas de ondas azuis a seus pés, naturalmente, por causa da ligação ao mar que o banha.”

“Até lhe chamaram o afogado, veja só, porque tinha os braços levantados!”, refere, refutando, ainda incrédulo mas com um sorriso condescendente e sereno pela incongruência do facto, a polémica gerada em torno deste desenho totalmente simbólico, como são, de resto, todos ou quase todos os logótipos.

### FRAGMENTAÇÃO E DESMONTAGEM UTERINA

Na base das suas diferentes facetas de pintor e escultor, engenheiro e arquitecto, gravador e desenhador, fotógrafo e coleccionador, José de Guimarães procura essencialmente estender uma massa tão sólida quanto possível de informação relacionada com a etnografia e a antropologia dos povos que quer estudar e explorar em termos artísticos. E é dessa base que parte para fazer a osmose com todas as influências que já recebeu até então, incluindo as que têm a ver com a arte sua contemporânea, em especial com a de Picasso, de quem bebeu toda “a necessidade de cultivar o poder de desconstrução e construção das imagens” que se lhe deparam e das ideias de natural e sobrenatural que perfazem o mistério e a magia envolventes.

“Procuro mesmo ir até ao fundo, ao mais antigo e aculturado dos povos, para depois ter o privilégio da recriação da sua cultura em peças onde aproveito e reciclo outros elementos industriais contemporâneos ou outros tão comuns como o papel, por exemplo, ou os caixotes das encomendas”, explica-nos, frisando que, para si, “é o privilégio da plástica e dos símbolos”, “preservando a codificação do poder mágico das culturas”.

Toda a sua simbologia e códigos são canalizados, através da “fragmentação e da desmontagem uterina” (aquelas bolhas que criou no seu vocabulário onde se movimentam como que num líquido amniótico partes do corpo humano – uma constante na arte primitiva dos povos, preocupados com a maternidade e a sua sobrevivência), para a magia daquilo a que chama de inframundo. “É aqui, neste ambiente misterioso e sobrenatural, que se desenvolvem todas as coisas. Em suma, o que quero alcançar neste processo criativo é o espírito.”

O tema desse inframundo dominou, também recentemente, uma exposição sua em Paris, que estava a preparar na altura em que nos dispusemos a esta conversa longa e frutuosa



OS TONS DE VERMELHO, VERDE, AZUL E AMARELO SÃO ESSENCIAIS NAS SUAS OBRAS. ESTÃO-LHE COLADOS À PELE DESDE A NASCENÇA EM TERRAS MINHOTAS, ONDE AS FEIRAS E ROMARIAS O CONTAMINARAM







com o artista e de que nos falou com alguma expectativa, dada a incerteza da reacção de quem a viu. “É um álbum de litografias a preto e branco com pinturas e guaches sobre papel ligados ao tema”, minuciou.

**“OS NEGREIROS E OS GUARANIS”**

Na visita guiada que fizemos ao seu ateliê, coado pela luz da tarde, deparamos com peças de um outro alfabeto que não o seu vocabulário africano, este com 132 peças de madeira, pintadas entre

**É NO AMBIENTE MISTERIOSO E SOBRENATURAL DA DESMONTAGEM UTERINA QUE SE DESENVOLVEM TODAS AS COISAS. EM SUMA, O QUE QUERO ALCANÇAR NESTE PROCESSO CRIATIVO É O ESPÍRITO.**

os anos 70-72, fruto de 7 anos de vivência em Angola, e que estão a ser alvo de uma eventual negociação com o Museu Würth.

As peças que encontramos sobre duas das bancas – feitas igualmente em madeira recortada e pintadas de preto, como se fossem moldes de diferentes rostos, com uma altura de uns 50 centímetros – constituem a última série de um novo alfabeto que José de Guimarães está agora a criar.

Numa recente visita que efectuou ao Brasil, o artista descobriu “Os negreiros e os guaranis” – assim se chama este vocabulário -, tendo realizado aquilo que disse ser “o retorno a África” e o fechar de círculo da sua investigação.

Mas o que mais ressaltou aos nossos olhos foi uma estrutura enorme, feita com dois caixotes em cima um do outro, daqueles que transportam as obras de arte, com palavras escritas a negro de “cuidado”, “frágil” e outras afins, e que, por um qualquer poder mágico, se abriam daqui e dali e mostravam no seu interior e fachada maravilhas estéticas jamais imaginadas. Tudo eram simbologias fantásticas! Transformações à partida impossíveis e inusitadas, mas que, à descrição pormenorizada do seu autor, acabaram por fazer todo o sentido. “Mais uma obra de arte, mais uma metáfora!”, pensámos em voz alta.

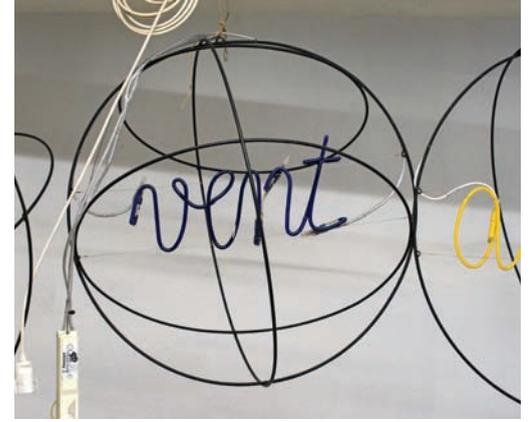
**UE E “OS GUERREIROS PARA A PAZ”**

Trata-se de um trabalho organizado por uma agência belga para a União Europeia, encomendado a um artista de cada um de 22 dos actuais 27 países que a compõem. O objectivo é fazer uma exposição chamada “Os Guerreiros da Paz”, com obras inspiradas nos “Guerreiros de Xian”, o exército de mais de 8000 figuras de guerreiros e cavalos em terracota, em tamanho natural, descoberto em 1974 próximo do mausoléu do primeiro imperador da China, Qin Shihuang, perto de Xian, e que tinha sido enterrado cerca de 259-210 a.C..

As 22 esculturas vão para Xangai, onde é inaugurada a exposição, que circulará depois por vários museus da China, e há-de vir também para a Europa. “Sei que a organização quer fazer circular a exposição pela Europa, entrando, exactamente, por Portugal”, disse José de Guimarães, acrescentando que os meses de Maio e Junho são os apontados para esta digressão. O produto do leilão final reverterá a favor de uma organização de cariz social, tanto quanto se sabe.

“A sua escultura faz a apologia dos guerreiros, não os asiáticos, mas os que têm a ver com África, pois tem lá dentro uma figura nitidamente





africana”, constatámos.  
 “Claro, a minha marca fica... Eu apenas pus ali um apontamento de um perfil daqueles guerreiros de terracota e depois juntei-lhe outros detalhes. Mas há aqui uma coisa chinesa que é curiosa e tem um significado muito específico em relação à cultura asiática. É uma espécie de um tigre, uma peçazinha de bronze pequenina que é um testemunho. Esta peça é partida em duas, encaixa uma na outra, tem escrita no dorso do animal uma série de caracteres chineses e é dada pelo imperador ou por um general a outro que vai cumprir uma missão que pode demorar anos. A prova de que tudo se resolveu é quando de novo se juntam as duas partes. É o testemunho do facto e de que é a pessoa verdadeira.”  
 “Aqueles letras em chinês desenhadas na caixa têm algum significado especial? É uma mensagem?”

“Isto diz mais ou menos: ‘Esta pessoa vai por ordem do imperador tal ou do general tal para cumprir estas missões’.”  
 “Quando é que isso acontecia?”, quisemos saber.  
 “Estamos a falar de coisas de 2000 anos a.C. Hoje, manda-se um email .(risos)  
 Desloco-me, curiosa para o lado contrário da peça.  
 “E esta figura de guerreiro que está no lado oposto da sua escultura, da qual falámos inicialmente?  
 “Isto é uma peça africana, com menos de 50 anos, que representa o espírito. O espírito da peça. O espírito da ideia. Mas é um feitiço. Pertencia à minha colecção e poderá ser do Congo, do norte de África, como também pode ser do norte de Angola.”  
 “Com todos estes pregos espetados no corpo, é nitidamente uma peça de vudu”, comento,

com um certo espanto.  
 “É um fetiche Aku. Uma peça de magia. Estas peças de magia são usadas como reivindicação. Porque, quando não cumprem o desejo ou o pedido são picadas, para lhes dar energia.”  
 Ah, energia! Pois isso encontrara eu já muito em evidência naquela peça... como se fora o órgão vital da mesma.  
 “E nesta escultura para a União Europeia, aqui está, igualmente, mais um néon, este em formato de coração e luz vermelha, uma das marcas dos seus trabalhos escultóricos. É um coração a pulsar.”  
 “É para dar energia. E depois também aí estão os leds, de luz azul, que eu tenho estado a usar ultimamente. É uma luz mais fria, serena e que transmite profundidade O néon, esse, tem muita energia e continuo a utilizá-lo nas minhas obras. É uma das minhas marcas.”  
 Edite Esteves

## Centro Internacional José de Guimarães vai nascer em 2012 no berço de Portugal

O Centro Internacional de Arte Contemporânea José de Guimarães, que vai nascer na terra natal do pintor e escultor, em 2012, para assinalar a classificação do berço de Portugal como Capital Europeia da Cultura, está a ser construído a partir de um projecto de arquitectos locais convidados. Acompanhando de perto e de forma entusiástica a preparação desta grande obra, feita de raiz, José de Guimarães deu a conhecer à “Autores” que o centro será vocacionado para a arte contemporânea dos países cujas culturas o influenciaram ao longo da sua carreira profissional de meio século, sobretudo de África, de toda a América Latina com especial incidência no Brasil e México, e da Ásia, mormente na China e Japão. Para além das exposições temporárias relacionadas com aqueles países, o centro terá uma exposição permanente das suas colecções de arte africana e arte pré-colombiana. A peça mais antiga que possui na sua grande e variada colecção de peças de madeira, terracota e bronze, dos mais diversos tamanhos, géneros e formatos, segundo nos confiou, é uma magnífica peça em terracota do século XIV, proveniente da Nigéria.

### “VALE A PENA INVESTIR EM ARTE”

Para além do lado romântico de um projecto como este, que, de resto, se está a perder, José de Guimarães considera que, “nos últimos anos, as obras de arte quase que se transformaram em produtos financeiros”.  
 “Há muita gente que investe em arte e há muita gente a negociar em arte. Hoje, a arte tornou-se verdadeiramente um negócio para muita gente que oscila também com as crises”, admite.  
 “E pensa que, agora, com a situação de crise que se vive, essa valorização pode vir a diminuir ou, pelo contrário, poderá aumentar? O que é que está a sentir neste momento?”, indagámos.  
 “Há dois aspectos a considerar nesta situação”, argumenta. “Há o poder de compra que diminui, mas o fenómeno inverso é que, apesar de tudo, a arte é um valor seguro. Em vez de ter dinheiro no banco, hoje é muito mais seguro ter uma obra de arte. Se for para investir, vale mais a pena investir numa obra de arte, porque a obra de arte valoriza-se com a idade, e o dinheiro no banco todos os dias está a desvalorizar-se. E um dia não se sabe se vamos ao banco e não temos lá nada... De maneira, que vale a pena investir em arte. Por duas razões: eu acho que a primeira é pelo prazer do olhar – as pessoas possuem um objecto que lhes agrada, vêem, gostam e apalpam, se for preciso; segundo, é um investimento. É uma coisa que fica, que se troca, que se vende.” EE



## A ARTE DE TRANSPOR AS RAÍZES DOS POVOS PARA A ESTÉTICA CONTEMPORÂNEA

### PERFIL

José de Guimarães, de seu nome completo José Maria Fernandes Marques, nasceu em 1939 e, desde 1995, que reparte a sua vida entre Lisboa e Paris. O pseudónimo artístico que adoptou deve-se a uma homenagem que quis prestar à terra que o viu nascer e que é o berço da civilização portuguesa.

Uma estadia em Angola entre a década de 60 e 70 do século XX, tornar-se-ia um vector determinante na definição do seu vocabulário artístico, assim como o contacto com especialistas em etnologia africana que o conduzem à compreensão de uma simbologia existente em muitas peças de arte negra e sugerem-lhe um projecto artístico movido por uma tentativa de osmose entre duas formas de expressão plástica, europeia e africana.

Mas se a primeira década de produção artística se baseia em África, nos mais de quarenta anos de trabalho encontram-se séries completas dedicadas à filosofia e às culturas chinesa e japonesa, à arte de Rubens, à literatura de Camões ou à concepção particular da morte no México.

Nos últimos anos, verifica-se que o seu percurso reflecte uma vocação de formas e figuras tendencialmente mais cosmopolita. Assim, a sua expressão plástica tem vindo a acentuar a convivência de todos os vectores dominantes num longo percurso artístico; e tem privilegiado a luz de NÉON e a luz de LED, sobretudo em caixas de madeira, que propõem um exterior de austeridade contrastante com a encenação do seu espaço interior, tratado com traços luminosos de NÉON e LED, pintura, colagens e objectos desviados do sentido que lhes é conferido pela sua função tradicional.

Tendo realizado numerosas exposições em vários países, e, para além de exposições antológicas anteriores realizadas em Bruxelas no Palais des Beaux-Arts (1984), no Museu de Arte Moderna (Cidade do México, 1987), na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, e na Fundação Serralves, Porto, 1992), na última década, viu serem-lhe dedicadas exposições antológicas ou retrospectivas em Portugal (Cordoaria Nacional, Lisboa, 2001), na Alemanha (Museu Würth, 2001), em Tóquio (Hillside Fórum, 2002), na Suíça (Art Fórum Würth, Arlesheim e Chur, 2003), no Brasil (Fundação Cultural FIESP em 2005 e Museu Afro Brasil, 2006, São Paulo), em Espanha (Fundação Caixanova, 2003, e Museu Würth La Rioja, 2008), em Luanda (Centro Cultural Português, 2009), em Pequim (Today Art Museum, 2007), em Roma (Art Fórum Würth, 2010) e em Lisboa (Museu do Oriente, 2010-2011).

O seu trabalho, representado nas mais relevantes colecções institucionais em Portugal e um pouco por todo o mundo, com especial incidência no Japão, propõe cruzamentos com a arte de civilizações não ocidentais – africana, chinesa e meso-americana – uma busca incessante de relações não verbais, a que não é estranho o labor de coleccionador a que se vem dedicando há várias décadas.

### Estreia na exposição de fotografias

A fotografia tem sido uma prática recorrente e possui em arquivo numerosas fotografias que nunca apresentou ao público. A recente exposição no Museu do Oriente, em Lisboa, em Fevereiro-Março passados, constituída por 50 fotografias de uma viagem ao Japão, foi a sua estreia enquanto fotógrafo.

Mas um longo percurso como um dos mais conceituados estetas dos nossos dias espera-o ainda em várias frentes artísticas, no seu gosto incessante pela experimentação e inovação, quer no aspecto formal, como de conteúdos e de matérias-primas.

Se bem que a sua marca esteja sempre visível e palpável em cada peça que cria, o seu imaginário é tão fluorescente quanto as luzes de néon que tanto gosta de aplicar nas suas peças, dando vida e emotividade a substratos tantas vezes requalificados, como um simples caixote de transporte de uma obra-prima.

Recuando às raízes do tempo e da mitologia, em que José de Guimarães é especialista, poderíamos afirmar com probidade que ele é como que um Midas da arte dos nossos dias, ou seja, tem a faculdade de transformar tudo em que toca em ouro, como aquele conhecida figura grega. Tudo, claro, a nível de matérias com que se pode construir o maravilhoso edifício das artes plásticas. Como ele diria, com toda a naturalidade que lhe confere esse dom e não só a propósito da necessidade de muita leitura: "É preciso estimular a inspiração!". *EE*

## O PAPEL DA SPA NO AUDIOVISUAL

# ESCLARECIMENTOS E REFLEXÕES PENSANDO NO FUTURO

por JOSÉ DA PONTE



Tendo esta Administração vindo a ser confrontada com algumas dúvidas provenientes de um reduzido número de autores mas nem por isso menos relevantes, cuja actividade se centra no sector designado na SPA por Audiovisual, venho, no desempenho da função de administrador directamente responsável pelo pelouro em causa, prestar alguns esclarecimentos, pretendendo que eles ajudem a lançar alguma luz sobre o que por vezes é analisado como matéria de reduzido entendimento. E como o entendimento é essencial para que nós, autores, possamos usufruir de melhores leis e rendimentos, aqui fica o meu testemunho acerca do actual papel da SPA na sua relação com o designado universo criativo que povoa o Audiovisual e onde o cinema tem um papel de relevo. Procurarei ser conciso, porquanto a complexidade da acção desenvolvida pelas sociedades de autores neste e noutros casos rejeita, desde logo, análises sumárias e produzidas sem ter em conta o contexto nacional, histórico e até o plano legal.

Como é do conhecimento geral, a SPA tem como actividade primordial a gestão dos direitos dos autores (cobrança e distribuição), e é nesta acção sistemática que a nossa instituição se consegue financiar, gerando assim o suporte necessário para conseguir fazer face ao apoio que concede aos seus cooperadores nos domínios da cultura e da assistência social.

Sabemos que a SPA representa à volta de vinte e cinco mil autores em Portugal e cerca de três milhões em todo o mundo, através de um sistema de representação recíproca e de parceria com as sociedades de autores suas congéneres, tendo como ponto de referência e centro difusor de processos e sistemas a Confederação Internacional das Sociedades de Autores, a CISAC.

Existem duas frentes na gestão desenvolvida pelas sociedades de direitos de autor: a gestão colectiva e a gestão individual. Sob a última designação, e deixando em aberto outras possibilidades, podemos observar ainda duas formas de encarar a representação do autor: a sincronização e a encomenda.

A gestão colectiva tem efeito através dos vários contratos de licenciamento que a SPA celebra com os operadores que pretendem utilizar de forma sistemática o repertório musical (nacional e internacional) que se encontra ao seu cuidado. Através do pagamento de uma avença geralmente anual e calculada com base na mais-valia do negócio e no histórico de acordos entre as partes envolvidas, vêem os autores de música e texto reconhecida a sua participação no mercado dos conteúdos culturais postos à disposição do público pelos operadores. Convém lembrar que estes autores

não se encontram limitados por qualquer cláusula contratual que os impeça de aceder a este tipo de retribuição.



Defendi, ainda não há muito tempo, a ideia de que a encomenda, pela sua especificidade, não caberia porventura na 'gestão individual'. Reconhecendo que a simplicidade sugere amiúde um melhor entendimento, refuto hoje essa ideia.

Na sincronização, o operador pretende utilizar uma obra pré-existente tornando-a, e refiro como exemplo, parte de uma referência, de uma marca, de um genérico, de um programa de ficção ou não; por outras palavras, a nova criação é integrada num qualquer conteúdo que detenha, à partida, uma personalidade efectiva e que, preferencialmente, não se confunda com outro da sua espécie.

A encomenda encontra a sua expressão num contrato entre o operador e o autor tendo por objecto precisamente a criação de uma nova e determinada obra, sujeitando-se as partes aos termos desse contrato.

Pelo imenso número de obras que não param de surgir, foi e tem sido a Música o objecto da gestão colectiva como sistema de cobrança dos direitos destes autores. É na gestão colectiva que se perspectiva o futuro da cobrança de

direitos quando se debate o futuro das sociedades de autores. As novas vias digitais agora à disposição dos operadores levam, para já, à nomeação deste como o sistema de referência na cobrança de direitos no mundo global, e não deveremos errar se acrescentarmos que a maioria das áreas criativas, senão todas elas, em breve, poderão vir a beneficiar deste tipo de gestão. Se isso vier a acontecer, os motivos residem principalmente na mudança que todos estamos a viver e cujos efeitos nas formas de comércio obrigam à reformulação dos processos seguidos até hoje pelas sociedades de gestão de direitos, para a melhor defesa dos interesses dos autores.

Existe, todavia, um valor considerável e que provém de duas das rubricas da gestão colectiva, a Comunicação Pública e mesmo a Cópia Privada (que é hoje objecto de uma proposta de Lei com primordial significado para os criadores deste país), em que os autores do Audiovisual vêem sistematicamente traduzida nas suas contas correntes a legítima compensação pela difusão pública das suas obras, desde que protegidas pela SPA. É meu dever acrescentar, e com todo o gosto o faço porque é do conhecimento geral na cooperativa, que a instituição apresenta, ao abrigo da Comunicação Pública, um quadro positivo no que diz respeito à remuneração dos autores por ela representados e que fazem passar os contratos das suas obras pela Sociedade Portuguesa de Autores. Embora exista geralmente a

convicção de que o Audiovisual é um maná para as sociedades de autores, no âmbito da gestão colectiva, a realidade mostra-nos o contrário. Lembro que os resultados da CISAC para o Audiovisual, em todo o mundo, apresentaram em 2009 cifras muito abaixo da décima parte da cobrança total de direitos. As dúvidas que alimentam debates acesos no Audiovisual entre nós não são diferentes da realidade que se vive em muitos outros países, e mesmo nos países que se encontram legalmente bem defendidos as coisas estão longe de ser pacíficas. Diria que as características do contrato, tendo em conta o tipo de actividade na produção dos conteúdos, serão talvez o maior obstáculo à pacificação do sector, caso não haja regulação por parte do Estado. Se fizermos um estudo comparativo, diremos que o Audiovisual na SPA é por certo mais apelativo para os autores que nas restantes sociedades, tendo em conta o processo de remuneração praticado.

A actual Direcção da SPA, presidida por José Jorge Letria, aquando da sua eleição, mencionou a intenção de trabalhar, a fim de tornar o Código do Direito de Autor adequado aos dias de hoje, enfim, adequado às novas formas de distribuição dos conteúdos culturais. Este compromisso irá necessitar de um empenhamento por parte dos especialistas que na alteração concentrarem os seus esforços. Porém, nada restará se, no fundamental, nos faltar a confiança dos autores. Uma confiança que transmita aos legisladores quão importante é esta matéria e, naturalmente, não me refiro apenas ao Audiovisual. Num cenário de alteração do Código do Direito de Autor, o Audiovisual seria, decerto, uma das áreas de criação com benefícios sensíveis.

Na vizinha Espanha verificou-se, desde os anos oitenta do século passado, uma actuação firme e sistemática na adequação da Lei do Direito de Autor às realidades temporais que se vão sucedendo, umas após outras, prestando os responsáveis locais a atenção devida às mudanças e ao aparecimento de renovadas formas de utilização dos conteúdos culturais, o que faz com que os espanhóis, e não estou só nesta asserção, sejam o exemplo na legislação relativa ao Direito de Autor.

Tão perto e partilhando a mesma península nunca entendi a ausência do 'direito comparado' como instrumento para a análise das possíveis e presumivelmente ansiadas alterações da nossa Lei. É bom lembrar que se poderia ter feito um trabalho positivo nesse sentido há sensivelmente duas décadas atrás. Entretanto, uma coisa é falar-se no assunto, outra é trabalhar em conjunto de forma a que se obtenham resultados práticos.

A gestão colectiva encontra-se assim consagrada na lei espanhola e nos contratos celebrados entre a SGAE com os operadores de mercado, independentemente dos contratos que os autores levam a efeito com produtores ou até mesmo com operadores. O 'pequeno direito' da gestão colectiva encontra-se, em qualquer condição, assegurado. Foram, porém, os autores que formam e integram a SGAE que lhe deram a devida força e a necessária sustentabilidade para que nos locais próprios, junto dos parlamentares e legisladores, tivesse sido conseguido esse objectivo. Em 2007, já o director de fotografia figurava como o quarto elemento a ser beneficiado por essa gestão colectiva junto dos operadores.

Entretanto, para reflexão e a título de curiosidade, deixaria à consideração dos leitores o seguinte: não seria benéfico para todos os autores do Audiovisual se estes decidissem, de forma séria e construtiva, debater esta matéria no interior da sua Sociedade Portuguesa de Autores, nunca perdendo de vista o objectivo de procurarem entender verdadeiramente o papel actual da SPA no âmbito do Audiovisual e aferir as consequências e a verdadeira eficácia dessa hipotética conquista, a gestão colectiva, na realidade portuguesa, com os valores que presumivelmente lhes seriam postos à disposição?

## LJUBLJANA (ESLOVÉNIA)

### SPA ESTEVE COMO OBSERVADORA NA CIMEIRA MUNDIAL DO LIVRO 2011

A Cimeira Mundial do Livro 2011 (WBS), que decorreu em Ljubljana, na Eslovénia, designada Capital Mundial do Livro 2011, entre 31 de Março e 2 de Abril, assumiu-se com um tema estruturante e muito significativo, ao classificar o livro como "o portador do Desenvolvimento Humano". A SPA esteve representada nesta importante reunião pelo administrador José da Ponte, como entidade observadora. O encontro serviu os interesses de todos os que se constituem como partes no presente da edição literária nos vários continentes, acentuando-se as relevantes diferenças entre os países anglo-saxónicos e os de menor poderio, tanto no aspecto da difusão da língua, como nos aspectos que incidem no chamado mercado livreiro. Fundamentalmente, e nas matérias que foram abordadas nas diversas apresentações e debates, o foco esteve sistematicamente apontado ao interesse dos Editores, seguindo-se os Tradutores, com apoio especial por parte da UNESCO. Os Autores, a primordial das partes porque fonte de todas as obras, apresentaram-se sempre como actores que pouco ou nada podem fazer, quando se fala em processos de mercado, e que poderão ou não vir a beneficiar de medidas que, presumivelmente, serão adoptadas por parte tanto de investidores (editores) como por parte dos governos, na promoção e estímulo à criação, agora num mercado bem mais complexo.

Foram também observados os vários Programas Culturais ligados à criação e especialmente à difusão dos conteúdos literários e no âmbito do ensino dos diversos países intervenientes, situados na orla do Mediterrâneo e Adriático, todos eles sob o patrocínio da UNESCO através do seu gabinete de Veneza.

Os leitores eslovenos vieram a beneficiar do facto de se encontrarem a viver na Capital Mundial do Livro 2011, tendo sido dado conhecimento aos presentes o aumento das vendas durante a celebração do evento.

Curioso é referir que o Ministério da Cultura esloveno, segundo fonte próxima da organização, disponibilizou cerca de 350 mil euros para a realização da Capital Mundial do Livro 2010/2011.

A próxima cidade a envergar o título de capital Mundial do Livro será Buenos Aires, estando desde já assegurada a continuação do evento por parte da capital da Arménia, Yerevan.

*José da Ponte  
Administrador*

## COM O AGRAVAMENTO DA CRISE EM FUNDO

### GESAC REALIZOU ASSEMBLEIA EM BRUXELAS

Foi com o cenário da crise internacional em fundo que reuniu em Bruxelas, no passado dia 13, a assembleia geral ordinária do Grupo Europeu das Sociedades de Autores (GESAC), na qual a SPA esteve representada pelo seu presidente, José Jorge Letria, e pela directora do Departamento de Relações Internacionais, Vanda Guerra.

As intervenções dos dirigentes de topo de mais de duas dezenas de sociedades de autores permitiram traçar um panorama preocupante do que irá ser a gestão colectiva do direito de autor nos próximos anos, com a Comissão Europeia a colocar designadamente entraves ao futuro da cópia privada.

Nesta assembleia geral em que a SPA fez ouvir a sua voz, apelando a uma intervenção cada vez mais coesa e visível dos autores europeus e das suas sociedades, foi apresentada a nova responsável pela Direcção-Geral do Direito de Autor da Comissão Europeia, Maria Martin Pratt, de Espanha, que já trabalhou com dois comissários europeus daquele país e é tida como uma jurista competente e uma pessoa aberta ao diálogo.

No final da assembleia foi aprovado por unanimidade um comunicado do GESAC enfatizando as preocupações expressas durante a reunião e exigindo o respeito dos direitos representados pelas várias sociedades. Foi também feito um apelo aos criadores representados por estas estruturas nacionais no sentido de que se mantenham unidos em torno das sociedades, nada fazendo para as dividir ou enfraquecer, sob pena de se tornar a sua intervenção ainda mais difícil num contexto de crise aguda das economias nacionais na Europa.

*Lisboa, 16 de Maio de 2011  
O Conselho de Administração*

# “A literatura é uma boa terapia”

FRANCISCO JOSÉ VIEGAS

Francisco José Viegas, escritor e jornalista, nasceu numa aldeia, onde aprendeu a ler no jornal, à lareira, depois da neve. Cresceu numa cidade interior, onde leu tudo o que havia para ler. Chegou à capital para fazer a faculdade e acabou por fazer também o ninho com três filhos de carne e osso e mais de vinte de papel, cúmplices do estado de graça de uma vida tranquila.

## **A infância na aldeia foi determinante para quem é e o que faz?**

Foi determinante e essencial para as duas coisas. Era um mundo isolado, onde as coisas chegavam com dificuldade, com esforço. Havia quinze dias de neve quase todos os anos, durante os quais não recebíamos correio. O meu pai era assinante do JN e, ao fim desses dias de nevão, chegavam pacotes e pacotes de correio e lembro-me como era bonito abrir os jornais atrasados, ver o que tinha acontecido no mundo, acidentes de carro na primeira página, o futebol, a banda desenhada do Dr. Kildare. Foi assim que aprendi a ler: no jornal, à lareira, depois da neve. Hoje, passados muitos anos, acho que isso nunca me largou, nunca esqueci essa noite em que li a primeira frase do jornal. Nessa altura, não tínhamos televisão, havia uma biblioteca pequena em casa, quase nada, mesmo. Nada do que hoje me parece imprescindível. Era um mundo sitiado pelas montanhas. Lembro-me de que, nas noites de

Verão, no Pocinho (nós vivíamos numa casa enorme diante do rio), as luzes dos carros que passavam na estrada (de Foz Côa para Moncorvo) atravessavam as ramagens de uma figueira e desenhavam sombras numa parede - a minha avó dizia que isso era a televisão. Ficávamos horas a ver aquela televisão...

## **E, depois, foi Chaves...**

Chaves foi a adolescência, propriamente dita. Toda. Ter vivido numa cidade de província também foi determinante: tive mais tempo para ler. Os professores que tive contaram muito e havia o pequeno debate intelectual da província... Mas as pessoas, hoje em dia, não fazem ideia. Nós, miúdos do liceu, eu e mais outro, líamos os jornais e explicávamos à D. Ana Maria, que tinha uma livraria, que livros devia pôr na montra. Lembro-me de que tinha um certo receio quando vim para Lisboa estudar na faculdade: “se calhar esta gente já leu tudo, vou ter que duplicar o trabalho.” A surpresa foi quando verifiquei que nós, os da província, é que

tínhamos lido o que havia para ler. É certo que não tínhamos cinema, ou tínhamos muito pouco; concertos só quando a Sinfónica do Porto lá ia, uma vez na Páscoa e outra no Verão... Mas tínhamos outro tempo, uma espécie de tempo mais longo que nos permitiu ler mais, prestar mais atenção. Acho que foi uma vantagem.

## **Parece matéria privilegiada para literatura mas não a tem explorado, nem na prosa nem na poesia...**

É um universo demasiado pessoal. Há pessoas que transformam a sua vida em material literário e falam constantemente de si mesmas — acho que o resultado até pode ser bom mas, a mim,



FOI ASSIM QUE APRENDI A LER: NO JORNAL, À LAREIRA, DEPOIS DA NEVE [NO POCINHO]. HOJE, PASSADOS MUITOS ANOS, NUNCA ESQUECI ESSA NOITE EM QUE LI A PRIMEIRA FRASE DO JORNAL



FOTOS: JOSÉ PEDRO SANTA BÁRBARA

custa-me muito usar elementos demasiado pessoais para aquilo que é trabalho de romance, por exemplo. Sempre gostei muito de reservar a minha vida privada e, por extensão, há elementos de autobiografia que são só autobiografia, são só memórias pessoais. Cada um tem o seu caminho, claro. Mas veja, o Regresso por um Rio, que é o meu primeiro romance fala disso tudo... Na poesia, por outro lado, há muito mais presença desse lado autobiográfico. Mas a poesia é outra coisa, não é literatura. Está para além da literatura.

### “SOMOS SERES ESSENCIALMENTE NARRATIVOS”

**Por regra não usa elementos biográficos na ficção, é isso?**

Não gosto de expor elementos biográficos na ficção. Claro que ninguém pode evitar isso, mas parece-me tão recorrente e tão pobre... Se há uma coisa que interessa ao ficcionista, acho eu, é precisamente a vida dos outros — criar personagens, recolher as histórias dos outros, imaginar como são a vida e o mundo dos outros. Acho que a literatura portuguesa, a ficção, é ainda demasiado literária. Dava para fazer um estudo de sociologia da reprodução literária. Gente da literatura que escreve ficção em que reflecte o mundo da literatura, uma coisa muito classista. Especialmente, jornalistas e pro-

fessores universitários, por exemplo, as metáforas e referências escolares. Devia haver uma espécie de quarentena: durante um certo número de anos sem personagens jornalistas ou professores universitários ou historiadores de arte.

**Mas tem temas recorrentes, angústias e paixões por exorcizar ou não faz uso da palavra nesse sentido?**

A literatura é uma boa terapia, acho que sim. Muito mais acessível do que um analista. A questão está em deixar que aquilo que se escreve se transforme numa espécie de espelho de si mesmo, em que personagens são desdobramentos de si mesmos, ou passar mais além — onde se criam personagens, onde se visita a vida que nos é estranha. Todos exorcizamos qualquer coisa através da literatura: medos, traições, desamores, amores, insónias, seja o que for. Mas eu insisto nesse aspecto fundamental: o gosto por contar histórias, ou seja, a nossa condição humana, tem a ver com o acto de contar histórias e com o de ouvir histórias. Somos seres essencialmente narrativos. Vivemos de narrativas.

**Sentiu a pressão de O Mar em Casablanca ser o livro seguinte à atribuição do Grande Prémio APE de Novela e Romance?**

Sim. Era natural. É preciso compreender que o

prémio foi uma surpresa, uma coisa inesperada e, por isso, o choque foi maior. Eu tinha uma vidinha tranquila, sabia que as pessoas prezavam o Sr. Inspector Jaime Ramos, que não incomodava as ambições literárias de ninguém... “Então, lá publicou mais uma história policial?” Era mais ou menos assim que os outros autores me tratavam. Não achava mal. Nem bem. Deixava-me um pouco lixado, claro, porque me afastavam à partida e isso era injusto, mas enfim... O que aconteceu depois do prémio é que tive uma paragem prolongada. Teve algum peso, o prémio. Impediu-me de escrever. Até que um dia me sentei à mesa e disse para mim mesmo: tu não sabes fazer de outra maneira, por isso aproveita e segue.

**NÃO GOSTO DE EXPOR ELEMENTOS BIOGRÁFICOS NA FICÇÃO. SE HÁ UMA COISA QUE INTERESSA AO FICCIONISTA, ACHO EU, É PRECISAMENTE A VIDA DOS OUTROS**



**“FECHAR UM GÉNERO ENTRE QUATRO PAREDES É REACCIONÁRIO”**

**Incomoda-o o título de “o autor português de romances policiais”?**

Não sei. As pessoas dizem coisas como “isto não é bem um policial, o policial tem de ser seco, cruel, sem devaneios”... Não é isso que faço. Só tentei provar que se pode fazer um policial de outra maneira, com “estados de alma”, como as pessoas dizem. A ideia de fechar um género entre quatro paredes é muito reaccionária, não faz sentido. O que faz sentido é pegar nas regras e fazer com elas aquilo que quisermos. As regras estão lá: há um crime, há uma investigação, há um cadáver. Mas, depois, como se escreve ou se chega ao processo final, isso é completamente diferente, depende da pessoa e daquilo que se quiser fazer respirar. Grande parte dos literatos acha que o detective tem de ser marginal, ter aquela linguagem regional de Lisboa ou do Porto, tem de viver sozinho, ser alcoólico, beber imenso e fumar. Isso é uma coisa um bocado desgraçada, e não funciona. A vida não é assim. Nem os polícias são assim.

**O inspector Jaime Ramos, que o acompanha há oito livros, é também o seu alter-ego?**

É capaz de ser, sim. De alguma maneira, ele é uma figura amável e que torna amável até coisas aparentemente pouco simpáticas: é um pequeno-burguês, um homem culto, amoral, desejoso de passar despercebido. Os modelos de detective clássico dão sempre a imagem de um homem alcoólico, em conflito com a família, a casa, a sociedade. Jaime Ramos foge a esse esquema, tem mais a ver com a vida real do que com os modelos do cinema, simpáticos mas mais do domínio da mitologia do que da vida. Há uma grande cumplicidade entre mim e o Jaime Ramos. Eu sou um admirador da sua minúcia, da sua actividade de investigador, até do seu cepticismo.

**Em algum outro momento pensou que gostaria de ter sido outra pessoa, feito outra coisa, vivido outra vida?**

Gostava de ter sido geógrafo daqueles, à antiga. Tenho uma grande admiração por Orlando Ribeiro, por exemplo. Ou então cantor pop... Estou bem assim. Estou tranquilo, ligeiramente mais tranquilo do que há dez anos. Sinto-me bem, acho que as coisas têm algum sentido. Gostava de viajar mais, de comer sem medo de engordar... Aprendi a não ser muito ambicioso, a não esperar demasiado dos outros ou de mim. Tenho ambições, claro, tenho projectos, mas acho que uma parte da minha vida está tranquila. Olho para os meus filhos e vejo-os a crescer. Às vezes, há coisas muito simples, não há? *M. Vinhas*



## ESCREVE... SEM MEDO

## PERFIL

Francisco José Viegas nasceu há 49 anos, completados a 14 de Março, no Pocinho, aldeia de Foz Côa, de onde se mudou, aos oito anos, para Chaves e, cumprida a adolescência, daí para Lisboa. Da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, saiu licenciado em Estudos Portugueses e chegou a leccionar Linguística na Universidade de Évora, mas falaram mais alto os jornais e as revistas, a rádio e a televisão. Uma vez jornalista, para sempre jornalista mas, cada vez mais, escritor e editor. Autor de obra múltipla e diversa, venceu em 2006, com *Longe de Manaus*, o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores. No mesmo ano, assumiu a direcção da *Casa Pessoa* que abandonou, em 2008, pela *Ler*, título, entretanto, recuperado e relançado. A direcção da revista *Ler* e as crónicas para o jornal *Correio da Manhã* são, actualmente, a sua ligação ao meio. Confessa a saudade dos tempos da reportagem e do tempo de antena que dava aos livros em televisão: *Escrita em Dia* (SIC), *Falatório* (RTP2), *Livro Aberto* (RTPN)... Tem um heterónimo, António Sousa Homem, de que não fala, e um blogue, *Origem das Espécies*, onde não se cala. Sobre o passado catolicismo e o presente judaísmo diz tratar-se de uma conversão pela narrativa, a ética, a representação. Resolve convergências e divergências do jornalismo e da literatura com tirada única, "há coisas bem escritas e coisas mal escritas", e faz planos: "Sentar-me a escrever o próximo livro, o próximo romance – é o que estou a fazer. Sem medo." MV

# “É como um duplo gume de uma faca”

**HOMEM DA COMUNICAÇÃO**, realizador de televisão e cinema, autor de programas de rádio, romancista e guionista, Luís Filipe Costa é, aos 75 anos, reconhecido publicamente pelos seus pares, ao ser distinguido com o prémio máximo atribuído pela SPA no Dia do Autor Português e, simultaneamente, dia do 86.º aniversário da sua fundação, assinalado a 22 de Maio, mas celebrado hoje, dia 20, em antecipação, por razões de calendário.

No final da habitual cerimónia de entrega dos Prémios SPA a autores, a entidades que defendem e divulgam os autores e os seus direitos, aos funcionários mais antigos que trabalham em prol dos autores, e àquele ou àqueles que se destaquem com uma peça de teatro inédita posta a concurso pela SPA em conjunto com o Teatro Aberto, Luís Filipe Costa irá ser o foco das atenções gerais e motivo de grande orgulho da instituição que tem vindo a servir ao longo dos anos, ao receber o Prémio Consagração de Carreira.

Poucos dias depois de ter sido laureado pelo Presidente da República, no passado 25 de Abril, com a Ordem da Liberdade, grau de Comendador, numa cerimónia única na História no Palácio de Belém (ver texto nesta edição), Luís Filipe Costa soube que tinha sido alvo de decisão unânime da Direcção da SPA para que lhe

fosse atribuído o Prémio Consagração de Carreira da sua SPA, onde foi membro efectivo da Direcção, como secretário, em dois mandatos seguidos, desde 2003 a 2010.

E a sua reacção, a pedido da “Autores”, não se fez esperar. Ainda que curto e com a gentileza de ser escrito pelo seu próprio punho, eis na íntegra o significativo e emocionado comentário que nos deixou quase de imediato, sabendo pela sua grande experiência na área da necessidade de cumprir prazos de entrega:

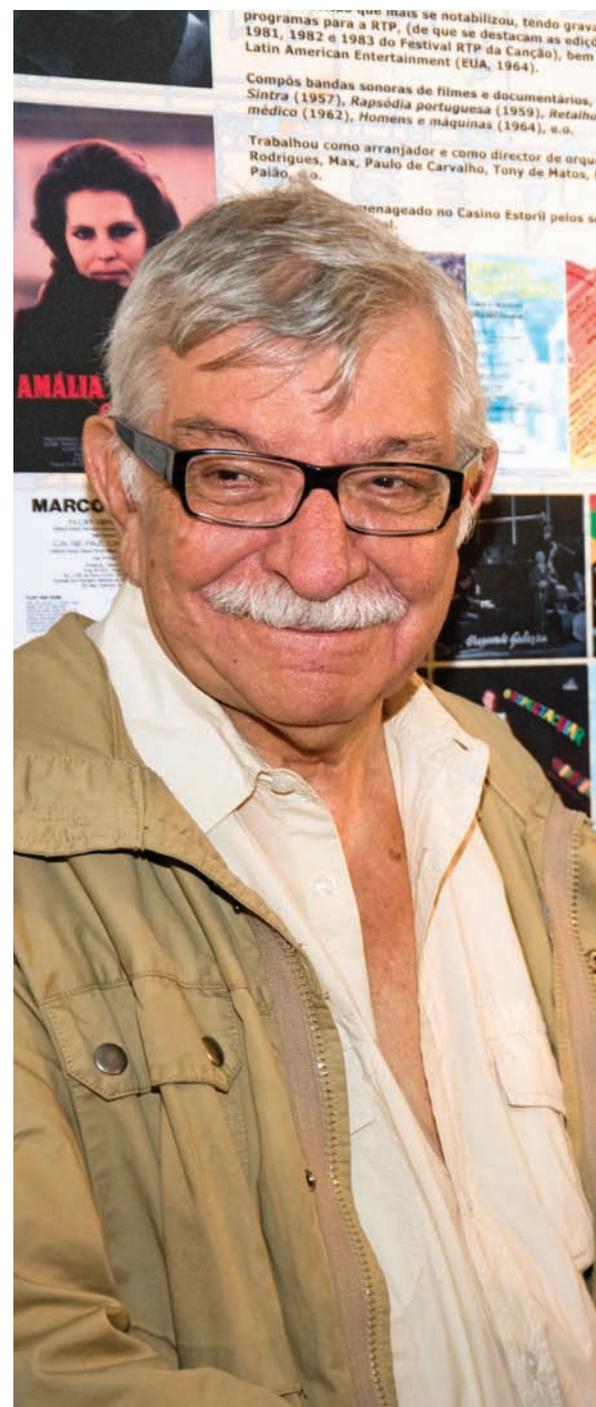
“Um prémio de carreira é como um duplo gume de uma faca. Por um lado, risca uma vida, deixando um sulco que talvez valha a pena seguir. Por outro, afia os derradeiros lápis com que ainda gritaremos a vontade de mudar o mundo”.

## LOCUTOR DO HISTÓRICO DUPLO LP “AS VOZES DE ABRIL”

Com um percurso de décadas ao serviço da cultura, da informação e da cidadania em Portugal, lembramos neste passo da evidente luta que ajudou a travar para mudar os desígnios do país, quando, poucas semanas depois do 25 de Abril de 1974, ergueu a sua voz na locução daquele que é, provavelmente, o mais notável documento sonoro das operações militares daquela quinta-feira, em que os cravos “nasceram” nos canos das espingardas dos soldados que perpetraram a revolução no nosso país.

Foi nessa altura, quase em cima do acontecimento histórico que surgiu o duplo LP “As Vozes do 25 de Abril”. Realizado por Alfredo Alvela (reportagens), Eduardo Gageiro (fotos), Joaquim Furtado (textos), José Ribeiro (montagem), Luís Filipe Costa (locução), Fernando Castelo Branco (composição de reportagens) e Manuel Cunha (montagem), o disco, cujas receitas reverteram para a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, inclui, entre outras preciosidades históricas, o primeiro comunicado do Posto de Comando do MFA lido por Joaquim Furtado aos microfones do então RCP (Rádio Clube Português), às 4h20 do dia 25 de Abril de 1974.

**UM PRÉMIO DE CARREIRA É COMO UM DUPLO GUME DE UMA FACA. POR UM LADO, RISCA UMA VIDA, DEIXANDO UM SULCO QUE TALVEZ VALHA A PENA SEGUIR. POR OUTRO, AFIA OS DERRADEIROS LÁPIS COM QUE AINDA GRITAREMOS A VONTADE DE MUDAR O MUNDO**





No 25.º aniversário do 25 de Abril, em 1999, “As Vozes do 25 de Abril” foi, finalmente, editado em CD, limitando-se a referir que se trata das “históricas reportagens radiofónicas efectuadas pelo então Rádio Clube Português em directo nos dias 25 e 26 de Abril de 1974. Lá estão também, entre muitas outras, as vozes de Salgueiro Maia, no Largo do Carmo, aquando da rendição de Marcelo Caetano, a de Mário Soares na sua primeira entrevista após a revolução e a de Álvaro Cunhal, na primeira conferência de imprensa que então concedeu.

A edição em CD, com 65 minutos e um segundo, é dedicada “a todos aqueles que conseguiram fazer de Abril uma realidade”. E Luís Filipe Costa foi, sem dúvida, um deles.

Marido da actriz, encenadora, argumentista e dramaturga Isabel Medina, membro da actual direcção da SPA, onde é responsável pela organização e condução das Tertúlias sobre Dramaturgia na última quinta-feira de cada mês (ver reportagens nesta edição), Luís Filipe Costa deixou a sua semente no filho Pedro Costa, que também é realizador. Este caracteriza-se por ser um cineasta inovador, que recorre ao uso de câmaras ligeiras de vídeo digital e que é herdeiro das experiências feitas em 16 mm no documentário pelos seus colegas do Novo Cinema, usando as técnicas do cinema directo.

Entre a filmografia para televisão com a assinatura de Luís Filipe Costa, destaque para as biografias de “Raul Solnado”, “José Viana” e “Bernardo Santareno”, para além do filme “Resistência”, “Em Lisboa Uma Vez” e “Jaz Morto e arrefece”.

Com autoria e interpretação de Isabel Medina, Luís Filipe Costa foi o responsável pela encenação teatral da peça “África” e autor dos romances “A Borboleta na Gaiola” (1984) e “Agora e na Hora da Sua Morte” (1988).

#### MEDALHAS, LIVROS, PALAVRAS E MÚSICA

Mas a entrega do prémio Consagração de Carreira a Luís Filipe Costa é apenas um dos “picos”

desta celebração, marcada, como vem sendo hábito, pela divulgação e distinção de muitas personalidades, com Medalhas de Honra, este ano no total de oito autores cooperadores, com Prémios Pró-Autor, também em número de oito, e com Prémios de Antiguidade para sete funcionários com 20 anos de casa, cinco com 25 e três com 30 anos.

Todavia, um dos momentos mais esperados, dado o sigilo completo de que é sempre revestido o momento, é a divulgação do vencedor do concurso organizado pela SPA com o Teatro Aberto para uma peça de teatro inédita. A entrega do Grande Prémio de Teatro Português SPA / Teatro Aberto 2011 constitui, assim, mais um dos marcos desta festa, onde se procura fazer jus às diversas disciplinas que a cooperativa de autores abarca.

Entre elas, é de salientar o lançamento de três livros com chancela da SPA, a saber: “O Álbum de Família”, de Rui Herbon, vencedor do Grande Prémio de Teatro Português SPA / Teatro Aberto 2010 e cujo espectáculo teatral está ainda em cena (ver caixa); “O Bobo”, de Alexandre Herculano, numa adaptação ao teatro da autoria de Norberto Ávila; e “Os Autores e os seus Direitos - Contributos e Reflexões”, de Lucas Serra (ver caixa).

Para além da leitura da Mensagem do Dia do Autor Português, escrita este ano por Maria João Seixas, é sempre com expectativa que os convidados e participantes activos nestas comemorações esperam ouvir a habitual intervenção oficial de fundo do Presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, José Jorge Letria, desta feita, programada para abrir a sessão.

A festa encerra com a actuação de um artista da SPA, ainda não confirmado à hora de fecho desta edição, e um cocktail, a permitir um saudável convívio entre pares, amigos e trabalhadores.

*Edite Esteves*



## PRÉMIO DE CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA DA SPA PARA LUÍS FILIPE COSTA

O Prémio de Consagração de Carreira atribuído anualmente, no dia 22 de Maio, Dia do Autor Português e aniversário da fundação da SPA, será este ano entregue a Luís Filipe Costa, realizador de televisão e cinema, autor de programas de rádio, romancista e guionista. Aos 75 anos, Luís Filipe Costa, que deu voz aos históricos comunicados da madrugada de 25 de Abril de 1974, vê reconhecido, por decisão unânime da Direcção da SPA, um percurso de décadas ao serviço da cultura, da informação e da cidadania em Portugal.

Recentemente agraciado com a Ordem da Liberdade pelo Presidente da República, Luís Filipe Costa recebe deste modo o aplauso dos seus pares por uma vida marcada pela criatividade, pela exigência ética e pela luta em defesa dos direitos dos autores portugueses. Esta distinção, bem como as medalhas de honra e os prémios Pró-Autor da SPA, serão entregues em cerimónia a realizar no próximo dia 20 de Maio, que antecipa em dois dias a comemoração, pelo facto de a data do aniversário da cooperativa coincidir com um domingo.

Lisboa, 12 de Maio de 2011  
O Conselho de Administração

# O AUTOR, esse desconhecido



SOCORRO-ME DE UM GRANDE AUTOR, o muito singular e polémico Jean-Luc Godard, para, à sua guarda, celebrar em texto o Dia do Autor de 2011, correspondendo ao amável convite que me foi dirigido pela Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores.

Por ocasião da estreia do seu último filme – Film Socialisme, em Maio de 2010 – Godard disse, numa entrevista a Jean-Marc Lalanne (Les Inrockuptibles), serem profundamente injustas as aflições por que a Grécia estava a passar, já que a Europa e o Ocidente é que lhe eram devedores. Devedores de incalculáveis biliões pelos direitos antiquíssimos da invenção da Democracia, da Filosofia, da Tragédia, da Lógica!...

Grande razão assiste ao cineasta franco-suíço, porque...

Continuamos a pensar segundo os conceitos herdados de Aristóteles.

Continuamos a emocionarmo-nos com os tragediógrafos. Recordo Sófocles e a célebre frase da sua Antígona: “Eu não nasci para odiar, nasci para amar!”

Continuamos a crescer civicamente com muitas obras dos Gregos, nossos maiores. Em “Apologia de Sócrates”, Platão descreve a defesa de Sócrates perante o tribunal de Atenas, que o condenará à morte. A um dado passo lê-se: “Nenhum homem de merecimento pode ser lesado por quem nada vale!”. Antígona, de novo e sempre, insiste em convocar a nossa reflexão: “... vereis que o lucro desonesto leva os homens com mais frequência à ruína que à prosperidade!” Ésquilo, em “Os Persas”, ensina para a posteridade a generosidade ímpar de um vencedor (grego) que, exigindo-se ser digno e merecedor na vitória, canta a glória e os feitos dos vencidos (persas), os únicos que nomeia.

Continuamos a invejar a polis ateniense que premiava com os mais altos cargos da Cidade-Estado os autores das peças vencedoras nas Festividades em honra do deus Diónisos.

O termo autor chega-nos da Antiguidade, do latim augeo (es, ere, auxi, auctum), que significa fazer crescer, acrescentar, aumentar, ampliar. Em qualquer momento, mas particularmente em tempos de crise, remeter para esta matriz etimológica confirma e amplia o dever de se respeitar e vangloriar todos os que justamente “fazem crescer”, ou seja, todos os autores.

Volto a Jean-Luc Godard. Questionado na mesma entrevista sobre os direitos que cabem ao autor, Godard respondeu com a mordacidade que o caracteriza: “Direitos? O autor só tem deveres!” Queria ele referir-se à pulsão e à urgência interiores que cada autor sente em dar forma a algo novo, em “dever” criar e “fazer crescer”? Ou...?

Sendo hoje o Dia do Autor, e tendo os autores portugueses o apoio e a defesa atenta da Sociedade Portuguesa de Autores, permitam-me que aproveite a circunstância que nesta data celebramos para nomear um “autor desconhecido”, prestando-lhe a minha mais sincera homenagem através da breve história que vos quero contar.

Gastão Jaquet, enquanto funcionário da Brisa e especialista em electrónica, foi incumbido pela Administração da empresa, na década de 80, de inventar um sistema que agilizasse o pagamento das portagens. Gastão Jaquet aplicou-se e, aplicando os seus conhecimentos e o seu desejo de “fazer crescer”, chegou sozinho à criação de um modelo que surpreendeu o mundo das auto-estradas, sendo depois adoptado por muitos que à Brisa logo se dirigiram para aquisição dos direitos de utilização do inovador e engenhoso dispositivo. Falo-vos do inventor da famosa “Via Verde”, inventor cujo nome não conheceu o merecimento da fama, nem me consta que lhe tenham sido alguma vez processadas royalties sobre a sua invenção. Dizem-me que se reformou há poucos anos. Não o conheço, mas gostaria que lhe fosse dado testemunho, neste Dia e nesta Casa, da minha admiração, solidária e grata.

À Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores sou, desde há muito, grata, pelo empenhado esforço na defesa dos direitos de todos os autores portugueses. Fico agora mais grata ainda pela oportunidade concedida de poder associar-me, com estas palavras, à Festa do Dia do Autor.

Lisboa, Maio de 2011  
Maria João Seixas

## LISTA DAS PERSONALIDADES DISTINGUIDAS PELA SPA DIA DO AUTOR PORTUGUÊS 2011 (COMEMORADO A 20 DE MAIO)

### MEDALHAS DE HONRA

Hélder Costa  
António Tavares Teles  
Nuno Nazareth Fernandes  
José Mário Branco  
Rui Mendes  
Maria Guinot  
Yvette Centeno  
Fernando Dacosta

### PRO-AUTOR

Centro Cultural de Belém – Mega Ferreira (Presidente)  
Fantasporto – Mário Dorminsky (Director)  
Teatro Experimental de Cascais – Carlos Avilez/João Vasco (Direcção)  
Ana Aranha – À Volta dos Livros (Antena 1)  
Jornal de Letras – José Carlos Vasconcelos (Director)  
Correntes d'Escritas – Luís Diamantino Carvalho Batista (Vereador Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Póvoa do Varzim)  
Álvaro Cassuto  
Mécia de Sena

### PRÉMIO CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA

Luís Filipe Costa

### GRANDE PRÉMIO TEATRO PORTUGUÊS SPA / TEATRO ABERTO

A divulgar apenas, como vem sendo hábito, no próprio dia de entrega dos prémios, cerimónia celebrada, este ano, a 20 de Maio

20 de Maio de 2011 | 18h | Sala - Galeria Carlos Paredes.

R. Gonçalves Crespo, 62 - Lisboa  
T. +351 21 359 44 00 F +351 21 353 02 57  
E geral@spautores.pt www.spautores.pt

## Programa

**18h00** Recepção aos convidados

Intervenção do Presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA

Leitura da Mensagem do Dia do Autor da autoria de Maria João Seixas

Entrega do Grande Prémio de Teatro Português SPA / Teatro Aberto - 2011

Lançamento do livro *O Álbum de Família* de Rui Herbon, vencedor do Grande Prémio de Teatro Português SPA / Teatro Aberto - 2010

Lançamento do livro *O Bobo de Alexandre Herculano*, adaptação de Norberto Ávila

Lançamento do livro *Os Autores e os seus Direitos - Contributos e Reflexões* de Lucas Serra

Homenagem aos trabalhadores por antiguidade

Entrega de Medalhas de Honra a Cooperadores

Entrega de Prémios PRO-AUTOR

Entrega do Prémio Consagração de Carreira

Actuação

Cocktail

### ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES DE "O ÁLBUM DE FAMÍLIA"

### PEÇA PREMIADA O ANO PASSADO EM CENA SÓ ATÉ DIA 29 DE MAIO

A peça "O Álbum de Família", de Rui Herbon, galardoada o ano passado com o Grande Prémio de Teatro Português SPA/Teatro Aberto 2010, por ocasião do 85.º aniversário da SPA, estará em cena só até ao próximo dia 29 de Maio, na Sala Vermelha do Teatro Aberto, numa encenação de Tiago Torres da Silva.

Estreada no dia 1 de Abril, a peça de Rui Herbon conta no seu elenco com os actores Catarina Avelar, Catarina Wallenstein, Fernanda Neves,



Jorge Corrula e José Eduardo. A música do espectáculo é da autoria do guitarrista e compositor Pedro Jóia, o cenário de Rui Francisco e os figurinos de Hilda Portela. Aurélio Vasques é o responsável pela realização vídeo e Melim Teixeira pela luz.

A acção passa-se numa sala de espera de uma estação de um comboio, onde um "eu" empreende uma viagem à procura de si próprio, uma viagem pela memória, pelo espaço e pelo tempo de Portugal, antes e depois de 1974. Este "eu", que poderia ser qualquer um de nós, é confrontado com o facto de poder deixar a família, à procura de novos horizontes, ou apenas de o desejar e não ousar, mantendo-se agarrado aos seus laços afectivos e ao mundo que conhece.

Interessada na divulgação da dramaturgia portuguesa contemporânea, a Sociedade Portuguesa de Autores instituiu com o Teatro Aberto o "Grande Prémio de Teatro Português", destinado a galardoar, em cada ano civil, uma peça inédita de um autor português. O Grande Prémio 2011 será divulgado no Dia do Autor Português, que coincide com o 86.º aniversário da SPA, assinalado a 22 de Maio, mas celebrado este ano a 20, por motivos de calendário.

Os espectáculos realizam-se de quarta a sábado, às 21h30, e aos domingos, às 16 horas.

TERTÚLIAS EM TORNO DAS ARTES DO ESPECTÁCULO

# Vitorino e Carlos Mendes

## demonstram o percurso da composição de uma canção

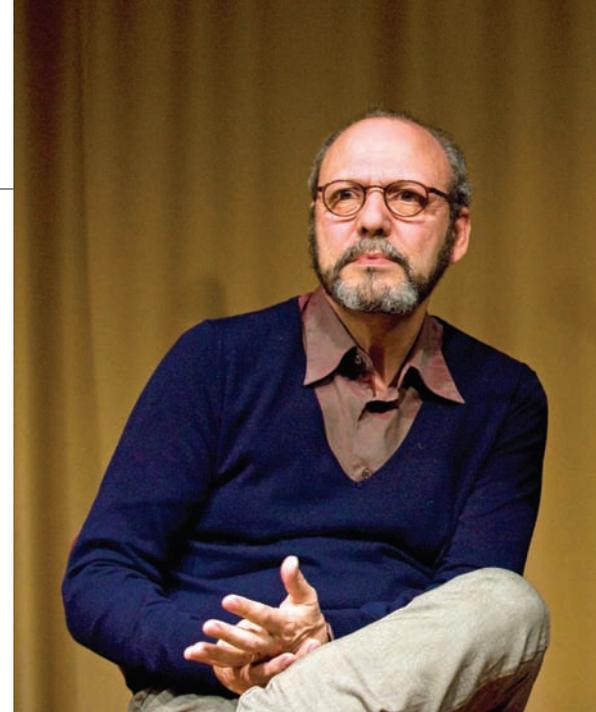
VITORINO E CARLOS MENDES. Dois intérpretes e compositores de primeira linha. Dois profissionais apaixonados pela sua arte. Ambos com créditos firmados junto das editoras e do público, quer a nível nacional, quer internacional. Dois artistas com muitos pontos coincidentes, mas com estilos e géneros musicais também diferentes em vários aspectos. Eles foram os convidados de Isabel Medina para a sessão do Ciclo de Tertúlias em torno da Dramaturgia e das Artes do Espectáculo, que decorreu no dia 31 de Abril no Auditório Maestro Frederico de Freitas, da SPA. O objectivo: “Explicar quais os processos criativos para compor uma canção, exemplificando estilos de letras e músicas, e desafiando o público presente a colocar questões e a participar.”

Apresentando uma diferença de idades de cinco anos com os ponteiros do tempo mais avançados para a retaguarda em relação ao autor de “Alentejanas e Amoras”, os dois viveram o 25 de Abril numa idade fantástica de exultação e expressam nas suas composições as mágoas e as alegrias das suas vidas agitadas, por meio de um vocabulário onde o respeito pela língua e as tradições se mantêm: aquele com raízes fundas no Alentejo dos bailes, do folclore, dos cânticos sonantes e compassados e de uma geração acima, este apropriando-se do ambiente urbano da Lisboa dos Sheiks, que ele fundou, em 1963, juntamente com Paulo de Carvalho, Fernando Chaby e Jorge Barreto e por onde passou mais tarde Fernando Tordo. Apelidado de Beatles portugueses, o famoso conjunto tocava o rock’n’roll típico da época, do qual, aliás, foi o principal precursor em Portugal.

Ambos rumam por critérios de minuciosa qualidade, onde as palavras são armas solidárias, às vezes metáforas fortíssimas, e os poetas que as servem seleccionados com rigor, mas cada um ao seu jeito, dentro da sua tessitura, com as suas melodias próprias, os seus segredos de composição, como se pôde apreciar pelos exemplos dados com a maior das naturalidades para a entusiástica assistência. Um piano, uma viola, duas vozes completamente diferentes e o espectáculo do processo de composição de cada um a reter a atenção dos presentes.

Os dois embalaram numa competição saudável e espontânea, num jogo de ping-pong para explicar harmonias e acordes utilizados em algumas das suas composições mais marcantes, “cada vez mais simples”, conforme admitiram, porque cada vez mais sábios e experientes no seu exigente ofício criativo. “A simplicidade é uma coisa complicada”, confessaria Carlos Mendes. “Dois acordes iniciais serviram para eu compor canções tão diferentes!”, confidenciou, correndo a demonstrá-lo para o piano, a génese de todas as suas composições.

E pelo meio ficaram no ar muitas e variadas histórias das histórias de bastidores de algumas canções, como aquela em que ele, como grande admirador de Chopin (“lembram-se do pingo da chuva?!”), fez para a sua amada, a mulher, numa noite de luar, em Moledo, em que a primeira parte não sai da nota Dó. “Fiz uma valsa, que é o mais simples de fazer, com compasso 3x4, e um texto inócuo, mas melodioso”. E tocou. E cantou com aquele sorriso de encanto que o toca nestes momentos “Quando a lua reflecte...”



### A PERSONAGEM E O HOMEM DE PALCO

Aqui está uma grande diferença entre os dois. Enquanto Vitorino vestiu uma personagem, que tem mantido ao longo da sua extensa carreira, sempre a preto e branco e sem abandonar a boina negra, montando uma postura concentrada, de certo modo reservada, quieta e de forte presença diante do público, Carlos Mendes extravasa toda a sua personalidade mais íntima quando sobe para as luzes da ribalta. Transforma-se. Canta, dança, toca, dialoga, corre pelo palco como se fosse o seu recreio.

“Ele é um homem de palco, domina-o! É, de longe, do ponto de vista cénico, o melhor. O maior cantor de music-hall”, como o caracterizou José Jorge Letria, que exultou com a sua apresentação, não resistindo a entrar no diálogo que se foi estabelecendo espontaneamente entre artistas e público.

Tanto Vitorino como Carlos Mendes são autores de composições emblemáticas onde o amor e o romantismo cantam alto, profunda e docemente: Vitorino não se pode desligar da sua “Menina Está à Janela”, tema popular com recolha e adaptação do próprio, gravado pela primeira vez no seu álbum de estreia, em 1975, e com muitas outras versões; e Carlos Mendes com “Amélia dos Olhos Doces”, com poema de Joaquim Pessoa, um dos grandes êxitos do cantor, que, segundo explicou, saiu logo à primeira e com o poeta/letrista presente durante o processo de criação.

Aliás, como nasce uma canção a partir de um poema já feito, ou como se gera uma letra, a partir de uma composição musical elaborada previamente foi um dos temas versados nesta demonstração.

Disse Vitorino, dando também ele um exemplo passado consigo: “Houve uma música que compus em 15 minutos ao lado do António Lobo Antunes, que foi escrevendo a letra, ao mesmo tempo, na toalha de papel da mesa de um restaurante, onde almoçámos. Depois tive que ir gravá-la logo para não me esquecer... Nem sei qual foi o processo descritivo”.

As canções que saíram à primeira são os êxitos, caso de ‘Amélia dos Olhos Doces’. Aquilo saiu sem qualquer sentido crítico”, admira-se ainda hoje Carlos Mendes. E Vitorino resume da melhor maneira: Fazer uma canção é um processo absolutamente mágico! É um anjo ou um gnomo que entra por nós adentro. É inexplicável!” *Edite Esteves*





## Perfinst = Performance + Instalação

Luís Castro é, ele próprio, como que a imagem viva do neologismo que criou para o conceito que idealizou em Londres, em 1996, a propósito da concepção do espectáculo COMB. Confrontado com a dificuldade de classificar aquele que seria um projecto misto de performance e instalação, o criativo encenador e actor português nascido em Moçambique em 1961, deu-lhe o nome de Perfinst. E foi, precisamente, com esse conceito passado à prática e à cena em “Húmus”, em Dezembro de 2010, sob texto de Raul Brandão, que o director do Karnart arrebatou o Prémio Autores 2011 para o Melhor Trabalho Cenográfico, na categoria de Artes Visuais.

O espaço, os intérpretes, os objectos e a caracterização e guarda-roupa constituem peças fundamentais do Perfinst, esse processo criativo e inovador ora explicado em conversa informal na sessão do passado dia 28 de Abril do ciclo das Artes do Espectáculo, na SPA, e que levou muitas pessoas a interrogarem-se a si próprias sobre o alcance deste projecto.

De facto, foi a actriz e membro da direcção do grupo Karnart Mónica Garcez quem lançou este tema em investigação: “Baseado numa observação muito atenta e concentrada, tanto por parte do Luís, que funciona como um maestro e o elemento que desencadeia a interligação das acções, como em relação aos objectos que escolhemos para manipular e construir uma história no nosso espaço, o Perfinst é não só um conceito, mas uma posição perante a vida.”

Sob o título “Perfinst – Teatro, Instalação ou Performance?”, a sessão foi rica em informação e completada pelo visionamento de alguns trechos gravados de “Húmus”, a que já se seguiu, entretanto, “Frida, Frida”.

E lá estavam os intérpretes (não actores) tornados personagens de diversa índole, “brincando”

com os seus objectos, pequenos ou grandes, altamente concentrados sobre uma mesa-palco que lhes servia de espaço da história que construíam, dentro do outro espaço cénico do próprio homem ou mulher em acção. Cada gesto como que em câmara lenta num cuidado extremo, para que nada ficasse fora do lugar e todos os gestos tivessem um significado evidente para si mesmo e para o público que, como foi referido, pode cirandar por entre os espaços isolados por uma fita, como se de instalações várias se tratasse, mas não pode interferir nas acções. Só observa. Compara. Escolhe o que quer ver. Vai de um para outro lado para ver. Os intérpretes são como que marionetas, cada uma em sua moldura cénica, sem interagirem umas com as outras, nem sequer saberem que história o parceiro do lado está a “contar” por movimentos miméticos.

Sim, porque no Perfinst os intérpretes não falam por palavras, mas por gestos, seguindo uma música de fundo e, às vezes, também um texto lido em off pelo Luís.

O método é o seguinte: faz-se a leitura do texto que se quer teatrealizar ou pintar e depois deita-se o mesmo para trás das costas. O Luís programa a produção de uma série de objectos, que são construídos pelo artista plástico Vel Z e que poderão repetir-se de Perfinst para Perfinst, sendo que alguns permanecem sempre como que símbolos da personalidade ou do objectivo de vida do encenador-pintor-escultor. De seguida, dá-os a escolher a cada intérprete, que os liga por norma ao texto que leram, construindo desde logo a ideia para a sua representação.

Nesta sessão, para além de Luís Castro, Mónica Garcez e Vel Z, estiveram presentes também, dando o seu testemunho desta experiência, a investigadora Cláudia Galhoz e a actriz Sara Carinhas. *Edite Esteves*



**JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA  
E JOÃO BRITES ENTRE OS CONVIDADOS**

### **1.º ENCONTRO INTERNACIONAL DE CENOGRAFIA REÚNE EM LISBOA GRANDES PROFISSIONAIS PORTUGUESES E ESTRANGEIROS**

Está a decorrer em Lisboa o 1º Encontro Internacional de Cenografia com a participação de alguns dos nossos mais importantes cenógrafos, entre os quais José Manuel Castanheira e João Brites, e com a presença em conjunto de 12 dos maiores cenógrafos do mundo. É o SCENA2011 LISBOA, organizado pela Faculdade de Arquitectura-UTL. Nascido a partir da recém-criada Licenciatura em Cenografia, tem como tema “Cenografia no Mundo sem Fronteiras”. Vivemos num mundo em que a velocidade acelera vertiginosamente os nossos dias e onde as fronteiras que definem lugares e ideias entre as pessoas se tornam cada vez mais indefinidas. Os múltiplos e acelerados cruzamentos de gente e informação à escala global estão a transformar as identidades culturais. De que forma a Cenografia, como arte de inventar espaços para a representação da vida, reflecte as perspectivas dessa nova realidade? De que forma a cenografia se afirma sem perder a sua essência? Quais são os novos limites para a criação cenográfica? É neste âmbito que estão a decorrer diversas actividades, entre workshops, colóquios e exposições, onde se reúnem alguns dos mais emblemáticos profissionais e investigadores da actualidade para uma reflexão sobre a prática, o ensino e a crítica da Cenografia. Nomes como Yannis Kokkos, Guy-Claude François, Pamela Howard, Richard Hudson, José Sanchis Sinisterra, Raymond Sarti, Miguel Verdu, Cristina Reis, Luc Boucris, João Brites, José Manuel Castanheira, Quim Roy e Paulo Oliveira asseguram este evento, cuja viagem começou no dia 26 de Abril, com o workshop “O Comboio”, de Raymond Carver, sob a direcção de José Manuel Castanheira, e que termina no dia 22 de Maio, com o 1.º Encontro Nacional de Cenógrafos Portugueses, a realizar na Companhia de Teatro O Bando, em Palmela, dirigida por João Brites.

Mais pormenores poderão ser consultados no [scenalisboa.blogspot.com](http://scenalisboa.blogspot.com). EE



**MICHEL GIACOMETTI,  
80 ANOS, 80 IMAGENS**

## Exposição na SPA evoca etnólogo adoptado por Cascais

VINTE E UM PAINÉIS contendo 80 fotografias impressas em papel fotográfico plastificado mate, coladas em chapas de PVC, constituem o conteúdo da exposição “Michel Giacometti, 80 Anos, 80 Imagens”, que se encontra patente ao longo de todo o mês de Maio na Sala Carlos Parede da SPA.

A exposição, que assinala a efeméride dos 80 anos do nascimento de Michel Giacometti, cooperador da SPA até ao final da vida, apresenta uma selecção de 80 imagens do universo da colecção fotográfica do etnólogo, realizada em Portugal nas décadas de 60 e 70 do séc. XX, no âmbito do trabalho de investigação, recolha e estudo da música tradicional portuguesa, com que se tornou famoso e enriqueceu a nossa cultura.

Cedida pela Câmara Municipal de Cascais/ Museu da Música Portuguesa/ Casa Verdades de Faria, a exposição é constituída por 80 reproduções de fotografias do fundo de Michel Giacometti, divididas por seis capítulos: “Paisagem e Arquitectura”, “Expressões do Quotidiano”, “Gentes e Rostos”, “Rituais e Religião”, “Actividades Rurais – Tecnologias e Artes Tradicionais” e “Música e Religião”.

As fotografias são acompanhadas por uma legenda com elementos informativos referentes ao título (atribuído pelo autor), local e data. Os conjuntos de imagens que integram estes capítulos mostram-nos, tocadores e cantadores, aspectos da música funcional, da arquitectura rural, das alfaías agrícolas, os gestos e as expressões dos homens, mulheres e crianças.

“Esta colecção revela-nos muito do seu pensamento teórico, da sua forma de olhar e interpretar a realidade. Estamos perante um conjunto de imagens que mostram o país, uma época, gentes, costumes, hábitos e tradições, numa perspectiva humanista e cultural. Percebe-se ainda o respeito de quem olha para a natureza de vida do povo, pretendendo mostrar mais do que se vê e suscitar nas pessoas o interesse pela compreensão dos contextos retratado”. Este é parte do texto de introdução desta exposição, em que as fotografias do autor “registam os traços de uma cultura e de um tempo, hoje verdadeiros documentos históricos”.

A mostra ainda pode ser visitada das 9 às 19 horas, de segunda a sexta, até final deste mês de Maio.

## O HOMEM QUE REGISTOU A VOZ DO POVO

Com a apresentação desta exposição, a SPA homenageia o etnomusicólogo Michel Giacometti, que foi, até ao final da sua vida, membro desta cooperativa.

A SPA faz questão de agradecer à Câmara Municipal de Cascais a cedência dos materiais expostos, que foram posteriormente organizados pelo cenógrafo e artista plástico Fernando Filipe para terem a forma que esta mostra apresenta.

A Michel Giacometti devem a cultura portuguesa em geral e a música portuguesa em particular um contributo de valor incalculável, já que, durante mais de duas décadas, tanto em parceria com Fernando Lopes-Graça como trabalhando individualmente, recolheu um número imenso de temas populares vocais e instrumentais e muitas outras provas e testemunhos da criatividade popular. O seu trabalho de recolha musical esteve na base da construção do repertório de numerosos grupos de música tradicional portuguesa que permanecem em actividade, com reconhecimento do público e da crítica.

Nascido na Córsega, Michel Giacometti estudou em Paris e radicou-se em Cascais em 1965. Homem discreto e laborioso, acompanhou, também como cidadão, os grandes combates do seu tempo, não podendo essa faceta ser dissociada do extenso trabalho de pesquisa realizado no terreno, um pouco por todo o País. Importante testemunho desse labor exemplar é dado pela série de DVDs recentemente editados pelo jornal “Público”.

Esta exposição homenageia, pois, a vida e a obra de um homem ao qual todos devemos tanto e que soube engrandecer a cultura e a memória de um país que o adoptou e que ele tornou seu. Nunca o esqueceremos, também como cooperador da SPA, e esta exposição é apenas uma das formas de o homenagearmos e de continuarmos a tê-lo entre nós.

*O Conselho de Administração da SPA*

### PARA ASSINALAR OS 90 ANOS DO NASCIMENTO DE MATILDE ROSA ARAÚJO

#### **MUNDO INFANTIL INVADE A SPA A EVOCAR “O DESTINO DAS FADAS”**

O mundo infantil a que a escritora Matilde Rosa Araújo deu vida nas suas múltiplas obras dedicadas aos mais novos vai invadir a Sala Carlos Paredes da SPA numa exposição que está a ser organizada e montada pelo cenógrafo e artista plástico Fernando Filipe. A mostra deverá ser inaugurada em meados de Junho, para assinalar os 90 anos do nascimento da “nossa fada-madrinha”, no dia 20 do próximo mês. “O Destino das Fadas” é o título da exposição, que irá reunir capas e ilustrações múltiplas dos seus livros, na maioria infantis, organizadas em 26 painéis, de forma a cativar sobretudo as crianças, ao dar-lhes novas dimensões e significados, ricos em fantasia e artes mágicas, de que a autora tanto gostava. Lá poderemos admirar referências a “O Palhaço Verde”, a “As Fadas Verdes” e, naturalmente, a “O Livro da Tila”, uma das obras mais conhecidas de Matilde, até porque Fernando Lopes-Graça a divulgou também através da sua música. “Luciana e Antenor”, publicado em 2008 e lançado nesta mesma sala da SPA, foi o último livro editado por Matilde Rosa Araújo, antes de falecer a 6 de Julho do ano passado.

O mundo fantasioso e imaginário da autora extravasará, das paredes para o espaço da sala, com uma exposição de bonecas, cedidas da sua grande colecção particular, que mantinha em casa, e ainda se manifestará num recanto destinado especialmente aos mais novos, onde a leitura dos livros da Tila é possível, em ambiente apropriado. EE

### SUSANA FÉLIX LANÇOU ESTE MÊS “PROCURA-SE”

#### **“É O MEU DISCO MAIS POP DE SEMPRE”**

Três anos depois do seu último disco “Pulsção” e um ano depois da homenagem a Ary dos Santos em a “Rua da Saudade”, que seguimos detalhadamente nas páginas desta revista, Susana Félix regressa com “Procura-se”.

“Fazer um disco novo é fazer ‘o novo’ e não ‘de novo’, é encarar de novo o silêncio e a folha em branco!... Estamos todos a acabar um ciclo e a começar outro... E eu senti a necessidade de viver essa nova procura no meu trabalho. É por isso que este é um disco tão diferente dos anteriores; é o início de um novo ciclo...”. As palavras de Susana Félix fazem parte do libreto que acompanha o disco e são repetidas no folheto do seu lançamento,

que se efectivou no passado dia 2 de Maio.

O novo disco, segundo ressalta, afasta-se das sonoridades mais acústicas dos últimos trabalhos e mostra uma Susana Félix mais electrónica.

“É a procura de alguma simplicidade – afirma –, os discos anteriores eram discos que iam ao encontro de um som de alguma forma grandioso. Este não! A minha procura passou por voltar a brincar com a música, a encarar e a reinventar-me de uma forma mais leve, e mais divertida. As minhas letras continuam a falar de assuntos muito sérios, mas de alguma forma, o facto de ter conseguido, 13 anos depois do primeiro álbum, fazer o meu disco mais pop de sempre, é algo que me orgulha e motiva bastante!” Produzido por Renato Jr. e Nuno Rafael, “Procura-se” é uma viagem por esse universo de Susana Félix (autora e compositora), que tão bem descreve os quotidianos, tão bem simplifica aquilo que é de todos e que todos gostaríamos de dizer.

“Procura-se” tem a riqueza das palavras e dos novos sons e a cumplicidade de nomes como Steve Jansen (ex-Japan), João Cabrita, Jorge Drexler (vencedor de um Óscar para melhor canção original), que faz um dueto com Susana em “A

Idade do Céu”, e Carlos Tê, que assina a letra de “Meia palavra”. O álbum inclui ainda duas versões, uma de Marcelo Camelo (Los Hermanos) e outra dos Xutos e Pontapés.

#### **ÁLVARO CASSUTO E CESÁRIO COSTA REGRESSAM À ORQUESTRA DO ALGARVE**

Cesário Costa, principal Maestro Convidado da Orquestra do Algarve (OA), e Álvaro Cassuto, um dos mais respeitados maestros portugueses da actualidade, voltaram a dirigir aquela orquestra, durante os meses de Abril e Maio.

Cesário Costa, que já ocupou as funções de Director Artístico, Maestro Titular e Principal Maestro Convidado da OA, tem vindo a distinguir-se em Portugal como um dos mais dinâmicos maestros da sua geração. Nos dias 21 e 23 de Abril, no Teatro das Figuras, em Faro, e na Igreja de Tavira, respectivamente, dirigiu dois concertos de Páscoa dedicados à música francesa, com obras de Gabriel Fauré, Claude Debussy e Francis Poulenc. Além destes, o maestro conduziu a Orquestra do Algarve nos dias 27 e 28 de Maio, no Auditório Municipal de Albufeira e no Teatro Municipal de Portimão, respectivamente. O violinista Nicolas Koeckert, Artista Associado da OA, acompanhou os músicos num

## VAI SER RELANÇADA COLECÇÃO DA SPA SOBRE CULTURA E DIREITOS DE AUTOR

“Os Autores e os seus Direitos - Contributos e Reflexões”, de Lucas Serra, é o primeiro livro publicado para o relançamento da Colecção da SPA de Textos de Cultura e Direito de Autor.

O livro é uma antologia de intervenções do assessor da Administração e Director do Gabinete Jurídico da SPA, e tem prefácio de José Jorge Letria, Presidente da Direcção e do Conselho de Administração da cooperativa. Apenas com chancela da SPA, o livro vai ser divulgado dia 20 de Maio, durante a cerimónia do 86.º aniversário da cooperativa e, ao mesmo tempo, da comemoração do Dia do Autor Português. (ver programa)

Nesta colecção, ainda este ano, vai também ser lançado um outro livro com intervenções de José Jorge Letria feitas no âmbito do exercício das suas funções, primeiro como vice-Presidente e agora como Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores e como Presidente do Conselho de Administração. Intervenções efectuadas ao longo de cerca de oito anos, em Portugal e no estrangeiro em representação da SPA ou da Cultura Portuguesa e dos Direitos de Autor.

Está igualmente prevista a publicação, no mesmo âmbito, de um livro com os documentos relacionados com o processo, que agora está a decorrer em tribunal e de que damos conta noutra local desta edição, da adaptação a peça de teatro do livro “A Filha Rebelde”, da autoria de José Pedro Castanheira e Valdemar Cruz, feita pela cooperadora Margarida Fonseca Santos e levada à cena no Teatro Nacional D. Maria II, em 2007, com encenação de Helena Pimenta.

Margarida Fonseca Santos e Carlos Fragateiro e José Manuel Castanheira (ex-directores do Nacional D. Maria II) estão a responder por terem sido acusados, pelos sobrinhos de Silva Pais, dos crimes de difamação e ofensa à memória de pessoa falecida. No seu entender, os agora arguidos denegriam a imagem do último director da PIDE, Silva Pais, com a adaptação para teatro do livro “A Filha Rebelde”, que narra a história real da sua filha Annie, que se “converteu” à revolução cubana.

A SPA está a dar apoio jurídico a Margarida Fonseca Santos e a Carlos Fragateiro, através do dr. Lucas Serra. EE

programa totalmente dedicado a Mozart.

Álvaro Cassuto teve um papel fundamental na fundação da Orquestra do Algarve, tendo ocupado no passado as funções de Director Artístico, Maestro Titular e Principal Maestro Convidado da formação.

O maestro esteve à frente da orquestra a 13 e 14 de Maio, em Faro e Lagoa, respectivamente. Em ambos os concertos, destaque para a peça Staccato Brilhante, uma obra curta que Joly Braga Santos compôs para o concerto inaugural da Nova Filarmonia Portuguesa. De seguida, o Concerto para Piano KV 271 de Mozart, interpretado por Ching-Yun Hu, pianista de origem chinesa que já se apresentou nos mais importantes centros de música mundiais.

Os concertos encerraram com a alegre e positiva Sinfonia nº2 de Beethoven.

### QUINTETO DE SOPROS E QUARTETO DE CORDAS

### METROPOLITANA REATA CONCERTOS COM JOVENS SOLISTAS DA ACADEMIA

A Metropolitana de Lisboa reatou os concertos de música de câmara na SPA com a apresentação, no passado dia 5 de Maio, de Jovens Solistas dos Agrupamentos da Academia Superior de Orquestra, vocacionada

para aquele tipo de música, em que os alunos desenvolvem a capacidade de tocar num contexto em que a exposição individual é maior e tecnicamente mais exigente.

O Quinteto de Sopros, constituído por Teresa Reis (flauta), André Machado (oboé), Samuel Matos (clarinete), Edgar Barbosa (trompa) e Catherine Stockwell (fagote), interpretou a “Suite para Quinteto de Sopros”, de Robert Washburn (1928); “La Cheminée du Roi René”, Op. 205 de Darius Milhaud (1892-1974); e “Três Shanties”, Op. 4 de Malcolm Arnold (1921-2006). O Quarteto de Cordas, formado por Eliana Magalhães (violino), Ana Rita Damil (violino), Ana Rita Cardona (viola) e Catarina Gonçalves (violoncelo), interpretou “Quarteto de Cordas n.º 22 em Si bemol maior, KV 589, Prussiana n.º 2”.

A prática de música de câmara é um dos pilares da formação na Academia. Os diferentes grupos de câmara formam uma dinâmica de trabalho ímpar no panorama do ensino superior em Portugal, com participações nos mais prestigiados festivais e apresentações em Lisboa no âmbito do ciclo Jovens Solistas da metropolitana.

Sob a designação genérica de “A Música por Dentro”, estes concertos integram-se na temporada de 2010-2011 da Metropolitana de Lisboa.

## MENSAGEM DIA MUNDIAL DA PROPRIEDADE INTELECTUAL 26 de Abril de 2011

# “PROJECTAR O FUTURO”

O design está presente em todos os aspectos da criatividade humana, dando forma às coisas de que gostamos, do artesanato tradicional à electrónica de consumo, dos edifícios e das bicicletas à moda e ao mobiliário. É por esse motivo que o design é conhecido como “a inteligência visível”.

O design é a combinação da forma com a função, uma vez que determina a aparência dos produtos que utilizamos no nosso dia-a-dia – dos artigos para o lar aos tablets de última geração. O design concilia os aspectos práticos com os puramente estéticos, trazendo estilo à inovação.

Este ano, o Dia Mundial da Propriedade Intelectual celebra o papel do design no mercado, na sociedade e na forma de moldar as futuras inovações.

O design industrial, inicialmente considerado como “a aplicação da arte à indústria”, permite diferenciar os objectos fabricados em série, fazendo com que nos interessemos mais por um produto do que por outro, e com que uma marca tenha mais sucesso do que outra. Por trás de cada novo projecto de design está o desejo de inovar e de que os consumidores vivam

experiências mais satisfatórias. Um design adequado torna os produtos mais cómodos, seguros e fáceis de utilizar.

Dada a importância crescente atribuída ao estilo de vida ecológico, o “design ecológico” constitui actualmente uma aspiração partilhada por muitos criadores. Os processos de design sustentáveis podem contribuir para reduzir os custos de produção e o impacto ambiental. Tendo em conta que o design do futuro será necessariamente ecológico, o sistema de propriedade intelectual encoraja os designers a seguir essa vertente, contribuindo para proteger os projectos de design originais da cópia e imitação não autorizadas.

Nos mercados internacionais, as empresas têm que ser capazes de proteger os seus projectos de design em vários países de forma rápida e eficaz no que diz respeito a custos. No ano passado, o Sistema de Haia para o Registo Internacional de Desenhos e Modelos Industriais - que simplifica esse processo - registou um aumento de 30% no que se refere aos pedidos internacionais apresentados.

No Dia Mundial da Propriedade Intelectual de 2011, a OMPI reúne governos, organizações, estabelecimentos de ensino e empresas de todo o mundo para celebrar os designers contemporâneos, que estão a projectar o futuro.



Francis Gurry  
Director-Geral da Organização Mundial da Propriedade Intelectual

**LUÍS CÍLIA**

# “A pirataria é um desporto nacional”

Nasceu em Angola, em 1943, mas é de Portugal que fala a sua música. Um encontro com o poeta Daniel Filipe, aos 19 anos, determinou-lhe o futuro. E, a partir de Paris, onde viveu exilado durante dez anos por recusar fazer a guerra colonial, construiu uma obra de referência na história da canção política portuguesa. Regressado após a Revolução dos Cravos, Luís Cília continuou o seu caminho, discreto mas de grande qualidade, sem nunca abdicar de uma enorme exigência estética. Musicou poemas de Eugénio de Andrade, Jorge de Sena, David Mourão-Ferreira e gostava de fazer o mesmo com Herberto Helder. Já não canta, mas continua a compor, com rigor e método, para teatro, cinema e bailado. Dono de um fino sentido de humor, permanece atento ao mundo que o rodeia. E, mesmo pessimista por natureza, ainda não perdeu a esperança num mundo melhor.

**Nos últimos anos tens vivido com alguma discrição, artisticamente falando: continuas a compor, mas praticamente abandonaste os palcos. O que é que tens feito? Por onde tens andado?**

A transição para a composição foi feita de uma forma pacífica: eu comecei a ter encomendas para fazer músicas para bailados, e um bailado tem uma duração que representa muito tempo de trabalho. Por isso foi uma coisa natural, comecei a dedicar-me mais à composição. Isto a par com o eu já não ter muita paciência para aturar o que eu chamava “os gremlins”. Porque quando eu comecei a fazer discos – os primeiros

foram no Chant du Monde, em 64 – habituei-me a falar com os produtores, com a equipa, dizia-lhes que tinha um disco preparado, eles marcavam o estúdio, eu gravava, e depois eles tinham conhecimento do disco. Havia uma relação de confiança entre as editoras e os seus artistas e sei que hoje já não é assim, porque se instalaram uns “gremlins” que querem ouvir antes e dar opiniões e eu, de facto, não tenho paciência para isso. Ou têm confiança ou não têm.

**Sobretudo ao fim dos anos que já tens de música...**

Sim, e não é só isso. Eu lembro-me de que o Léo Ferré, numa das vezes que esteve cá, me disse “Ó Luís, se eu começasse hoje, não tinha safa nenhuma”. O ambiente é totalmente diferente, acho que é a aculturação que vai no caminho geral do resto, não é? Se nós pensarmos que o primeiro disco do Jacques Brel vendeu cinco exemplares... Havia uma confiança no artista, e era com o tempo que ele conseguia arranjar o seu público, que eram 100, depois 200, e depois 500. Havia tempo, e hoje já não há tempo. Quer dizer, fazem um disco com um jovem, e se ele não vende a quantidade que eles querem, pronto, dão-lhe um pontapé. E de facto isso





não faz com que um artista desenvolva uma personalidade própria...

**Se calhar, também porque cada vez há menos público e mais consumidores...**

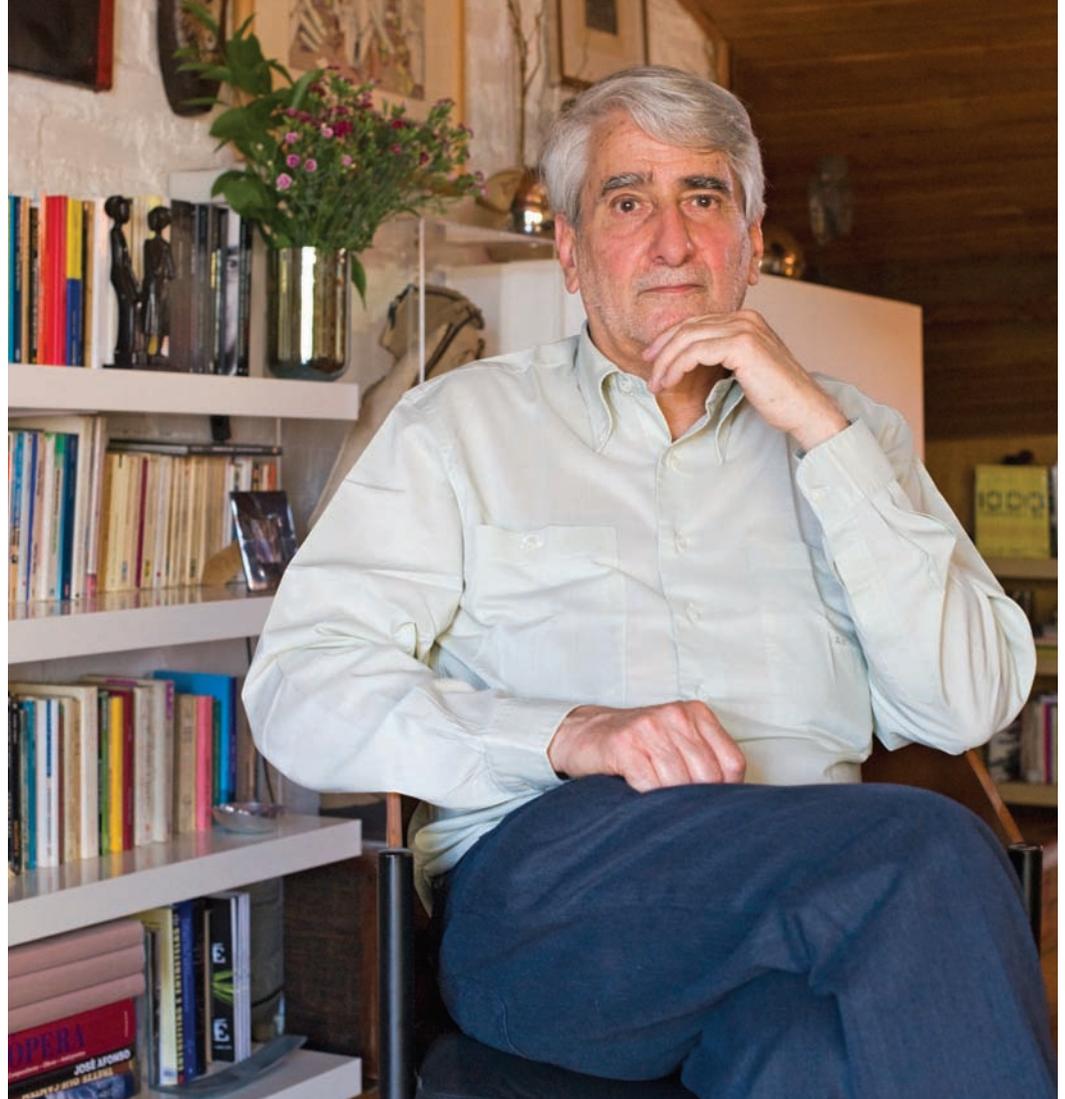
O público, no fim, acaba por nivelar cada vez mais baixo. Por exemplo, as televisões: eu estou-me nas tintas, e acho que as televisões privadas têm todo o direito de fazer aquilo que quiserem porque o dinheiro é delas, mas já as televisões públicas, que funcionam com o dinheiro dos contribuintes, deveriam ter outro tipo de responsabilidade e não ir atrás das audiências. Estes concursos de cantores que se fazem nas televisões são um fenómeno que prejudica muito a música portuguesa: o que lhes interessa é o tipo que imita o Michael Jackson ou a Madona e quanto melhor imita mais eles gostam, em vez de esses concursos serem para procurar novos talentos. E talento é pessoas que tenham alguma coisa a dizer. De certeza que há por aí muitos jovens hoje que têm personalidade própria e talento, mas se querem fazer as coisas deles têm os caminhos todos fechados.

**Tendo em conta as grandes diferenças que existem entre a nossa vida actual e a de há 30 ou 40 anos, parece-te que agora é mais fácil ou mais difícil fazer um caminho na música?**

Bom, a nível técnico, hoje há mais meios. Eu lembro-me (e não quero estar para aqui a coçar a barriga) de que fui o primeiro tipo a fazer recitais, e os recitais eram todos à nossa custa. Quer dizer, era eu e a Nina, a minha mulher, que organizávamos, e depois havia, por exemplo, uns amigos no Porto – o [Avelino] Tavares, o João Manuel Fernandes, e outros – que alugavam as salas, e depois eu ia lá cantar e ficava com aquilo que dava a sala. Nunca dava grande coisa: dava para pagar aos músicos, a sala, a estadia... E, hoje, penso que há uma rede de salas no país, isto sob o ponto



**"...SE ELE DEIXAR DE RECEBER OS SEUS DIREITOS DE AUTOR, DEIXA DE RECEBER O SEU SALÁRIO. É ESSA A MANEIRA DO ARTISTA GANHAR A SUA VIDA. ESTA HISTÓRIA DA PIRATAGEM É UM ABANDALHAMENTO"**



de vista técnico. Agora, não sei se há vontade das câmaras municipais de utilizar essas salas de uma forma em que arrisquem. E quando digo arriscar é trazer gente que, à primeira vista, não vai ver determinado espectáculo. Eu tenho muito respeito pelo Toni Carreira, acho que ele é bom dentro daquilo que faz, mas claro que para uma câmara é muito mais fácil contratar o Toni Carreira, que sabe que lhe vai encher a sala com o seu público assegurado, do que trazer um jovem que começa agora e que, claro, não vai encher a sala. Mas isto é um trabalho a longo prazo, pois se um serviço cultural de uma câmara criar laços de confiança com a sua população, essa população começa a confiar nos espectáculos que a câmara dá, e ao contrário. Eu costumo dizer que, na cultura, a esquerda e a direita unidas jamais serão vencidas...

**"PORTUGAL CONTINUA A SER UM PAÍS POUCOCHINHO"**

**Vejo que manténs o teu grande sentido de humor. E continuas também a olhar muito criticamente para tudo o que te rodeia...**

Bom, do ponto de vista da canção, estou um bocado afastado. Mas costumo encontrar-me com colegas do mundo da canção, de quem gosto muito, e sei que isto não está fácil. Naquilo que eu faço, que é música para imagem, também não é fácil, mas eu vou fazendo uma música para um filme, uma música para o teatro, e

tal. Também já desisti de comprar o Ferrari, portanto já me habituei à ideia... (risos) E não é só em Portugal, quando vou a França e vejo a televisão, aquilo é uma tristeza! Toda aquela pujança que tinha a canção francesa acabou. Hoje vêem-se alguns tipos a cantar que, se mudarem a letra para espanhol ou para alemão, é a mesma coisa, aquilo não tem personalidade nenhuma...

**É a normalização, também nas artes...**

A mundialização, como se costuma dizer. E há tipos que gostam disso – eu acho horrível. Mas a canção francesa, que era uma canção com personalidade própria – como, de resto, a canção portuguesa: num pequeno país como o nosso tinha, nas suas variantes, uma personalidade bastante forte. Desde a canção de intervenção – tipos como o Zeca, o Fausto, o Zé Mário, o Sérgio, o Vitorino, o Manuel Freire, e outros, são pessoas com um estilo muito diferente, com uma personalidade muito forte e, de facto, com qualidade. E noutra tipo de canção havia músicos muito bons: o José Cid, o Paulo de Carvalho, são tipos que fazem muito bem o que fazem. Hoje, há uma tentativa, pelo menos a nível oficioso, de travar todo esse movimento, não dar meios para que a nova geração conheça esse tipo de trabalho.

**Lembro-me de que, há uns anos, numa entrevista que fizemos, tu dizias que Portugal era**



#### **um país pouquinho...**

E continua. Continua pouquinho porque é um país muito virado para si mesmo: por um lado, é um país de novos-ricos, têm todos a mania que vão comprar a gravata a Badajoz. Têm uma gravata e dizem: comprei em Espanha, comprei em Londres... Noutro dia, vi uma entrevista de um político que só compra sapatos em Londres. Isto é a saloiada.

#### **Até porque temos excelentes sapatos em São João da Madeira.**

Os melhores sapatos. Também o famoso mármore de Carrara vem do Alentejo, a maior parte dele... Por outro lado, é um país pequeno, que

vê a curto prazo, que não investe (eu penso que o português investe 50 cêntimos para ganhar um euro) e na cultura é a mesma coisa, não há investimentos. E quando há investimentos, há a inveja nacional. Como quando houve uma encomenda para uma obra do Emanuel Nunes, que eu ouvi e gostei muito, o que houve para aí de combate “porque se gasta muito dinheiro”, de tipos que passam a vida a dizer que não se investe na cultura portuguesa. Claro que não se pode encomendar uma ópera com pouco dinheiro. É esta dualidade que é uma mentalidade um bocado mesquinha. Em certos aspectos evoluiu bastante, mas ainda há certos meios...

#### **É uma herança do salazarismo? O Salazar ficou na cabeça das pessoas?**

É, tudo isto é pequenino...

#### **Num certo sentido até o nosso fascismo foi pequenino...**

Claro. Até se dizia que em Portugal havia uma «ditamole»...

#### **“GOSTAVA DE FAZER UM DISCO COM POEMAS DO HERBERTO HÉLDER”**

**A tua actividade é hoje sobretudo de composição, muito para filmes e teatro. É fácil um autor viver assim?**

Bom, eu tenho de ganhar um certo dinheiro, porque invisto no aspecto tecnológico, que está

sempre a evoluir. Por outro lado, saio pouco de casa, e há muitos contratos que nascem por aí no “social”... Portanto não posso dizer que tenha muitos contratos, mas também não sou um gajo que goste de se chatear muito, e a partir do momento em que tenha trabalho mais ou menos regular, um ou dois filmes por ano... Até agora, nesse aspecto, não me posso queixar.

#### **E das cantigas, não tens saudades?**

Eu continuo a seguir o trabalho dos meus colegas...

#### **Falo de ti. Não tens saudades de cantar, de fazer canções?**

Eu não sei, acho que houve uma vez uns arraiais e fogo-de-artifício, eu até pensei que fosse por eu ter abandonado a actividade canora (risos). Quer dizer, foi uma escolha, mas de facto pelas características que eu tinha – o pequeno recital, a pequena sala – era difícil sobreviver. O trabalho que eu fiz está aí, tenho muito orgulho em tê-lo feito. E de resto houve um professor no Alentejo, Leonardo Verde, que eu nem conhecia, e que hoje sabe mais de mim do que eu...

#### **Foi ele que fez o teu site, luiscilia.com...**

Pois, ele tem procurado, é o responsável pela divulgação que vai tendo o que eu fiz. As músicas, sobretudo, porque de vez em quando há pessoas que perguntam. Claro, eu gostaria de



**“SE OS DISCOS TIVESSEM UM PREÇO MAIS ACESSÍVEL, E SOBRETUDO SE O IVA, QUE AGORA AINDA SUBIU MAIS, FOSSE MENOS ELEVADO, ISSO CRIARIA UM PÚBLICO MAIOR PARA A COMPRA DOS DISCOS”**



continuar a desenvolver determinado tipo de trabalho, como o disco que fiz sobre o Eugénio de Andrade, ou como o que fiz sobre o David Mourão-Ferreira ou sobre o Jorge de Sena. Por exemplo, gostava de fazer um disco sobre a poesia do Herberto Helder, teria outras características, mas hoje é completamente utópico, penso eu. Nem eu tenho paciência para depois andar por aí à procura de editora. Porque, como é lógico,

seria um disco minoritário.

**Há uns anos, não muitos, foram reeditados os teus primeiros discos em CD, pelo menos parte deles...**

Foi o Moshe Naim, em França, que fez um pequeno apanhado dos discos que eu fiz para ele. De quatro discos fez um CD, é de resto o único CD que existe, mas é só daqueles discos. Aliás, no ano passado, eu comprei todos os discos que fiz em França – os direitos e os masters, que estão aí no armário – talvez um dia haja possibilidade de editá-los. Eu gostava de ter os discos que fiz cá, mas isso é um bocado complicado...

**“AGORA SÓ ME PREOCUPEI EM TER OS MEUS DISCOS EM CD”**

**Eu ia perguntar-te precisamente sobre isso. Os discos que fizeste cá não saem em CD porquê?**

Neste momento, salvo um – o “Resposta”, que

é da EMI – todos os discos pertencem à editora do Nuno Rodrigues.

**E nunca foste contactado para editar?**

Ele já me telefonou. Só que, não é que eu agora tenha a mania das grandezas, mas acho que estar agora a editar umas quantas canções num CD... Não estou muito interessado nisso. Um dia, para editar, era uma caixa com tudo. Porque a minha actividade na canção foi evoluindo. Acho que não tem sentido pôr uma canção de um disco dos anos 60 e depois pôr outra dos anos 70, pôr um poema do Eugénio de Andrade e depois pôr outro...

**Podia ser por discos, por exemplo: o “Marginal”, o “Contradições”...**

Pois, não sei. Mas também nunca me ocupei disso. Em relação aos discos de França, o Chant du Monde tinha alguns, que passaram para a Harmonia Mundi quando o Chant du Monde acabou. Eu contactei-os, mas eles até já nem sabiam dos masters do primeiro disco. Acabou

**PORTUGAL É UM PAÍS QUE VÊ A CURTO PRAZO, QUE NÃO INVESTE (O PORTUGUÊS INVESTE 50 CÊNTIMOS PARA GANHAR UM EURO). E QUANDO HÁ INVESTIMENTOS, HÁ A INVEJA NACIONAL**



**O José Fortes também tem essa qualidade. Sabe ver as características de cada músico.**

Mas eu agora só me preocupei em ter os discos em CD, porque de vez em quando, mesmo através do site do Leonardo Verde, há pessoas que contactam. No outro dia, foi uma senhora do Uruguai, que é professora e que tinha os meus discos, mas os tinha perdido, e eu enviei-lhe os CDs que ela pediu.

**“TRABALHO MUITO EM MÚSICA POR COMPUTADOR”**

**Há pouco, falaste no investimento em equipamentos. Tu foste sempre um tipo atento às tecnologias e à evolução tecnológica dentro da música. Lidas bem com isso?**

Sim, mesmo quando estava em França. Eu estudei composição, portanto pude ouvir as técnicas da música electro-acústica, o Pierre Henri... Isso era como ouvinte, claro. Mas depois, quando cheguei cá, comecei à procura dos sintetizadores – o célebre mini moog, que fui buscar a França. Tinha outro sintetizador, que até foi o Jorge Peixinho que depois ficou com ele. Eu sempre me interessei e em alguns discos cheguei a tentar, numa faixa pelo menos, pôr uma música que tivesse algo de experimental, mas não acho que isso tenha interessado muita gente. Mas sempre me interessei pela tecnologia.

**E agora com os computadores e a internet... Dás-te bem com esse universo?**

Vou vendo, sobretudo. Como trabalho muito em música por computador, estou sempre a receber informação de novas coisas que aparecem, e quando tenho dinheiro vou comprando, porque isto não pára. Essa também é a função dos construtores de computadores: é sempre fazer um que daqui a um ano já está obsoleto.

**É a lógica da sociedade de consumo...**

É inacreditável, mas eu fiz a produção de um disco da Né Ladeiras, o “Corsária”, que foi feito com um computador Atari que tinha um mega de memória. E por acaso até gosto bastante desse disco, e claro, da voz da Né Ladeiras. Foi feito com a Transmedia, e ali até há coisas experimentais. Hoje era impossível.

**Hoje já nem uma “pen” tem um mega...**

Claro, claro, é a evolução das coisas. Eu fui evoluindo com a tecnologia.

**Não és dos que têm receio de que a tecnologia possa acabar com a música? E aqui estou a falar mais da difusão e dos suportes que estão a mudar...**

Estás a falar da pirataria. Olha, há uma frase do Herbie Hancock que uma vez li, em que ele respondia a uma pergunta sobre os sinte-

**4** **TODOS OS DIAS, ÀS NOVE E MEIA DA MANHÃ ESTOU À FRENTE DO COMPUTADOR – OU A COMPOR QUANDO TENHO UMA ENCOMENDA, OU A CONTINUAR A MINHA BUSCA DE EXPERIÊNCIAS**

tizadores. Dizia ele: “Olhe, você compra um machado, e um machado pode servir para cortar lenha para lhe aquecer a casa, mas também pode servir para matar o vizinho”. Quer dizer, os sintetizadores, música por computador é como tudo o resto: eu tenho um programa de composição mas ele só transmite o que eu lhe meter dentro.

**Naturalmente, a máquina não dispensa o criador.**

Por outro lado, quando faço uma obra orquestral para um filme, o meu sonho era ir para um estúdio com uma orquestra e tocar, mas isso era praticamente o orçamento do filme. Nós também temos de jogar com os meios financeiros que há e isto hoje está muito evoluído. Um bom pianista não se substitui, ou um violinista, e eu sei o que eu posso ou não fazer dentro do meu trabalho. E é preciso ter essa noção: se eu preciso de fazer um tema com um pianista solista, tenho de contratar um pianista, pois há todo o lado humano que o computador não alcança.

**“OS AUTORES TÊM DE SER PAGOS PELO SEU TRABALHO”**

**Por outro lado, a divulgação e os suportes dessa divulgação hoje são completamente diferentes, o que está a gerar muitos problemas e a obrigar-nos até a repensar a própria gestão dos direitos de autor.**

Isso devemos à piratagem, que é uma coisa em si horrível. Aliás, eu penso que mesmo dos tipos que falam contra a piratagem não há nenhum que, uma vez ou outra, não o faça. Eu sou muito amigo do Daniel Viglietti, e no outro dia mandaram-me um disco dele pela internet. Mas esse disco já não há. Quando houver, eu compro o CD, que tenho o vinil. Agora, há tipos que fazem da piratagem um desporto nacional. Esses tipos são uns vigaristas e desonestos e sobretudo é gente que não pensa no artista como um profissional. Porque, no dia em que deixarem de lhe pagar o salário no fim do mês, ele não gosta. É a mesma coisa para um artista. Se ele deixar de receber os seus direitos de autor, deixa de receber o seu salário. É essa a maneira do artista ganhar a sua vida. O que

por ser o Tavares que, no Porto, encontrou um senhor que tinha editado o primeiro disco e que me deu esse master. E como o Moshe Naim também acabou com a actividade, também me vendeu os masters. Portanto, os de França, eu tenho garantido que são meus, e como tal sinto-me no direito de fazer discos piratas, o que é uma coisa genial. Eu faço discos piratas meus, quando alguém quer um... O que é um luxo (risos).

**Estou a ver. Qualquer dia temos de falar...**

De resto, devo muito ao José Fortes, que para além de ser um técnico de som extraordinário a quem todos nós devemos imenso, fez-me o favor de passar o vinil para CD com uma extrema qualidade, e que me permitiu preservar o conteúdo dos discos.

**E se calhar melhorar...**

Não houve masterização, só transcrição. O José Fortes não me pôs a cantar como o Paulo de Carvalho (risos).



eu acho é que esta história da piratagem se transformou num abandalhamento.

**E resolve-se como?**

É muito complicado. Há uma palavra de que não gosto mesmo nada, que é repressão, mas há-de haver uma maneira – ou através dos próprios sites, dos construtores de computadores, dos fabricantes de DVD e CD – de haver uma parte que fosse paga às sociedades de autores dos diversos países. Claro que também se põe o problema de gerir isso, mas de facto tem de haver um meio de fazer com que os autores sejam pagos pelo seu trabalho.

**Pois, e muitas vezes as pessoas esquecem que este é o trabalho dos autores.**

É um trabalho e há autores que só vivem disso. As pessoas, por vezes, não pensam no problema do intérprete e do autor. Se o intérprete faz um disco, embora a maior parte das vezes não seja bem pago, ele tem uma percentagem sobre as vendas dos discos, enquanto o autor tem os direitos de autor dessas músicas. E muitas vezes, o autor acaba por não ver um chavo. Mas esse é um problema complicado e penso que não vai lá com pezinhos de lã. E há outra coisa, e há muita gente que protesta a nível mundial: o preço dos discos é muito elevado, penso que se os discos tivessem um preço mais acessível, e sobretudo se o IVA, que agora ainda subiu mais, fosse menos elevado...

**Pelo menos que fosse igual ao dos livros...**

Pois. Acho que isso criaria um público maior para a compra dos discos. E também não resolve nada ter discos caros: a Warner está na falência.

**“HÁ UM PROJECTO NO AR COM O MÁRIO DE CARVALHO”**

Ao fim destes já mais de 40 anos na música, olhando para tudo o que fizeste, há alguma



**“TENTO MANTER UMA CERTA DISCIPLINA. E APRENDER. TODOS OS DIAS OUÇO MÚSICA DE TODOS OS GÉNEROS, COMPRO BASTANTES DISCOS DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA. OU ENTÃO, OUÇO CANÇÕES”**

**coisa de que possas dizer que te arrependes? Ou que farias de outra maneira?**

Eu fiz os discos com aquilo que sabia na altura. No meu primeiro disco, em 1964, eu gravei 16 canções numa tarde. Com a guitarra, que às vezes até está desafinada... E até há uma história: eu estava a gravar e quando começava a cantar ouvia-se um barulho no estúdio, e parava-se a ver de onde vinha. E então, o barulho era a minha perna que tremia tanto que o banco batia no chão (risos). Mas é um disco pelo qual tenho carinho, porque foi feito naquela altura, com os meios que eu tinha. Há canções desse disco de que ainda hoje gosto, que acho que não são más. O “Sou Barco”, por exemplo. O Paco [Ibáñez] gosta muito dessa canção, até a cantou quando esteve cá, no espectáculo da Culturgest. Eu fui fazendo discos consoante a minha evolução – como guitarrista, tive lições de guitarra clássica... E nunca gostei do estúdio, quando entrava num estúdio queria logo ir-me embora. Portanto há erros que cometi, mas fazem parte da altura. E acho que, se hoje refizesse aquilo, já não teria a espontaneidade que tinha na altura. Está ali – com os seus erros, muitas vezes com falta de qualidade, com as suas lacunas, mas pronto, é um testemunho do trabalho que fui fazendo ao longo dos anos.

**De resto, tiveste sempre uma postura muito própria, que te valeu algumas incompreensões – para não dizer inimizades – antes e depois do 25 de Abril...**

Não vejo razão para inimizades, porque até me considero um bom rapazinho. Nunca, em nenhuma entrevista, disse mal de um colega. Mas nunca tive muito jeito para o marketing. Quando vim de França, podia ter chegado cá e ter feito o papel do pobre exilado que sofreu muito, mas eu não acho que tenha sofrido muito em Paris, até foi onde me desenvolvi culturalmente. Paris foi para mim uma escola de vida. E em relação a outras pessoas que estavam cá e que estavam presas até era um privilegiado. Achava um bocado até de muito mau gosto aqueles tipos que chegaram cá e tiraram benesses dessa lamúria do pobre exilado. E sempre distingui duas coisas: uma era a minha faceta política, de compromisso partidário, outra era a minha actividade cultural e musical. E isso criou algumas inimizades, porque eu não alinhava em grupos, nesse aspecto.

**E depois dizias algumas coisas que na altura podiam chocar algumas almas. Estou a lembrar-me de quando disseste que o Alfredo Marceneiro era um cantor revolucionário...**

Eu disse isso, e lembro-me muito bem, no





28 de Abril de 74, ao jornalista Mário Con-  
tumélias, para uma revista que se chamava  
“O Cinéfilo”. Porque eu cheguei cá logo a  
seguir ao 25 de Abril e fiquei muito chocado  
com a guerra contra o fado, que o fado era  
fascista e tal... E dei essa entrevista e disse  
que considerava o Marceneiro um cantor  
revolucionário, não só porque o considerava  
– porque revolução não é só pão que rima  
com patrão e com opressão, uma canção  
de amor pode ser revolucionária – como  
também era uma provocação a esse estado  
de espírito vigente. E claro, isso não foi  
uma boa publicidade na altura. (risos) Acho  
que sempre tive um espírito muito crítico e  
depois levei porrada de um lado e de outro,  
mas isso faz parte da vida.

**E não pareces nada arrependido disso...**

Não. No outro dia, o Leonardo Verde recebeu  
um mail de um senhor da Bélgica – e isto  
agora não é outra vez uma provocação – a  
dizer que considerava o “Lulu do Intendente”  
a melhor música portuguesa, e que só agora  
é que tinha descoberto que eu era o autor da  
música. E a mim dá-me prazer que aquela  
espécie de romance – que até pode ser cantada  
em fado, e que acho que tem piada, na linha  
de certo tipo de canções do Brassens, naquele  
tom crítico – que haja uma pessoa que goste.  
No fundo, são canções actuais. E não houve  
muita gente a fazer aquilo.

**E agora, o que vais continuar a fazer?**

Agora, estou à espera de ganhar o euromi-  
lhões no próximo domingo (risos). Bem,  
todos os dias, às nove e meia da manhã  
estou à frente do computador – ou a compor  
quando tenho uma encomenda, ou a conti-  
nuar a minha busca de experiências. Tento  
manter uma certa disciplina. E aprender, e  
ouvir coisas. Todos os dias ouço música de  
todos os géneros, compro bastantes discos  
de música contemporânea. Ou então, ouço  
canções. Tento manter-me alerta. E estou à  
espera que isto melhore um bocado e que  
todos tenhamos mais trabalho.

**Voltar às cantigas está fora de hipótese?**

De momento, sim. Depois, qual é a hipótese  
que eu tenho? Fazer uma amostra e levá-la  
às editoras? Não tenho nenhuma paciência  
para isso e portanto não estou a ver... Estou  
a trabalhar, com o Mário de Carvalho, numa  
ópera a partir de um texto dele. É um projecto  
que andámos a ruminar durante anos, ele é um  
escritor de que gosto muito e sinto-me muito  
honrado por fazer este trabalho. Se depois vou  
conseguir apresentá-lo é outro filme.

*Viriato Teles*

O 25 DE ABRIL PELO OLHAR DE CARLOS GIL

# ABRIL das Chegadas

UMA DAS FOTOGRAFIAS mais marcantes para os autores, que assinala a profunda e vibrante alegria da chegada a Portugal, cinco dias após a Revolução dos Cravos, de muitos dos músicos, escritores, artistas plásticos e demais criadores, e também políticos que tinham estado exilados durante o período negro salazarista e o seu reencontro com alguns dos seus pares em território nacional libertado, figurou como “emblema” da exposição patente na Sala Carlos Paredes, na SPA, ao longo de todo o mês de Abril.

Num abraço amplo a todos os visitantes, o cartaz da exposição do fotógrafo falecido em 2001 Carlos Gil, que nos recebe com aquele sorriso franco e olhar directo numa imagem em primeiro plano como que a “entregar” este “presente”, é um registo único desse dia de júbilo e de esperança, perpetuado pelo olhar do afamado fotógrafo, escolhido pela SPA para assinalar os 37 anos do 25 de Abril. (ver pormenores no texto do Presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA)

As 30 imagens que compuseram a exposição de Carlos Gil, todas elas documentos para a História do 25 de Abril de 1974 e dos dias que se lhe seguiram, foram cedidas pela Fundação Mário Soares, depositária de todo o seu espólio fotográfico, num total de mais de 200 fotos. Organizada por Daniel Gil, que, aliás, tem vindo a divulgar o património do seu pai em diversas plataformas, a mostra fotográfica na SPA foi montada sob o tema “Testemunhos de Memória - Abril das Chegadas, Abril dos Artistas”, indo desta forma ao encontro das memórias de todos os autores desta casa.

## “UM FOTÓGRAFO NA REVOLUÇÃO”

Na inauguração, a 7 de Abril, esteve

presente a viúva do fotógrafo, Judite Gil, que recordou para a “Autores” um pormenor significativo do empenho que Carlos Gil sempre pôs no seu trabalho, da alegria que foi para ele a libertação de Portugal e do humanismo que o caracterizava como cidadão. “Quando se deu o 25 de Abril – contou – estive dois ou três dias sem o ver, pois estava a fotografar, mas mandava-me bilhetinhos por um soldado a dizer que estava bem. Tinha esse cuidado!”.

De resto, é ele próprio que conta, num texto que acompanha as suas fotos, por ocasião do 20.º aniversário do 25 de Abril, que na madrugada daquele dia uma voz lhe gritou, do outro lado do fio: “Carlos, levanta-te, escuta a rádio e vai p’rá rua. Leva a tua máquina que está aí a Revolução”.

(...)

“É aí, do meio de uma coluna blindada, em pé num Unimog transformado em verdadeira tribuna ambulante e ao vivo, que Carlos Gil testemunha e dá testemunho, em dezenas e dezenas de fotografias, do primeiro acto de explosão popular do 25 de Abril”, escreve Adelino Gomes, no livro editado em 2004 pela Caminho “Carlos Gil - Um Fotógrafo na Revolução”.

Com organização de Daniel Gil e textos de Adelino Gomes, um jornalista que muito testemunhou por escrito esse período histórico do nosso país, esta

# ABRIL dos Artistas

obra de Carlos Gil, completamente esgotada, poderá vir a se reeditada, segundo o desejo da família e de muitos interessados, não sendo de pôr de lado a hipótese de a SPA intervir nesse processo de grande interesse memorialista.

Aliás, a exposição patente na SPA fez eco dessa importância através das três dezenas de imagens reproduzidas, onde figura, entre muitas outras – desde a chegada de

Mário Soares e a de Álvaro Cunhal às de Salgueiro Maia no Largo do Carmo e em Santarém - uma de cariz único: a de Otel Saraiva de Carvalho, atrás das grades da prisão.

Judite Gil contou como é que esse “furo jornalístico” foi conseguido: “O Carlos fez-se passar por um diplomata brasileiro para entrar na cadeia e falar com o Otel e tirou-lhe aquela foto

com uma máquina muito pequena que tinha levado escondida.”

## DOCUMENTÁRIO “30 FOTOS 30 DIAS”

Um dos testemunhos sobre Carlos Gil e a sua obra que faz também o orgulho do seu filho Daniel Gil é um documentário produzido o ano passado em Abril, denominado “A Revolução de Abril nos Olhos de Carlos Gil – 30 Fotos 30 Dias”. O documentário, que Daniel Gil pretende agora trabalhar

mais em termos de conteúdos para ser relançado por ocasião dos 40 anos do 25 de Abril, segundo confiou à “Autores”, retrata em 30 pequenas histórias, recorrendo às imagens captadas pelo seu pai, Carlos Gil, aquele que foi o mais marcante episódio da história recente de Portugal, o dia 25 de Abril de 1974.

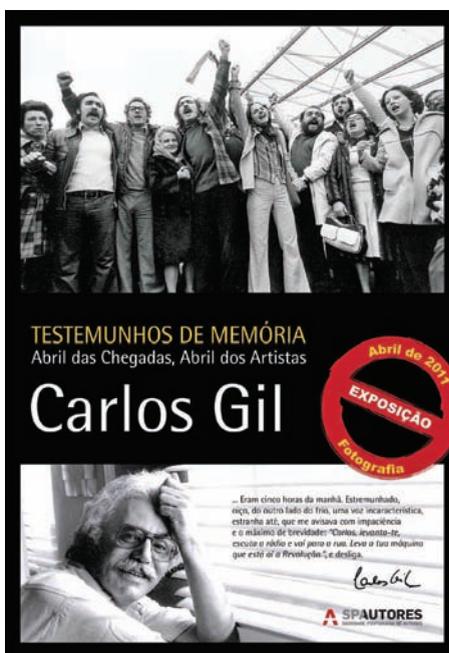
Foi, na verdade, através da lente de Carlos Gil, com 37 anos e a trabalhar na “Flama” naquela altura, que chegaram até aos nossos dias muitas das imagens do que se passou naquele dia de Abril. O trabalho do autor, que defendia que o fotojornalismo também sofreu uma revolução no dia da revolução dos cravos, foi ponto de partida para a edição daquele documentário pela Zon Lusomundo.

Apresentado pela RTP após o telejornal de 25 de Abril de 2010, o documentário, também da autoria do jornalista Adelino Gomes, foi realizado por Ivan Dias e teve direcção de fotografia de Daniel Gil.

Ali reúnem-se 30 histórias com a assinatura de personalidades diversas, desde Mário Soares, José Manuel Tengarrinha, passando pelo crítico de Jazz António Curvelo, o ex-capitão de Abril Vasco Lourenço ou o músico José Mário Branco, um dos artistas chegados de Paris, juntamente com Luís Cília, ao aeroporto da Portela, a 30 de Abril de 1974, centro da efusiva manifestação de alegria dos seus companheiros de luta na tal foto que serve de cartaz à exposição patente na SPA.

## UM CIDADÃO DO MUNDO

O teatro foi a paixão de Carlos Gil em Coimbra, no CITAC (Centro de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), enquanto cursava Direito. Já em Lisboa, no 4.º ano, ajudava a fundar o Grupo Cénico da Faculdade de Direito, ao lado de Hélder Costa. Em 1961, é chamado





a cumprir serviço militar obrigatório em Timor, e compra a sua primeira máquina fotográfica em Singapura, durante a longa viagem. Colabora na rádio e nos jornais locais e funda um grupo de teatro experimental, permanecendo naquele território, ainda ao tempo uma colónia portuguesa, durante dois anos.

Troca Direito pelo jornalismo em “A Capital”, em 1968, onde se inicia, mais tarde, como fotojornalista. O 25 de Abril encontrou-o na revista “Flama”, onde se manteve até 1977, ao mesmo tempo que ensaia colaborações na imprensa portuguesa e estrangeira.

Cidadão do mundo, originário da Beira Alta raiana de Figueira de Castelo Rodrigo, privilegiou zonas de conflitos armados e guerras de guerrilha: Angola, Moçambique, Sara Ocidental, Kurdistão, Líbano, Iraque, Panamá, El Salvador, Guatemala, Nicarágua, Uruguai, Argélia e Marrocos, entre outros.

Publicou livros, texto e fotografias, entre os quais “Portugal e os seus Cavalos”, 1983; “El Salvador, o Caminho dos Guerrilheiros”, 1983; “Por Caminhos de Santiago”, 1ª edição 1990, 2ª edição 2000; “Lisboa em Voo de Balão”, 1998; e “Viver Timor em Portugal”, 1999, ano em que, finalmente, o povo timorense optou pela independência em referendo organizado pela Organização das Nações Unidas.

Exposições como “Volta ao Mundo em 80 Fotos”, assinalando 25 anos de fotojornalismo; “O Caminho dos Guerrilheiros”; “Irakopotâmia”; “Crianças Sarauí”; “Olhares”, por ocasião dos seus 30 anos de fotojornalismo; “Excluídos”, que foca realidades do fim do milénio; e “Casal Ventoso”, no vendaval da mudança, 1999.

Carlos Gil teve a sua obra fotográfica publicada em várias obras de referência: “Portugal Livre”, de Fernando Assis Pacheco, 1974; “Photography Year Book”,

1975; “À Descoberta de Portugal”, 1982; “Fotografia Portuguesa 1970-80”, 1984; “O Mundo em Azert”, 1984; “A Quinta do Recreio do Marquês de Pombal na Vila de Oeiras”, 1987; “História Contemporânea de Portugal”, de João Medina, 1988; “O Fotojornalismo Hoje”, 1989; “Por Terras de Portugal”, 1992; “Portugal Século XX”, de Joaquim Vieira, 1999; “Templos de Lisboa”, 1.º e 2.º volumes, 2001, e “Na Rota dos Judeus”, guias do Centro Nacional de Cultura; “Mercado 24 de Julho”, edição da CML; “A pobreza Infantil em Portugal”, trabalho de Manuela Silva, com o patrocínio da UNICEF; “Carlos Gil - Um Fotógrafo na Revolução”, de Daniel Gil e Adelino Gomes, 2004. É também da sua autoria a foto escolhida para capa da edição portuguesa do livro “O Sorriso do Jaguar”, de Salman Rushdie.

Galardoado com vários prémios, entre os quais dois Gazeta do Jornalismo (1984 e 1985) e dois Ibn Al Haythem, Bagdad (1996 e 1997), exerceu actividade docente na formação profissional de jornalistas e candidatos a jornalistas, nas áreas de Fotojornalismo e Reportagem, nos cursos do Cenjor (Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas).

Carlos Gil morreu em Lisboa no dia 3 de Junho de 2001. Tinha 64 anos.

A Câmara Municipal de Lisboa, na sua reunião de 6 de Junho de 2001, aprovou por unanimidade uma moção de pesar pelo seu falecimento, ficando deliberado que Lisboa prestaria homenagem ao cidadão do mundo, jornalista e fotógrafo Carlos Gil, atribuindo o seu nome a uma artéria da cidade. Esta homenagem concretizou-se através de deliberação camarária de 2001, na freguesia de Marvila, local onde foram homenageados toponimicamente através do mesmo edital os pintores Eduarda Lapa, Mário Botas, Luís Dourdil, Artur Bual e Severo Portela, os escritores Luís de Sttau Monteiro e Jorge Amado, o arquitecto Alberto José Pessoa e o sociólogo Gilberto Freyre.

Na freguesia de Marvila, Carlos Gil partilha ainda o espaço toponímico com os jornalistas Ricardo Ornelas e Álvaro de Andrade, o escultor Faustino José Rodrigues, e os pintores Celestino Alves, José Rodrigues e Gabriel Constante, entre muitos outros. *Edite Esteves*

**JOSÉ JORGE LETRIA EVOCA**  
**A “ELOQUÊNCIA DOCUMENTAL” DO FOTOJORNALISTA**

## UMA MEMÓRIA VIVIDA IMAGEM A IMAGEM

“Carlos Gil foi um dos mais competentes e talentosos fotojornalistas portugueses de todos os tempos. Poucos como ele tiveram uma noção tão exacta e tão inspirada do instante e do seu significado. Como repórter, em Portugal e em vários lugares do mundo, Carlos Gil soube ser uma testemunha activa e sensível do seu tempo e do mundo em que viveu, deixando um registo de valor inestimável de tudo aquilo que a sua máquina e a sua memória registaram.

Para além disso, Carlos Gil era também um fotojornalista que sabia usar a palavra com apurado sentido jornalístico, elevada cultura e profundo conhecimento da condição e da natureza humanas. Era um humanista, um homem comprometido com as grandes causas do seu tempo, um cidadão que nunca se inibiu de combater por causas, valores e princípios.

É difícil contar momentos cruciais da História portuguesa sem se recorrer à força e à eloquência documental das suas fotografias, porque ele tinha uma capacidade invulgar de estar presente, de forma sempre discreta e eficaz, onde a História estava a acontecer.

“Por isso, as fotografias são uma crónica viva do 25 de Abril de 1974, que acompanhou nas ruas, nesse dia e nos muitos que se lhe seguiram, com uma atenção constante, uma sensibilidade insuperável e um excepcional sentido jornalístico. Foi também ele que esteve no aeroporto da Portela ao fim da manhã de dia 30 de Abril, para registar a chegada dos cantores que regressavam do exílio – José Mário Branco e Luís Cília – bem como o caloroso e comovido abraço de reencontro dos companheiros que por eles esperavam: José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, o autor destas linhas, José Carlos Ary dos Santos, José Duarte e João Paulo Guerra, entre outros. As fotografias tiradas nesse dia transformaram-se, em larga medida, na história desse dia.

São essas e outras fotografias que ficam patentes nesta exposição, dando testemunho da fraterna emoção desses dias e facultando-nos o pretexto para, hoje e sempre, prestarmos uma sentida homenagem ao grande fotojornalista e artista que foi Carlos Gil, um profissional, um cidadão e um amigo que terá sempre lugar cativo na nossa memória.

“Compete-nos ainda agradecer à família da Carlos Gil, herdeira do seu legado e da sua memória, a disponibilidade manifestada para que esta exposição se realizasse na SPA, instituição à qual o nome e a obra de Carlos Gil ficarão sempre ligados.

“É esta a forma escolhida pela SPA para comemorar o 37.º aniversário do 25 de Abril, deixando patentes ao público imagens únicas e inesquecíveis desse tempo histórico e transformando-as numa maneira simbólica e autêntica de celebrar o homem e a sua obra, bem como os valores da democracia e da liberdade, pelos quais toda a vida se bateu, até que uma despedida dolorosa e prematura nos privou para sempre da sua grandeza de espírito, do seu talento e da sua inesquecível companhia.”



NA CERIMÓNIA COMEMORATIVA DO 25 DE ABRIL NO PALÁCIO DE BELÉM

# Autores da SPA laureados com a **Ordem da Liberdade**

OS AUTORES E ARTISTAS DA SPA estiveram muito bem representados em número e qualidade

decisão de unidade proposta por Cavaco Silva, que pode ser vista como um exemplo daquilo que as forças políticas e o povo deverão fazer nas circunstâncias actuais para salvar o País da crise.

Assinalando, igualmente, os 35 anos da instituição da Ordem da Liberdade, o Presidente da República condecorou várias entidades com diversos graus desta ordem honorífica, deferindo aos seus antecessores no cargo - Ramalho Eanes, Mário Soares e Jorge Sampaio - a imposição das insígnias a alguns dos agraciados.

Entre outros laureados, no dia 25 de Abril de 2011, receberam a Ordem da Liberdade, com o grau de Grande Oficial, as escritoras e ensaístas Isabel da Nóbrega e Maria Velho da Costa, duas defensoras dos

direitos das mulheres, e com o grau de Comendador, o realizador de televisão e jornalista Luís Filipe Costa e o maestro e compositor Pedro Osório.

Todos eles destacados autores da Sociedade Portuguesa de Autores, galardoados pela cooperativa - Isabel da Nóbrega foi distinguida com o Prémio Consagração de Carreira em 2008 e com prémios de grande

dimensão exteriores à organização / Pedro Osório recebeu já este ano da parte do governo e das mãos da ministra da Cultura, a Medalha de Mérito Cultural, durante a cerimónia de assinatura do protocolo para a instalação do Gabinete de Exportação da Música Portuguesa.

No decurso da inédita cerimónia, no Palácio de Belém, houve espaço ainda para um curto momento musical muito simbólico e de que os autores muito se orgulham, protagonizado pelos pianistas Bernardo Sasssetti e Mário Laginha, que interpretaram música de José Afonso.

Foram distinguidos ainda nesta cerimónia oficial com a Ordem da Liberdade, grau Grã Cruz, António Barbosa de Melo, Artur Santos Silva e Francisco Pinto Balsemão, enquanto o Banco Alimentar contra a Fome recebeu o título de Membro Honorário.

Maria Velho da Costa não compareceu na cerimónia por motivos de doença, tendo a insígnia sido recebida pelo seu filho, o sociólogo João Afonso Nunes.

No entanto, em contacto com a "Autores", a escritora admitiu ter ficado honrada e emocionada pela distinção que lhe foi atribuída e manifestou satisfação, sobretudo por ter sido acompanhada neste reconhecimento por Isabel da Nóbrega, por quem, disse, tem "muita estima e admiração". "Sem liberdade não há mais nada", sublinhou.

Por seu turno, Luís Filipe Costa comentou para a "Autores", naquele seu tom sempre irónico, mas determinado: "Um amigo, ao ver a transmissão da cerimónia na RTP, disse que a 'coleira' até nem me ficava mal. Esta 'coleira', claro. A da Liberdade. A única que aceito." **EE**



FOTOS: LUÍS FILIPE CATARINO/PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

na Cerimónia Comemorativa do 37.º Aniversário do 25 de Abril, que, este ano, por razões especiais de fecho da Assembleia da República, dada a situação de demissão do governo, decorreu no Palácio de Belém. Com a particularidade, que deverá ficar única na História de Portugal, de juntar nesta sessão os quatro últimos Presidentes da República. Uma

## LÍDIA JORGE RECEBE PRÉMIO DA LATINIDADE EM SESSÃO SOLENE NO INSTITUTO CAMÕES

O Prémio da Latinidade "João Neves da Fontoura" de 2011 foi entregue no passado dia 4 de Maio, em Lisboa, à escritora e galardoada cooperadora da SPA Lídia Jorge, numa sessão solene que teve lugar na sede do Instituto Camões.

Nesta sessão, onde se assinalou, também, o Dia da Latinidade, intervieram a presidente do Instituto Camões, Ana Paula Laborinho, o embaixador e secretário-geral da União Latina, José Luís Dicente Ballester, o presidente do júri, Eduardo Lourenço, o reitor da Universidade Aberta, Carlos Reis, que apresentou a laureada, e Lídia Jorge.

Encerrou a sessão solene o secretário de Estado dos Assuntos Europeus, Pedro Lourtie.

Presidido pelo ensaísta Eduardo Lourenço, o júri da edição do galardão deste ano decidiu atribuí-lo a Lídia Jorge "pela consagração da sua obra como escritora que muito tem contribuído para o enriquecimento do património cultural e literário do Portugal contemporâneo".

Até 2008 designado por Prémio da Latinidade "Troféu Latino", passou em 2009 a ter o nome de Prémio da Latinidade "João Neves da Fontoura", ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro a quem se deve a criação da União Latina como organização internacional.

Com este prémio, criado em 2002, a União

Latina visa homenagear uma personalidade ou instituição que se tenha distinguido, pela sua obra, na difusão da Latinidade, nos domínios artístico, literário ou científico. Nascida em Boliqueime, no Algarve, em 1946, Lídia Jorge licenciou-se em Filologia Românica na Universidade de Lisboa, deu aulas, escreveu 15 livros editados em várias línguas, entre eles romances, antologias de contos e uma peça de teatro. A publicação do seu primeiro romance, em 1980, "O Dia dos Prodígios", foi considerada marcante, num período em que se tinha iniciado uma nova fase da literatura portuguesa. Nas edições anteriores foram galardoados o cineasta Manoel de Oliveira (2002), o ensaísta Eduardo

Lourenço (2003), o arquitecto Álvaro Siza Vieira (2004), o ex-Presidente da República Mário Soares (2005), a investigadora de estudos clássicos Maria Helena da Rocha Pereira (2006), o historiador José Mattoso (2007), o actor e encenador Luís Miguel Cintra (2008), o artista plástico Júlio Pomar (2009) e o arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (2010). Fundada em 1954, a União Latina é composta por 36 Estados de língua oficial ou nacional românica e tem como objectivo promover a reflexão sobre os valores culturais e linguísticos do conjunto da comunidade latina e a consciência da identidade cultural comum destes povos.

## O Triunfo do Livro



DOS MAIS ANTIGOS E PRECIOSOS MANUSCRITOS, por vezes maravilhosamente iluminados, ou seja, cobertos de ricas ilustrações, à descoberta da imprensa, que inicia um processo de democratização da leitura, ao aparecimento dos primeiros jornais, ainda de reduzida circulação, ao surto da imprensa moderna, o livro, de começo destinado a um escol de leitores, não tarda a chegar às massas devido ao ruído social e até ao escândalo de obras como as de Victor Hugo, que trazem ao público o milagre, o mistério, a aventura prodigiosa.

O “Germinal” e outras obras de Zola foram extremamente motivadoras para a conquista de um círculo muito abrangente de leitores.

Só tarde se vulgarizou o subproduto romanesco, a partir de obras com certa qualidade, que foram imitadas, vulgarizadas, estereotipadas.

O livro, que às vezes provinha do folhetim, ganhou cor, beleza, tornou-se umas vezes discreto, outras vezes berrante para chamar a atenção do público mais simplório.

Suportou a concorrência do cinema e da televisão, com os quais estabeleceu relações íntimas de interpenetração.

Já muito mais tarde sofreu a concorrência da Internet e resistiu-lhe.

O modelo de globalização neo-liberal, que não afecta a grande literatura, marcou profundamente os subprodutos muito vendáveis, contendo lixo literário.

Há por vezes o que parece ser uma concessão a processos um pouco fáceis de sedução do leitor. Mas continua a fazer-se muito boa literatura.

A digitalização dos livros lançados na Internet preocupa alguns puristas,

mas a verdade é que o livro em papel resiste. É com ele que se adormece à noite e por fim nos cai das mãos ou é enfiado debaixo do travesseiro, companheiro querido, onde por vezes se escrevem anotações, juízos, comentários, críticas ou pequenos elogios, que o valorizam aos olhos dos bibliófilos.

O livro tornou-se um amigo, foi nele que em muitos casos, nos descobrimos, com ele crescemos e nos transformamos, permanecendo fiéis ao mais profundo da nossa natureza.

Lembro-me sempre do que foi para mim, como descoberta íntima do meu ser, a leitura de “L’exile et le royaume” de Albert Camus.

Camus, de quem vim a tornar-me amigo, morreu cedo, abruptamente, num acidente de automóvel.

Restam-me dele retratos e os seus livros, palpantes de vida, anotados por mim, desde “O mito de Sísifo”, que traduzi para português, aos outros, tão vivos, alguns cobertos de gatafunhos como “La chute”, que me inspirou o comportamento de um mentiroso compulsivo numa curta novela.

A terminar esta breve série de considerandos sobre o livro, a sua trajectória no tempo, a sua magia glorificada como resistência do espírito, que é e será contra a barbárie economicista, que reduz tudo a dinheiro.

Desejo que brilhe com a suprema luz da paz e da fraternidade universal este novo dia do livro.

*Urbano Tavares Rodrigues*

### FEIRAS DO LIVRO ESTIMULAM LEITURA

## Lisboa já encerrou pavilhões e o Porto ainda “mexe” até 12 de Junho

As feiras do livro de Lisboa e Porto, organizadas pela APEL, Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, constituem sempre uma oportunidade para estimular a leitura junto dos seus visitantes e dar a conhecer, não só as obras à venda nos diversos pavilhões, como também, muitas vezes pessoalmente, os seus autores, designadamente em sessões de autógrafos e outros eventos.

A Feira do Livro de Lisboa já fechou as portas, uma vez que decorreu este ano entre 28 de Abril e 15 de Maio. Mas no Porto o certame está ainda a decorrer, como vem sendo hábito, na Avenida dos Aliados, pois abriu a 26 de Maio, prolongando-se até 12 de Junho.

O evento em Lisboa contou “com aproximadamente 120 participantes” e “mais de 350 chancelas editoriais”, dispostos por uma área “equivalente a cerca de 260 pavilhões do modelo normalizado”, como de costume, no Parque Eduardo VII.

A associação que representa editores e livreiros diz que “continua a ter como propósito fundamental organizar um evento que pressupõe a promoção e difusão do livro e de obras multimédia em língua portuguesa, fomentar os hábitos de leitura dos portugueses e melhorar o seu nível de literacia”.

### SEMANA DOS LIVREIROS 2011

Pelo terceiro ano consecutivo, a APEL celebrou a “Semana dos Livreiros” de 21 a 27 de Abril. A iniciativa teve como propósito, uma vez mais, oferecer um conjunto de actividades culturais que promovem a leitura e assinalam o Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor, a 23 de Abril.

Ao longo da “Semana dos Livreiros”, existiram várias promoções em livros nas livrarias lisboetas aderentes, assim como sessões de autógrafos, lançamentos e apresentações.



A “Semana do Livreiro” deste ano contou com a participação da Bertrand Chiado e Bertrand Roma, Europa-América, Babel, FNAC Chiado, El Corte Inglés, Livraria Barata, Oficina do Livro 11 – Rossio, Oficina do Livro 23 – Rossio, Livraria CE Bucholz e Livraria CE Chiado.

**"PORTUGAL SEM FRONTEIRAS" RECEBE PRÉMIO EM LONDRES**

## "O Programa de Televisão do Ano para as Comunidades Portuguesas"

O AUTOR, APRESENTADOR E MÚSICO Carlos Alberto Moniz, membro da Direcção da SPA, e a sua companheira de apresentação televisiva, também cantora como ele, Diamantina, subiram ao palco, no passado dia 10 de Abril, na III Gala "As notícias/APE", no Hotel Pestana Chelsea Bridge, em Londres, para receber o



prémio máximo pelo seu programa "Portugal Sem Fronteiras", considerado "O Programa de Televisão do Ano para as Comunidades Portuguesas".

Há dois anos e meio a ser transmitido ao sábado, das 11 às 13 horas, na RTP 1, "Portugal sem Fronteiras" conta ainda no seu elenco com Carla Matos Godinho na reportagem dos estrangeiros a viver em Portugal, e com Rosário Sena, uma assessora de conteúdos que Carlos Alberto Moniz afirma ser um elemento crucial no equilíbrio e no êxito do programa, que é de sua autoria.

"Logo a seguir aos telejornais, 'Portugal sem Fronteiras' é o programa que recolhe mais share, é um dos programas mais vistos em Portugal", confiou à "Autores" o seu criador.

### "VISTO QUASE DE UMA MANEIRA RELIGIOSA"

"Dentro do país e no estrangeiro, nomeadamente em toda a Europa, nos Estados Unidos da América, na Austrália e em África, ou seja, nos países onde existem comunidades portuguesas e ponto de origem de muitos residentes em Portugal, o programa é visto quase de uma maneira religiosa", acentuou Carlos Alberto Moniz.

Muito satisfeito por ter conseguido "cumprir os desígnios" a que se propôs ao criar o "Portugal sem Fronteiras", sobretudo no que diz respeito à liberdade de expressão e à abertura ao mundo que ele proporciona – "há muitas comunidades estrangeiras a residir em Portugal e há sempre

um português que vence lá fora" –, Carlos Alberto Moniz acrescenta que "lá fora, adaptam os seus horários e refeições ao programa". Tal como aqui e em quase toda a Europa, ele se desenrola à hora do almoço, nos EUA é transmitido à hora do pequeno-almoço e, na Austrália, no horário nobre da hora do jantar.

"Este prémio é o reconhecimento de uma associação de 42 pessoas, em que o nosso programa foi votado por maioria absoluta", notou, orgulhoso.

Curiosamente, o troféu recebido em Londres é uma obra de cerâmica de uma conhecida artista plástica portuguesa, Teresa Maiuco, a viver na capital do Reino Unido.

Este programa familiar, como Carlos Alberto Moniz faz questão de classificar, irá continuar a ser transmitido na RTP 1, no mesmo horário, com aquelas mais-valias que o caracterizam também: a utilização de webcam para contactar em directo com os portugueses ou estrangeiros e o facto de os dois apresentadores serem pessoas e músicos com idades e memórias muito diferentes.

### "PROVE PORTUGAL" É NOVA APOSTA

Carlos Alberto Moniz vai entrar, também, numa nova aposta da RTP 1, tendo sido escolhido para apresentar o "Prove Portugal", um novo programa sobre gastronomia, ao lado de Ana Galvão, e que tem como repórteres Sérgio Oliveira, Dália Madruga e Teresa Perez.

Produzido por Mafalda Mendes de Almeida, directora-geral da Mandala, este novo formato terá dez episódios, onde se vai descobrir a gastronomia do nosso país, região a região.

Com as tardes de domingo como o dia mais apontado para a exibição de "Prove Portugal", ao longo de duas horas, esta é mais uma aposta na cultura que se alia ao entretenimento na estação pública.

O objectivo, já a prever a eleição das "Sete Maravilhas Gastronómicas de Portugal", é percorrer o país e "mostrar as características gastronómicas mais profundas, os produtos locais, as receitas mais tradicionais e fazer o paralelo entre o tradicional e a inovação", explicou Carlos Alberto Moniz à "Autores".

Segundo os seus produtores, "Prove Portugal" quer colocar a gastronomia no topo da oferta turística, apresentando as nossas melhores iguarias, região a região, a todos os turistas que nos visitam e aos potenciais interessados em adquiri-las. *Edite Esteves*

### PRÉMIO CAMÕES FOI ATRIBUÍDO A POETA MANUEL ANTÓNIO PINA

O escritor e cooperador da SPA Manuel António Pina, de 67 anos, poeta e autor de livros para crianças, é, desde o passado dia 12 de Maio, o 23.º Prémio Camões e o décimo português a recebê-lo (não contando com Luandino Vieira, escritor angolano nascido em Portugal, que o rejeitou em 2006).

Criado em 1989 por Portugal e pelo Brasil para distinguir um escritor cuja obra tenha contribuído para a projecção e reconhecimento da língua portuguesa, o Prémio Camões, no valor de 100 mil euros, foi atribuído a Manuel António Pina por unanimidade.

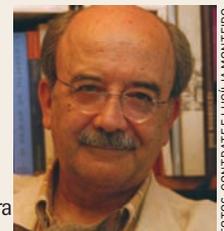
Integraram o júri desta 23.ª edição Rosa Maria Martelo (professora da Universidade do Porto), Abel Barros Baptista (professor da Universidade Nova de Lisboa), por Portugal, a escritora Edla Van Steen e o professor António Carlos Secchin, pelo Brasil e, em

representação dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), a professora Inocência Mata e a escritora Ana Paula Tavares.

Nascido no Sabugal, Guarda, em 1943, e licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, Manuel António Pina foi, durante muitos anos, jornalista, sendo actualmente tradutor, professor e cronista (escreve diariamente no "Jornal de Notícias").

Estreou-se primeiro na literatura para crianças, em 1973, com "O País das Pessoas de Pernas para o Ar" (agora reeditado pela editora Tcharan) e no ano seguinte como poeta, com o livro "Ainda Não É o Fim nem o Princípio do Mundo Calma É Apenas um Pouco Tarde", e nesses dois géneros tem muitos títulos publicados, ao contrário da ficção para adultos, género em que publicou apenas um, a novela "Os Papéis de K." (Assírio & Alvim, 2003).

A sua obra poética está traduzida em vários países e venceu os prémios da Fundação Luís Miguel Nava (2004) e da Associação Portuguesa de Escritores (2005) com o seu volume de poesia "Os Livros", editado pela Assírio em 2003.



FOTOS: CONTRATE E LUCILIA MONTEIRO

### "ESCRITOS DE PALCO" DE LEANDRO VALE LANÇADO COM O APOIO DO FUNDO CULTURAL

O livro "Escritos de Palco", onde estão incluídos textos da autoria de Leandro Vale, foi lançado no passado dia 19 de Abril, no Auditório Maestro Frederico de Freitas.

Editado pela Seara das Letras com o apoio do Fundo Cultural da SPA, o livro, que tem prefácio de César Príncipe, foi apresentado por José Jorge Letria.

Na mesma sessão, teve lugar a estreia de uma das peças publicadas na obra, "Do Lado de Lá, Detrás da Porta", interpretada por Joana Garras, com produção do Teatro Nova Morada e Teatro em Movimento, que o autor dirige.

Leandro Vale, nascido em Oliveira do Hospital, em 1941, é um homem do Teatro. Há 55 anos. Actor, encenador, dramaturgo e poeta, fez também rádio, cinema e jornalismo. Actuou em grandes e pequenos palcos. Trabalhou com o Mestre António Pedro e em companhias emblemáticas como o Teatro Experimental do Porto. Foi co-fundador do Centro Cultural de Évora com Mário Barradas. Fundou o Teatro em Movimento, que ainda dirige. Considera-se um trota-mundos do e pelo Teatro, o qual levou a lugares esquecidos pela cultura oficial e mercantil. Também, além-fronteiras, nomeadamente, à Suíça e a Cuba, onde se evidenciou como encenador, sendo o único autor português representado na Ilha da Revolução, conforme ainda há pouco tempo demos aqui notícia. Escreveu 147 peças de Teatro para miúdos e graúdos.

Este livro, cuja edição foi apoiada pelo Fundo Cultural da Sociedade Portuguesa de Autores, dá-nos a conhecer dez textos tragicómicos, realistas e fantásticos.



**DIA INTERNACIONAL DA DANÇA**  
29 DE ABRIL 2011

# Nove coreógrafos juntos numa peça no Teatro Camões

O DIA INTERNACIONAL DA DANÇA comemorado a 29 de Abril, foi assinalado, um pouco por todo o mundo por coreografias várias, em honra de Jean-Georges Noverre, o inventor do ballet moderno, na evocação dos 284 anos do seu nascimento.

Em Portugal, a efeméride, ficou marcada pela estreia de um espectáculo único da Companhia Nacional de Bailado, onde nove dos coreógrafos portugueses mais influentes, escolhidos pela directora da companhia, Luísa Taveira, se juntaram numa peça só.

Cada um dos coreógrafos, onde pontua o nome da cooperadora e galardeada da SPA Olga Roriz, criou uma peça de cinco minutos. Chama-se "Uma Coisa em Forma de Assim", nome que

remete directamente para o texto de Alexandre O'Neill com o mesmo nome, Com música a cargo de Bernardo Sasseti, o espectáculo foi levado à cena no Teatro Camões, em Lisboa.

O lote de escolhidos conteve valores seguros da dança numa espécie de dream team das artes de palco, como alguém já apelidou o grupo. Os coreógrafos e bailarinos Olga Roriz, Francisco Camacho, Madalena Victorino, Ana Lacerda, Rui Horta, Rui Lopes Graça, Vasco Wellenkamp, Clara Andermatt e Paulo Ribeiro tiveram à disposição 16 bailarinos e as duas mãos de Bernardo Sasseti que interpretou ao vivo, ao piano, a música composta exclusivamente para este espectáculo.

A cada um dos nove escolhidos atribuíram

apenas uma condição: cinco minutos, isto é, 300 segundos para contar a sua história. Olga Roriz, por exemplo, escolheu uma peça a solo com a bailarina Ana Lacerda numa espécie de homenagem a uma das mais conceituadas bailarinas portuguesas. Já Madalena Victorino usou todos os 16 bailarinos à sua disposição numa interpretação muito livre do título do espectáculo.

Todos os coreógrafos trabalharam separadamente e só depois de verem os resultados de cada um se decidiram por um alinhamento. O resultado é uma espécie de best off espontâneo, uma compilação de talento e ideias para ser consumido numa noite só, conceito que Noverre haveria de apreciar, se fosse vivo.

## NO CENTENÁRIO DA MORTE DO COMPOSITOR

### ANTÓNIO CARTAXO FAZ ECOAR A MÚSICA DE GUSTAV MAHLER

Uma vez mais, o grande comunicador, realizador de rádio e musicólogo António Cartaxo deslumbrou a assistência do Auditório Maestro Frederico de Freitas ao evocar por palavras e gestos entusiastas e pela audição intercalar a música empolgada do compositor e maestro austríaco Gustav Mahler. Nascido a 7 de Julho de 1860 em Kalischt, na Boémia, Mahler morreria a 18 de Maio de 1911, assinalando-se desta forma na SPA o centenário da sua morte.

Um dia, Malher disse "O meu tempo chegará" e, realmente, ele chegou. O compositor e maestro de ópera essencialmente é visto como um dos maiores compositores de todos os tempos, conforme lembrou Cartaxo. Na sua apresentação apaixonada e inquieta, como aliás sempre acontece, e entre muitas histórias paralelas mais intimistas, António Cartaxo afirmou que

Mahler é lembrado por ligar a música do século XIX com o período moderno, e pelas suas grandes sinfonias e ciclo de canções sinfónicas, como, por exemplo, a famosa "Das Lied von der Erde" ("A Canção da Terra"). É considerado também um exímio orquestrador, por usar combinações de instrumentos e timbres que expressavam as suas intenções de forma extremamente criativa, original e profunda. As suas obras, principalmente as sinfonias, são geralmente extensas e com orquestração variada e numerosa, utilizando ao mesmo tempo a orquestra e os grandes coros, intervalados por canções a solo.

"Uma parafernália de criações a soar a bandas militares e a fanfarras imponentes são uma das suas características", realçou Cartaxo, anotando que, por contraponto, por exemplo, ele adorava retirar-se no Verão para o Tirol ou para os Alpes Suíços para aí arquitectar as suas gigantescas sinfonias, "bebendo" para sua inspiração a beleza que o circundava. Aliás, a par das aves a despertar pela manhã e os múltiplos sons que ecoavam nas

montanhas, marca a sua obra também um certo carácter sombrio, algumas vezes ligado ao funesto.

### A "SINFONIA DOS MIL"

Com influência decisiva no seu trabalho da parte de Richard Wagner, o conjunto do seu trabalho artístico é formado



basicamente por canções (ou lied), 9 sinfonias completas (Mahler chegou a trabalhar numa décima, mas não conseguiu terminá-la) e um poema sinfónico. As sinfonias são as obras que mais se destacam na sua produção artística.

A música de Mahler é bastante pessoal e reflecte muito da personalidade e vida

do autor. As suas sinfonias, influenciadas pela literatura, são complexas, enormes, tanto na duração, quanto na quantidade de músicos necessários para a sua execução. Ele costumava dizer que as suas sinfonias deviam representar o mundo. De maneira parecida com a nona sinfonia de Beethoven, a voz humana é usada nas sinfonias números 2, 3, 4 e 8. E a sua sinfonia número 8, uma monumental sinfonia sobre textos bíblicos, requer mais de mil músicos, entre orquestra, solistas e um coral imenso, conforme realçou António Cartaxo, sendo conhecida exactamente por isso como "Sinfonia dos Mil". Gustav Mahler foi também o prenúncio de uma nova era da história da música, em que as composições passariam a ser atonais. Músicos famosos, dessa nova era, e que lhe sucederam, como Alban Berg e Arnold Schönberg, mostrariam respeito e admiração pelo músico. Schönberg escreveu sobre Mahler: "Em vez de perder-me em palavras, talvez fosse melhor dizer logo: acredito firmemente que Gustav Mahler foi um dos maiores homens e dos maiores artistas que jamais existiram." EE

## REVISITANDO AS PALAVRAS DE FÉLIX BERMUDES

O autor teatral Félix Bermudes, de seu nome completo Félix Redondo Adães Bermudes, nascido no Porto em 1874, foi, com Ernesto Rodrigues e João Bastos, um dos componentes da «Parceria» a que, entre outras peças de grande êxito, se deveram as comédias O Conde-Barão (1918), O Amigo de Peniche (1920) e O Leão da Estrela (1925) e a opereta O João Ratão (1920), obras ainda hoje bem conhecidas do grande

público. A um ano de completar o seu ciclo de vida de 86 Outonos, como ele gostava de se lhe referir, escreveu para o Boletim n.º 2, Outono de 1958, da então Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais, de que foi presidente entre 1927 e 1960, o texto que ora revisitamos nesta secção. Nele, o destacado autor conta com o humor que o caracterizava, as peripécias que envolviam

o trabalho da referida Parceria, de que estava arredada a tragédia, como género a explorar. Além das obras já destacadas e dos respectivos parceiros, Félix Bermudes escreveu ainda para o teatro, em colaboração com Ernesto Rodrigues e André Brun, A Pensão da Pacheca (1911), com este último e João Bastos, O Arroz de Quinze (1926) e com Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, O Tavares Rico (1934), A Bicha de Rabiar e As

### A PARCERIA (\*)

Por Félix Bermudes



Por este apelido - A Parceria - era designado o triunvirato de autores teatrais que, durante mais de vinte anos, encheu os palcos de originais portugueses ou de peças estrangeiras seleccionadas e adaptadas à feição do nosso público.

Alegria, mocidade espiritual, apreço mútuo e respeito pela profissão eram as características de todos os parceiros, incluindo os «independentes» - André Brun, Pereira Coelho e Lino Ferreira - que com frequência levavam transfusões de sangue vivo ao coração deste organismo da jovialidade nacional. O trio fixo, que só a morte separou, era constituído por Mestre Ernesto Rodrigues, Mestre João Bastos e pelo discípulo fiel que assina estas linhas. Ernesto Rodrigues e Félix Bermudes foram companheiros na vida desde a aula infantil da Escola Académica.

Não devo prosseguir sem esclarecer que entendo por «mocidade espiritual» o entusiasmo, o bom humor, a coragem, o espírito de iniciativa, a perseverança, a resistência moral que permite afrontar e vencer sem desânimo o enxame das dificuldades ambientes. Trata-se daquela faculdade vigilante que não permite à

velhice física exercer qualquer influência retardadora no progresso da alma.

Quando me perguntam a receita da minha boa conservação aos oitenta e cinco Outonos, respondo que todo o segredo está em «fazer os anos do avesso». Marchar no sentido contrário ao tempo, no que respeita ao envelhecimento do corpo físico, é pura fanfarronada; mas se reflectirmos na influência do tempo sobre o indivíduo humano, acabamos por verificar que, à medida que o corpo físico enfraquece com a idade, a alma se robustece de novos conhecimentos e faculdades e o «ego» não pára de crescer. É meditando sobre esta lei biológica que descobrimos a porta da Eternidade e compreendemos que o que em verdade nos importa é que seja eterna a alma e não o corpo, que não passa dum instrumento transitório e renovável.

Entre os frequentadores de estreias e de palcos, lavrou durante muitos anos uma acesa curiosidade sobre os métodos de trabalho da Parceria, sobre as funções de cada um de nós no labor colectivo, sobre as aptidões individuais com que cada unidade contribuía para a obra comum. Dominava a convicção de que um de nós era o pedreiro, outro o carpinteiro e o terceiro o pintor. Ora a verdade é que todos fazíamos de tudo; o trabalho era sempre executado em reunião conjunta com todas as presenças, funcionando os três cérebros como uma só máquina electrónica. Os curiosos, porém queriam averiguar de quem era determinado trecho, certo chiste feliz, tal ou tal ideia engenhosa. Em boa verdade

nenhum de nós sabia discernir o que era seu ou alheio, porque era tudo «nosso», tudo construído por contribuição geral; mas ainda quando era possível estabelecer a paternidade de qualquer fragmento, iludíamos sistematicamente o perguntador. O Ernesto respondia que o autor era o João; o João declarava que era eu; eu revelava com ar confidencial que era o Ernesto. Ao fim de algum tempo todos os curiosos se aperceberam da mistificação e reconheceram que seria mais fácil arrancar o segredo à própria Esfinge do que a um membro efectivo ou agregado da Parceria. E contudo, nunca entre nós se falou de «lealdade» nem de «camaradagem»; estas virtudes não eram invocadas, eram vividas, eram o ar que respiravam as nossas almas.

As lufadas de bom humor que lançávamos por esse Portugal fora e atravessavam o mar até ao Brasil começavam, como é justo, por nos envolver a nós. O ambiente de alegria em que trabalhávamos era reforçado por episódios de convívio que a todo o momento o reavivavam. Havia, por exemplo, um enorme chocalho de cabresto, suspenso debaixo da mesa de trabalho, com cordéis ligados para cada lugar. Quando um de nós se embalava atrás duma ideia que não tinha interesse, ou aventava uma piada sensaborona, havia sempre um carrasco que puxava o cordel, abafando sob a sentença atoadora do chocalho a desinspiração do orador. É inútil dizer que a vítima desprevenida era sempre quem ria com mais convicção.

Mas havia ainda outro processo eliminatório da sensaboria, menos estrondoso do que

Meninas Pires (1936).

Publicou também um volume de versos e novelas *Cinzas e Nada* (1923), um ensaio de filosofia política *Aos Meus Irmãos Comunistas* (1949), outro de inspiração teológica *O Homem Condenado a Ser Deus* e uma notável tradução dos *Versos Dourados dos Pitagóricos*. Félix Bermudes, que foi presidente da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais, "mãe"

da actual Sociedade Portuguesa de Autores, durante 33 anos, morreu em Lisboa em 1960. A recuperação deste texto, que foi publicado na antecessora da "Autores" um ano antes da sua morte, é mais um valioso contributo "para levar por diante a preservação e difusão de uma memória colectiva que pertence a todos os autores portugueses e, conseqüentemente, à cultura portuguesa".

O que a SPA pretende é que, ao lerem este e outros artigos publicados nesta revista, desde a sua criação, em meados de 1958, ainda sob a forma de boletim, e assinados por grandes nomes de autores portugueses, todos já falecidos, os leitores se apercebam "da importância da SPA como instituição cultural de referência, ao longo de mais de oito décadas". EE

o chocalho, mas muito mais mordente - era o «cesto». Em boa verdade não havia cesto algum, mas tínhamos convencionado a presença abstracta de um abismo, em forma de cesto de papéis sem fundo, para onde eram jogadas todas as proposições que trouxessem a marca da fábrica «Banalidade». Bastava que um dos presentes pronunciasse a maldição fatídica «cesto!» para pulverizar atómicamente a ideia em curso. Entretanto, é justo confessar que algumas vezes tivemos de ir buscar ao «cesto» ideias para lá arremessadas por precipitação de análise ou simples espírito de zombaria amena.

O certo, porém, é que este processo sumário de guilhotina evitava que algum de nós se agarrasse às suas ideias e pretendesse discutilas, o que seria contraproducente neste género de colaboração intelectual, em que a mínima oscilação de nível é fatal para a obra.

Tínhamos também, numa parede, um prato de faiança, onde se inscreviam todas as «paulitadas» ditas ou escritas, todos os deslizes de semântica ou de ortografia, ocorridos durante a colaboração. A asneira ficava em pelourinho até surgir outra que a substituísse no quadro de honra. Eu, que tive a infelicidade de ser ingurgitado de gramática quando era pequeno, ia escapando ao «prato», com revolta da malta, que ardia em pulgas por me pilhar em falso. Como ninguém foge à sua sorte, um dia, ao passar ao papel uma cena que tínhamos acabado de delinear e metia petiscos, escrevi desta forma pitoresca a palavra «ameijo-a». Poderia ter escapado, se ao ler em voz alta o que

escrevera não me denunciasse o riso, pela inovação de conjugar um molusco. A turba clamorosa não reconheceu a atenuante da confissão espontânea e a minha vez chegou de fornecer um «prato» de marisco.

Noutra ocasião, o Lino, que era o mais assíduo frequentador do «prato», entrou um pouco tarde e começou por dizer: «ó rapazes, vocês ha-dem»... «Prato!» rugiu a malta em coro. «Não é preciso», disse o Lino, «estão aqui pratos para todos», e distribuiu os que trazia ocultos na gabardine.

Todas as modalidades de teatro foram abordadas pela Parceria, com excepção do drama, que não era admitido à convivência daquela grei que só encarava da Vida a face cor-de-rosa. Encontram-se no seu vasto repertório a fantasia mágica *A Semana dos Nove Dias*, *O Sonho Doirado*, *O Bolo-Rei*; as comédias de costumes *O Conde-Barão*, *O Amigo de Peniche*, *O Leão da Estrela*; a opereta internacional *Miss J. P. C.*; a peça de aventuras, com *Far-West*, *cow-boys* e *peles vermelhas* *A Pérola Negra*; a opereta bairrista *A Flor do Bairro*; a opereta burlesca *O Poço do Bispo*; o após-guerra *O João Ratão*; as farsas *O Arroz Doce*, *O Aldrabão*, *O Rei do Lixo*.

Para o género revista criou a Parceria um figurino de espectáculo que lhe era peculiar, com um roteiro técnico baseado nas condições orgânicas da época, em que um único grupo de coristas tinha de executar todo o trabalho de massas, e os poucos artistas, de elencos sempre escassos, tinham de alternar com intervalos convenientes e em naipes variados. O esquema da Parceria,

mais ou menos adoptado pelas gerações de revisteiros que vieram depois, obedecia à seguinte fórmula:

1º Acto - Quadro de abertura, estruturado em fantasia; quadro de comédia; quadro de rua, com as actualidades; apoteose.

2º Acto - Dois quadros de variedades, números com cenários próprios e apoteose.

A repetição deste esquema não derivava de falta de imaginação dos autores, mas da escassez de recursos cénicos e da carência de grupos coreográficos ou artísticos a reforçar o elenco. Toda a série de problemas originários dum espectáculo de revista tinha de ser resolvida com a «prata da casa», o que só podia conseguir-se pela fórmula mágica em que a Parceria se fixou.

Como quadros de comédia emoldurados em revistas, vem à colação citar: o da «Cozinha» da *Agulha em Palheiro*; o da «Esquadra» do *Capote e Lenço*; o da «Boa Hora» da *Maré de Rosas*; «*A Pensão da Pacheca*» do *Cacaroco*; o «*Cola-tudo*» do *Diabo a Quatro*; o «*Restaurante Vegetariano*» do *Novo Mundo*; «*O Home do Futuro*», da *Meia-Noite*.

Outros agrupamentos de autores teatrais se constituíram e continuarão a constituir-se, à imagem da Parceria primitiva; mas se quiserem perdurar e ver perdurar a sua obra, tudo os aconselha a adoptar o Estatuto Constitucional da Fundadora: respeito pela profissão, apreço mútuo, mocidade espiritual e Alegria.

(\*) Boletim n.º 2, Outono de 1958, p. 11-12.



Com o objectivo de proporcionar sempre mais e melhores serviços aos autores, a Administração da SPA acaba de reforçar o serviço "Autores Mais", fruto de um longo trabalho de negociações e pesquisa de parcerias. Através desta rubrica os cooperadores e beneficiários da nossa cooperativa passam a usufruir de condições especiais e de importantes vantagens de utilização relativamente a prestigiadas marcas de bens e serviços da sociedade portuguesa, mediante a apresentação do cartão de sócio da SPA.

Os acordos estabelecidos até ao momento englobam:

## Mais de 40 boas razões para fazer as malas

Escolha o Programa que lhe traz mais vantagens e parta à descoberta do melhor de Portugal com as Pousadas.

### **PASSAPORTE POUSADAS**

5 NOITES por 475€  
inclui 3 vouchers de 20% de desconto nos Restaurantes

### **PASSAPORTE IDADE DE OURO**

5 NOITES por 400€  
Inclui 3 de 20% de desconto nos Restaurantes

### **ESCAPADAS DE 2 NOITES**

Pequenas pausas que prometem grandes momentos.  
Desde 75€ quarto/noite 2 pessoas, alojamento e pequeno-almoço.

### **PELAS ROTAS DAS POUSADAS**

3 ou 5 NOITES  
Pelo Minho, pelas Beiras ou pelos Castelos do Alentejo, em Rotas culturais ou gastronómicas, parta à descoberta de Portugal com as nossas Rotas.

Saiba todas as propostas de Rotas em [www.pousadas.pt](http://www.pousadas.pt).

### **PROGRAMA IDADE DE OURO**

Se tem 55 anos ou mais, esta oferta é especialmente para si, 15% de desconto, no alojamento e pequeno-almoço, sobre o Melhor Preço Disponível.

### **PÁSCOA NAS POUSADAS**

4 NOITES de alojamento e pequeno-almoço.  
Aproveite as férias escolares e marque já:

- Oferta do alojamento e das refeições (menu infantil) das crianças (máx. 2 crianças, até aos 12 anos, quando acompanhadas pelos pais no Restaurante).

Válido de 11 a 25 de Abril de 2011.



**POUSADAS  
DE PORTUGAL**

Viaje pela História. A sua.

Para saber mais sobre o melhor da vida, ligue 21 844 20 01 ou visite [www.pousadas.pt](http://www.pousadas.pt).



## VANTAGENS ÚNICAS PARA ASSOCIADOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES NOS PESTANA HOTELS & RESORTS E POUSADAS DE PORTUGAL

Desconto de 10% para os sócios da SPAutores nas estadias e comidas e bebidas em todos os Hotéis e Resorts Pestana em Portugal.

Para aproveitar esta oferta, válida sobre o melhor preço disponível, incluindo promoções em vigor no site pestana.com ou noutras campanhas pontuais, os Associados devem apresentar o seu cartão no check-in dos hotéis Pestana em Portugal.

Descubra ainda mais Vantagens Exclusivas para Associados SPAutores nas Pousadas de Portugal e nos Pestana Hotels & Resorts Pestana em África e na América do Sul!

Informações e Reservas:

**Pousadas de Portugal: 21 8442001 ou**  
**guest@pousadas.pt**

**Pestana Hotels & Resorts Portugal:**  
**28 224 00 01**

**ou reservas.portugal@pestana.com**

**Pestana Hotels & Resorts em América do Sul:**

**reservas@pestanahotels.com.br**

**ÁFRICA**

– Moçambique e África do Sul

**reservas.africa@pestana.com**

**+258 2130 5000**

– Cabo Verde

**reservas.tropico@pestana.com**

**+238 261 4200**

– São Tomé e Príncipe

**reservas.stome@pestana.com**

**+239 2244 500**

**AMÉRICA DO SUL**

**aferreira@pestanahotels.com.br**



**Ser sócio ACP é ter:**

Médico em casa por apenas 10€, mecânicos aptos para assistir a viatura no local, técnicos de assistência no lar, escola de condução com elevada taxa de sucesso, apoio jurídico, seguros nas melhores condições do mercado, facilidade para tratar da documentação, combustíveis mais baratos, bilhetes de cinema a preços de 2ª feira, descontos em parceiros por todo o país e muito mais!

ACP? Claro que sou sócio!

Oferta: Para SPAUTORES na adesão ao ACP: Isenção de Jóia e 10% na 1ª anuidade

Vá já uma delegação ACP ou ligue **707 509 510**, atendimento 24h.

**www.acp.pt**



100 pontos na adesão ao cartão FNAC  
**www.fnac.pt**



Um conjunto de descontos proporcionados aos associados, seus cônjuges e filhos.  
**www.universidade-autonoma.pt**  
**tel. 800 291 291**



O Plano Pro-cooperadores contempla significativas vantagens num tarifário apelativo. contactar: **rodrigo.breia@corp.vodafone.pt**



Seguro de saúde para autores com menos de 45 anos. **www.casadaimpresa.pt**  
Tel. **21 342 02 7778**  
email: **sevgerais@casadaimpresa.pt**



Descontos em todas as lojas de 20% em óculos graduados (aros e lentes); 15% em óculos de sol; 10% em lentes de contacto, líquidos e outro material óptico. **www.optivisao.pt**



10% de desconto na tarifa promocional nas viaturas de passageiros, de viaturas comerciais e na tarifa promocional internacional. Para reservas (contrato nº 50432483) **www.europcar.pt**  
tel. **351 21 940 77 90**  
Email: **reservas@europcar.com**



20% desconto pela utilização do estúdio.  
**www.mdlestudios.com**  
Para marcações:  
Telm : **93 400 59 24**  
Email: **celiacosta@mdlestudios.com**



15% desconto de sobre os preços em vigor, em todos os serviços (Banhos Relaxantes, Massagens Terapêuticas, Acupunctura e outras Terapias Alternativas). Pacotes de serviços com um preço especial. Para marcações contactar: Vanessa  
Telefone: **217157010**  
Telemóvel: **917448484**  
**www.nipon-terapias.com**



Oferta da inscrição inicial, existindo apenas o pagamento de 25€ para despesas administrativas e testes iniciais 10% na mensalidade em todos os clubes do país. **www.holmesplace.pt**



Descontos de 30 e 45% na assinatura anual e bi-anual, respectivamente, nas publicações Visão, Expresso Exame, Jornal de Letras, Courier Internacional, Activa, Casa Cláudia e Exame Informática.



10% de desconto no alojamento HOTEL LISBOA CENTRAL PARK  
Morada: Av. Sidónio Pais, nº 4  
1050-214 Lisboa  
Email: **info@lcpark.com**  
RESERVAS: Tel.: **21 350 2060**  
FAX: **21 352 6703 / 21 356 2144**

“Autores Mais” é um benefício exclusivo dos autores da SPA e não representa nenhum custo adicional para os sócios. Para informações mais detalhadas contactar os serviços.

## LIVRO BRANCO DA SAA ABRE DEBATE INTERNACIONAL

**Em causa os direitos e remuneração dos autores audiovisuais na Europa**

A Sociedade de Autores Audiovisuais (SAA) publicou um Livro Branco, que pode ser consultado online, com o intuito de abrir o debate, tanto a nível nacional como europeu, sobre a situação dos autores audiovisuais e possíveis soluções para os novos desafios que enfrentam.

Com a publicação deste Livro Branco, a SAA tem por objectivo chamar a atenção para a situação jurídica e prática dos autores audiovisuais na Europa no que diz respeito aos seus direitos e à sua remuneração, assumindo que são necessárias novas soluções na era digital.

A Sociedade de Autores Audiovisuais (SAA) agrupa as Sociedades de Gestão Colectiva de Autores Audiovisuais da Europa. Por intermédio dos seus 24 membros, entre os quais a SPA, espalhados por 17 países, representa actualmente mais de 118 mil argumentistas e realizadores cinematográficos, televisivos e de outras obras audiovisuais, tendo como principais objectivos:

- defender e reforçar os direitos económicos e morais dos autores audiovisuais (argumentistas e realizadores);
- desenvolver, promover e facilitar a gestão de direitos pelas sociedades membros;
- assegurar uma remuneração justa para os autores audiovisuais pela utilização das suas obras.

A SAA foi criada em resposta a uma necessidade sentida de reforçar a posição jurídica dos autores audiovisuais (argumentistas e realizadores) e lutar por um sistema de remuneração harmonizado, transparente e justo no que se refere à utilização digital

económico como cultural. Actualmente, a indústria audiovisual europeia é responsável por cerca de um milhão de postos de trabalho directos, tendo registado, em 2009, um crescimento das suas receitas superior a 108 mil milhões de euros. A SAA acredita que é chegada a altura de reconhecer o valor da contribuição dos autores audiovisuais e garantir que, no futuro, não ficam para trás no que se refere a serem justamente

recompensados pelo seu trabalho. A SAA tem por missão assegurar que os argumentistas e realizadores continuem a estar no centro da economia digital, sendo remunerados de forma justa em conformidade com o êxito financeiro do seu trabalho.

Face à publicação do Livro Branco da SAA, o aclamado cineasta greco-francês Costa-Gravas comentou: “O apoio dos políticos não tem sido suficientemente activo no que diz respeito a encontrar formas de distribuir os filmes europeus em todos os países europeus. Para alterar a situação é importante que haja um esforço colectivo e, neste contexto, o trabalho desenvolvido pela SAA é fundamental.”

Para Gerhard Pfennig, Presidente do Conselho de Administração da SAA, “a digitalização cria novos desafios aos autores e respectivas sociedades de gestão

de filmes e outros programas audiovisuais.

A indústria audiovisual representa um contributo fundamental para a Europa, tanto a nível

colectiva. Enquanto as sociedades estão a responder activamente às exigências das novas plataformas de distribuição, necessitam do apoio assegurado pela protecção legislativa, a nível europeu e nacional, por forma a garantir que os autores continuam a obter benefícios financeiros pela utilização e o acesso às suas obras. As novas tecnologias devem beneficiar os utilizadores, a indústria cultural, as redes de comunicação – e também os criadores.”

O Livro Branco contém informações sobre a situação vivida pelos autores audiovisuais europeus no que diz respeito aos seus direitos e à sua remuneração, realçando os problemas existentes e apresentando soluções com base na experiência e know-how das sociedades de gestão colectiva.

Após apresentar uma síntese alargada das principais observações que figuram no Livro Branco, a SAA considera que os pagamentos únicos de carácter global e definitivo (“buy-out” payments), tal como existem em muitos países, devem ser abolidos. E argumenta que as Tecnologias da Informação e Comunicação permitem hoje a criação de novos sistemas de remuneração com base nas fontes de receita da exploração de filmes e outras obras audiovisuais.

“Um sistema aperfeiçoado de pagamentos a autores audiovisuais pela exploração das suas obras deve, pois, constituir uma prioridade para a Comissão Europeia”, conclui, salientando que isto irá libertar o potencial do sector audiovisual europeu e desenvolver um sistema de remuneração sustentável para autores audiovisuais, para além de proporcionar clareza e segurança aos utilizadores e consumidores no que se refere aos direitos e às utilizações licenciadas por toda a Europa.

O presente Livro Branco pode ser consultado no link [http://www.saaauthors.eu/dbfiles/mfile/1400/1468/SAA\\_white\\_paper\\_english\\_version.pdf](http://www.saaauthors.eu/dbfiles/mfile/1400/1468/SAA_white_paper_english_version.pdf).



## DUBLIN

**SPA REELEITA PARA O COMITÉ EXECUTIVO DO CIADLV**

A SPA foi reeleita para mais um mandato de dois anos no Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos Literários e Audiovisuais, durante a assembleia-geral daquele conselho realizada em Dublin, nos dias 13 e 14 de Abril. A presença no Comité Executivo do CIADLV volta a ser assegurada por José Jorge Letria, Presidente da Direcção e do Conselho de Administração, que já representa a SPA naquela estrutura de direcção desde 2005.

Participaram na assembleia-geral de Dublin cerca de 60 representantes de sociedades de autores provenientes de mais de duas dezenas de países. O presidente da SPA interveio no primeiro dia da assembleia com uma comunicação sobre o contributo da economia da cultura para o combate à

crise. Participaram na assembleia de Dublin o ministro da Cultura da Irlanda e o vereador da Cultura da capital do país, para além de um grande número de realizadores de cinema e televisão, escritores e dramaturgos. O Comité Executivo do CIADLV será presidido nos próximos dois anos pelo realizador e argumentista Yves Nilly, da SACD, de França, e integra oito elementos de outros tantos países. Participaram também na assembleia de Dublin representantes das sociedades de autores do Brasil e da Argentina. Recorde-se que a assembleia-geral do CIADLV em 2006 decorreu em Lisboa, com a SPA como anfitriã. No debate com o ministro da Cultura Jimmy Reeniban foi referida a semelhança das crises irlandesa e portuguesa e o contributo que a cultura, os autores e os artistas podem dar para as superar.

Lisboa, 19 de Abril de 2011  
O Conselho de Administração

## PRAGA

**CISAC REÚNE COMITÉ EUROPEU EM LISBOA EM ABRIL DE 2012**

A assembleia anual do Comité Europeu da CISAC (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores) realizar-se-à em Lisboa, no final de Abril de 2012, tendo a SPA como anfitriã e co-organizadora. Esta decisão foi tomada por unanimidade no final da assembleia daquele comité realizada em Praga, nos dias 28 e 29 de Abril, passado, no qual a SPA esteve representada pelo seu Presidente, José Jorge Letria, e pela directora do Departamento de Relações Internacionais Dra. Vanda Guerra. Em Praga estiveram mais de 80 dirigentes de cerca de 50 sociedades europeias, representando todas as disciplinas criativas, tendo sido discutidos assuntos como as relações das sociedades de autor com a CISAC e com o GESAC, novos modelos de contratualização dos repertórios, os desafios colocados por novas tecnologias de comunicação e ainda os efeitos da crise

económica e financeira global no mundo do direito de autor. Durante dois dias, dezenas de sociedades que irão estar presentes em Lisboa na Primavera de 2012 fizeram o diagnóstico da gestão colectiva do direito de autor. A assembleia anual do Comité Europeu da CISAC é o mais importante evento daquela confederação logo a seguir à assembleia-geral que este ano decorrerá em Bruxelas no início de Junho, sendo precedida, na mesma capital pela Cimeira Mundial do Direito de Autor. Na assembleia do Comité Europeu programada para Lisboa está prevista a participação de mais de 80 representantes de cerca de 50 sociedades de autores de todas as áreas criativas. A escolha de Lisboa e da SPA como sociedade anfitriã foi recebida com entusiasmo por todos os presentes. Pelo caminho ficaram outras cidades, designadamente devido ao facto de, após as assembleias deste comité terem decorrido em capitais como Estocolmo e Istambul, se ter decidido deslocar o evento para a Europa do Sul.

Lisboa, 3 de Maio de 2011  
O Conselho de Administração



## II GALA SPA/RTP

# VENCEDORES DO PRÉMIO AUTORES 2011

### CINEMA

#### MELHOR ARGUMENTO

*Carlos Saboga*  
"Mistérios de Lisboa"

#### MELHOR ACTRIZ

*Beatriz Batarda*  
"Duas Mulheres"

#### MELHOR ACTOR

*Cláudio da Silva*  
"Filme do Desassossego"

#### MELHOR FILME

*"Filme do Desassossego"*  
*João Botelho*

#### JÚRI

Jorge Leitão Ramos  
Rui Tendinha  
António Loja Neves

### ARTES VISUAIS

#### MELHOR EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

*"Viva a República"*  
*Henrique Cayatte*

#### MELHOR TRABALHO DE FOTOGRAFIA

*"Street Photography  
Exposição Tributo"* *Rui Palla*

#### MELHOR TRABALHO CENOGRÁFICO

*"Húmus"*  
*Luís Castro*

#### JÚRI

Fernando Filipe  
António Casimiro  
Inácio Ludgero

### MÚSICA

#### MELHOR CANÇÃO

*"Retrato"* do Álbum Carlos do Carmo e Bernardo Sasseti  
*Mário Cláudio e Bernardo Sasseti*

#### MELHOR DISCO

*"Mongrel"* *Mário Laginha Trio*

#### MELHOR TRABALHO MÚSICA ERUDITA

*"Concerto para Piano"*  
*Sérgio Azevedo*

#### JÚRI

Nuno Galopim  
Viriato Teles  
João Freitas Branco

### LITERATURA

#### MELHOR LIVRO DE FICÇÃO NARRATIVA

*"Uma Viagem à Índia"*  
*Gonçalo M. Tavares*

#### MELHOR LIVRO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

*"A Contradição Humana"*  
*Afonso Cruz*

#### MELHOR LIVRO DE POESIA

*"Depois de Dezembro"*  
*António Carlos Cortez*

#### JÚRI

Rita Pimenta  
Annabela Rita

### TEATRO

#### MELHOR TEXTO PORTUGUÊS REPRESENTADO

*"A Casa dos Anjos"*  
*Luís Mário Lopes*

#### MELHOR ACTRIZ

*Isabel Abreu*  
"Blackbird"

#### MELHOR ACTOR

*Miguel Guilherme*  
"Senhor Puntilla e o seu Criado  
Matti" e "Blackbird"

#### MELHOR ESPECTÁCULO

*"Quixote"*  
*João Brites*

#### JÚRI

Maria Helena Serôdio  
Rui Monteiro  
Rui Pina Coelho

### DANÇA

#### MELHOR COREOGRAFIA

*"Paisagens...onde o negro é cor"*  
Projecto Dedicatória 2010"  
*Paulo Ribeiro*

#### JÚRI

Cláudia Galhós  
Maria José Fazenda  
Daniel Tércio

### RÁDIO

#### MELHOR PROGRAMA

*"Pessoal... e Transmissível"*  
*Carlos Vaz Marques (TSF)*

#### JÚRI

Luís Filipe Costa  
João David Nunes  
Paulo Sérgio

### TELEVISÃO

#### MELHOR PROGRAMA DE INFORMAÇÃO

*"Condenados"*  
*Sofia Pinto Coelho (SIC)*

#### MELHOR PROGRAMA DE FICÇÃO

*"A Noite Sangrenta"*  
*Tiago Guedes e Frederico Serra  
(RTP)*

#### MELHOR PROGRAMA DE ENTRETENIMENTO

*"As Horas do Douro"*  
*António Barreto e Joana Pontes  
(RTP)*

#### JÚRI

António Loja Neves  
Jorge Leitão Ramos  
José Nuno Martins

### PRÉMIOS ESPECIAIS

#### MELHOR PROGRAMAÇÃO CULTURAL AUTÁRQUICA

*Câmara Municipal de Lisboa*

#### PRÉMIO VIDA E OBRA AUTOR INTERNACIONAL

*Patrice Chéreau*

#### PRÉMIO VIDA E OBRA AUTOR NACIONAL

*Eduardo Lourenço*

#### JÚRI

Direcção da SPA

**Nota de Redacção:** Por um lamentável engano, a lista de nomeados e vencedores do Prémio Autores 2011, atribuído na II Gala SPA/RTP, transmitida em directo, no dia 21 de Fevereiro, do CCB para todo o mundo, foi publicada na edição anterior da "Autores" com alguns erros, quanto aos verdadeiros premiados no importante evento. Do facto, pedimos desculpa a todos os envolvidos, deixando aqui bem clara a lista dos reais vencedores nas diversas categorias.

